

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

GABRIELA NAIARA DE SOUZA CANDEU

**As potencialidades da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia:
estudo em duas escolas públicas da rede estadual de São Paulo**

DISSERTAÇÃO

São Paulo
2020

GABRIELA NAIARA DE SOUZA CANDEU

**As potencialidades da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia:
estudo em duas escolas públicas da rede estadual de São Paulo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Orientador: Eduardo Donizete Giroto

São Paulo
2020

CANDEU, G. N. De Souza. **As potencialidades da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia:** estudo em duas escolas públicas da rede estadual de São Paulo. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Agradecimentos

Por toda a Geografia, dentro e fora da sala de aula, pelo espírito de professora que me trouxe até aqui e que vai além de qualquer título. Por toda dedicação e inspiração, primeiramente, preciso agradecer a todos meus professores de geografia. A todos estes profissionais que, às vezes sem querer e outras sem perceber, cruzaram e marcaram meu caminho como estudante, geógrafa, professora e como ser humano. Todos eles me fizeram ver o mundo e me localizar nele, não como um pino colado em um mapa, mas como corpo e espírito cheios de energia em movimento, transformando o meio em que vivo e a realidade que habito. Agradeço imensamente por terem me proporcionado intuitivamente chegar até aqui através do compartilhar de suas ideias e ideais. Evandro, Elenita, Claudio, Carminha, Rosângela, Everaldo, Bernardo, Janaina, Raul e Paula, entre tantos outros professores e professoras que diretamente influenciaram minha trajetória até aqui, agradeço a todos de coração. Dentre todos eles, quero agradecer principalmente ao meu professor e orientador, Eduardo Giroto, por esses três anos de diálogos e aprendizados durante o mestrado, por acreditar na minha pesquisa e na minha vontade de desbravar os potenciais que percebo na união da linguagem cinematográfica com o ensino de Geografia. Principalmente quero agradecê-lo por se fazer presente nesta discussão e por não desistir, mesmo que difícil o caminho, por defender a cada dia a Geografia, os professores e o ensino.

Como já agradei aos meus professores por terem me ensinado a Geografia, agora vou agradecer às pessoas que me ensinaram o que me proporcionou chegar até ela. Entre essas pessoas três se destacam essencialmente, três mulheres, que me proporcionaram a vida e me ensinaram os valores dela. Foram essas mulheres que me falaram sobre a importância da dedicação, sobre o bem, a dor e o amor. Me ensinaram sobre a infinitude de tudo o que eu poderia aprender, das oportunidades que eu poderia ter e das que eu não poderia perder. Minha mãe Danyelle, minha avó Irene e minha bisavó Rosa, as três mulheres com quem aprendi a aprender e um pouco sobre ensinar, sem dúvidas são as pessoas a quem mais dedico todas as conquistas da minha vida, de ser professora, de me tornar mestre e de ter entrado na Universidade de São Paulo, sonhos de menina que muitas vezes duvidei alcançar e que graças à dedicação e ao esforço delas eu pude conquistar. Dentre elas, uma não estará presente para saber que me tornei mestre, e a ela, que tanto me inspirou sobre Deus, sobre a vida e sobre o amor, o ser humano mais doce que já conheci, minha bisavó, à senhora, principalmente, dedico esta conquista. À minha avó agradeço todo o cuidado desde sempre, ao colo, ao aconchego e por acreditar em mim muitas vezes mais do que eu mesma. Por último, em sequência cronológica e de maior dedicação, agradeço à minha mãe, esta mulher que me faz sempre ir mais longe, que me inspira pela força de vontade e dedicação, que não poupou esforços para ser o pilar mais forte no meu

caminho até aqui. A ela agradeço por sempre me dizer para continuar mesmo tendo que ir para longe, de frente ao desconhecido, sempre seguindo e persistindo. Obrigada, mãe, por nunca me abandonar. Além delas, agradeço a toda minha família, ao meu pai pela vida, aos meus irmãos pelo companheirismo, minhas tias, tios, primas e primos por compor minha família, também agradeço ao José, à Beth e ao Antônio, que mesmo não sendo de sangue, são uma família para mim.

Além dessas três mulheres que mencionei, existiram tantas outras, minhas melhores amigas, que sempre me deram força e me incentivaram. Entre elas, Marina, minha amiga irmã que sempre esteve ao meu lado, seja na biblioteca ou nas peças de teatro, estava lá sempre compartilhando discussões filosóficas, artísticas e educacionais, minha companheira de tantas xícaras de cafés e taças de vinho, obrigada por toda inspiração e suporte nesse período. Além dela, agradeço à Bia, Thainara, Fernanda, Leticia, Lorena, Mercedes, Anne, Marina, Michele, Jowel, Gené, Isa e Luiza, por serem mulheres que me inspiram em vida, agradeço muito a todas vocês. Além das mulheres também tiveram meus amigos, que tanto participaram do meu caminho, em especial agradeço ao Benjamin, por sempre acreditar no meu potencial de criar e voar, agradeço também ao Raphael, Thiago, Gabriel, Jordan e família, Clécio, Sam, João, Vincent, Albert e Danilo, agradeço a todos vocês e a todos meus colegas de sala de faculdade e de mestrado, pelas conversas, pelas indicações de textos e pelas trocas afetivas. Obrigada a cada um de vocês por fazer parte do meu caminho e contribuir direta e indiretamente para esta pesquisa.

Fazer um mestrado, por mais que seja um trabalho em equipe, às vezes se torna muito solitário. São nesses momentos, quando florescem sentimentos de solidão, longe da sala de aula, dos professores, dos alunos, da família, dos amigos e colegas, que me fazem perceber a importância de algumas pessoas para essa pesquisa, pessoas que, surpreendentemente, não sabem da existência dela. Essas pessoas são os artistas. As musicistas e os músicos, cineastas, artistas plásticos, as atrizes e os atores, as dançarinas e os dançarinos, as poetisas e os poetas, artistas circenses, capoeiristas e, sem dúvidas, os filósofos, porque filosofar é sim uma arte. Juntamente a todas e todos estes artistas estão especialmente as crianças, que fazem do viver uma arte que sempre me inspira. Essas pessoas, mesmo sem saberem, por muitas vezes foram as que me proporcionaram toda a energia que me manteve no movimento dessa pesquisa, como também da vida. Mesmo que não saibam ou talvez nem imaginem, estão presentes aqui, em cada linha, e sou imensamente grata a todas elas.

Resumo

CANDEU, G. N. De Souza. **As potencialidades da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia**: estudo em duas escolas públicas da rede estadual de São Paulo. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. 2020.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com o objetivo de investigar as implicações na sala de aula dos potenciais da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. A relação entre geografia e imagem é historicamente referenciada desde a construção da ciência geográfica por geógrafos como Kant, Humboldt e Vidal de La Blache. Além dos geógrafos, vários autores se debruçaram em criar conceitos e investigar as relações entre a linguagem cinematográfica, a Educação e a Filosofia. Deleuze, Cabrera e Bakhtin foram alguns dos que impulsionaram esse movimento de como as imagens fazem pensar e pensam por si só. Essas teorias repercutem e se desdobram até hoje na nossa sociedade e cada vez mais constituem um discurso presente dentro das universidades, escolas e centros de pesquisas. A criação desse projeto foi um desdobramento de toda essa relação, com foco no desenvolvimento de metodologias dentro da sala de aula. Para investigar o potencial da criação do olhar geográfico através do cinema no ensino de Geografia foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, a partir das obras de Milton Santos, Paulo César Costa Gomes e Rogério de Almeida. Além da pesquisa teórica, foram desenvolvidos dois projetos práticos em duas escolas diferentes, ambas na cidade de São Paulo, a partir de uma metodologia fenomenológica. Esta investigação empírica foi realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos da escola Keyzo Ishihara e com alunos do Programa de Ensino Integral do Estado de São Paulo na escola Alberto Torres. Ambos os projetos foram desenvolvidos com a disciplina de Geografia em um contexto interdisciplinar. A metodologia foi criada com base no uso de cenas e na construção coletiva, por meio do diálogo aberto com os alunos após a exibição. Como meio de análise do potencial foram realizados questionários abertos, fechados, e proposto um trabalho prático com a linguagem cinematográfica, em que os alunos tiveram a liberdade de expor seus olhares partindo de uma cena escolhida em grupo e apresentada por eles mesmos. Como

resultados, destacam-se as respostas dos alunos referentes aos questionários como também às problemáticas, limites e desafios vivenciados durante o desenvolvimento do projeto nas escolas.

Palavras-chave: ensino de geografia, linguagem cinematográfica, raciocínio geográfico, educomunicação.

Abstract

CANDEU, G. N. De Souza. **The potential of cinematographic language in the teaching of Geography:** study in two public schools in the state of São Paulo. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. 2020.

This work is the result of a master's research carried out in the Graduate Program in Human Geography at the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences at the University of São Paulo with the aim of investigating the the potentials of cinematographic language in geography teaching. The relationship between geography and image has been historically referenced since the construction of geographic science by geographers such as Kant, Humboldt and Vidal de La Blache. In addition to geographers, several authors have worked on the relationship between cinematographic language, education and philosophy. Deleuze, Cabrera, Bakhtin were some who drove this movement of how images make us think, and think for themselves. These theories have repercussions and unfold to this day in our society and it is increasingly a discourse present within universities, schools and research centers. The creation of this project was an unfolding of this whole relationship with a focus on the development of methodologies within the classroom. In order to investigate the potential of creating a geographical view through cinema in the teaching of geography, a bibliographical research was carried out on the subject, based on the works of Milton Santos, Paulo César Costa Gomes and Rogério de Almeida. In addition to theoretical research, two practical projects were developed in two different schools, both in the city of São Paulo. This empirical investigation based on phenomenological methodology was carried out with students of Youth and Adult Education at Keyzo Ishihara school and with students from the Integral Education Program of the State of São Paulo at Alberto Torres school. Both projects were developed with the discipline of geography in an interdisciplinary context with other disciplines. The methodology created was based on the use of scenes and collective construction through open dialogue with students after the exhibition. As a means of analyzing the potential, open and closed questionnaires were carried out and practical work with cinematographic language was proposed, where students were free to expose their eyes from a scene chosen in group and presented by themselves. As a result, they highlighted the students' responses to the questionnaires as well as

the problems, limits and challenges experienced during the development of the project in schools.

Keywords: geography teaching, cinematographic language, geographic reasoning, educommunication.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Imagem 1 - Cena 1	55
Figura 2 – Imagem 2 - Cena 1	56
Figura 3 – Imagem 3 - Cena 1	56
Figura 4 – Imagem 1 - Cena 2	57
Figura 5 – Imagem 2 - Cena 2	58
Figura 6 – Imagem 3 - Cena 2	58
Figura 7 – Imagem 4 - Cena 2	59
Figura 8 – Imagem 5 - Cena 2	60
Figura 9 – Imagem 1 - Cena 3	61
Figura 10 – Imagem 2 - Cena 3	61
Figura 11 – Imagem 3 - Cena 3	62
Figura 12 – Imagem 1 - Cena 4	62
Figura 13 – Imagem 2 - Cena 4	63
Figura 14 – Imagem 3 - Cena 4	63
Figura 15 – Cena 5	64
Figura 16 – Mapa 1: Localização Escola Estadual Keyzo Ishihara	71
Figura 17 – Escola Keizo Ishihara vista de fora	72
Figura 18 – Sala de aula da escola Keizo Ishihara	72
Figura 19 – Mapa 2: Localização Escola Estadual Alberto Torres	87
Figura 20 – Entorno Escola Estadual Alberto Torres	87
Figura 21 – Corredor central Escola Estadual Alberto Torres	88
Figura 22 – Pátio Escola Estadual Alberto Torres	89
Figura 23 – Gráfico 1: Você costuma ir ao cinema?	92
Figura 24 – Gráfico 2: Com qual frequência você vai ao cinema?	93
Figura 25 – Gráfico 3: Sobre a disciplina de Geografia, você a considera	94
Figura 26 – Gráfico 4: Sobre a disciplina de Geografia, você acha que ela	95
Figura 27 – Gráfico 5: Sobre a disciplina de Geografia, você a considera um saber	95
Figura 28 – Gráfico 6: Sobre usar o cinema no ensino de Geografia, proporcionou uma aproximação com a realidade?	97
Figura 29 – Gráfico 7: Sobre usar cinema no ensino de Geografia, te despertou mais seu interesse na aula?	98
Figura 30 – Gráfico 8: Sobre usar cinema no ensino de Geografia, você acha que deveria ser usado mais vezes?	98
Figura 31 – Gráfico 9: Sobre as cenas escolhidas e trabalhadas nas aulas, des- pertaram entendimento além do texto escrito?	99
Figura 32 – Gráfico 10: Sobre as cenas escolhidas e trabalhadas nas aulas, te possibilitaram maior aproximação com a Geografia?	100

Figura 33 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	119
Figura 34 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	120
Figura 35 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	121
Figura 36 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	122
Figura 37 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	123
Figura 38 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	124
Figura 39 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	125
Figura 40 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara	126
Figura 41 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	127
Figura 42 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	128
Figura 43 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	129
Figura 44 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	130
Figura 45 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	131
Figura 46 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	132
Figura 47 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	133
Figura 48 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	134
Figura 49 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	135
Figura 50 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	136
Figura 51 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	137
Figura 52 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	138
Figura 53 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	139
Figura 54 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	140
Figura 55 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	141
Figura 56 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	142
Figura 57 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	143
Figura 58 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	144
Figura 59 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	145
Figura 60 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	146
Figura 61 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	147
Figura 62 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	148
Figura 63 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	149
Figura 64 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres	150

Sumário

1	Introdução	12
2	Geografia e Cinema: diálogos possíveis	17
2.1	A linguagem cinematográfica como objeto e ação geográfica . .	23
2.2	Cinema como ação geográfica	26
2.3	Cinema e Educação: da teoria à prática	33
2.4	Geografia e Cinema: revisão de literatura	41
3	Ensino de Geografia e linguagem cinematográfica: reflexões a partir da realidade escolar	51
3.1	Olhares geográficos a partir do filme “Que Horas Ela Volta” . . .	52
3.2	Cinema, Geografia e EJA	70
3.3	Cinema e Geografia no Ensino Médio regular	85
4	Considerações finais	111
	Referências	115
	ANEXOS	118

1 Introdução

Antes de surgir esta pesquisa, vivi os momentos que me trouxeram até ela. Tudo começou quando, pela primeira vez, fui professora titular de Geografia em uma escola periférica da cidade de Presidente Prudente em 2014 aos 18 anos. Ser a pessoa responsável por apresentar o conhecimento geográfico, suas inúmeras possibilidades e importâncias me pareceu fascinante. Ao mesmo tempo que vivi uma imensa satisfação, deparei-me com a realidade escolar, um emaranhado complexo de sujeitos, tempos, espaços, intenções e ações distintas em um único ambiente. Cada dia que passava ficava mais claro o abismo existente entre o sistema escolar e a realidade dos alunos. De um lado o sistema, baseado em tradicionalismos trazidos por gerações que ultrapassaram séculos, e de outro lado os alunos, nascidos em um mundo globalizado, repleto de recursos visuais, tecnológicos e muita informação. Percebia como a Geografia conectava todos eles, mas a sala de aula ainda os distanciava. Foi depois de um ano de prática docente, recorrendo às mais diversas linguagens para ensinar Geografia para as diferentes séries, que percebi a necessidade de recriar meu próprio olhar geográfico dentro da sala de aula.

O Cinema foi mais do que um recurso que encontrei, foi a linguagem da aproximação. Naquele primeiro ano havia mais incertezas, pois pouco conhecia das possíveis articulações entre Cinema, Geografia e Educação. Dentro da sala de aula, por meio de uma abordagem fenomenológica, pude sentir o potencial de trabalhar a linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. Hoje, muito além, percebo o Cinema como a união intrínseca entre ciência, relações sociais, cultura, estética e sentidos, dentro da Geografia e da Educação. O que trago para este texto são perspectivas, práticas, aprendizagens e incertezas que atravessaram meu caminho como professora de Geografia, pesquisadora e como aluna aspirante a geógrafa e, agora, a mestre em Geografia. Embora muitas vezes ainda me questionasse sobre as metodologias de utilização do cinema na educação, que raramente conseguem abarcar suas amplas possibilidades educativas, decidi traçar uma busca. Diariamente, o que me instiga à pesquisa que apresento aqui é a provocação: como desenvolver o trabalho com a linguagem cinematográfica em uma situação que leve os alunos a repensar geograficamente sua própria realidade e entorno, possibilitando um olhar científico, ao mesmo tempo, sem ignorar o sensível, estético, crítico e social.

Assim como as incertezas, as provocações e os resultados das práticas, trago também o reflexo da minha trajetória como pesquisadora, os textos lidos, meus diálogos teóricos com autores que tanto marcaram minha trajetória científica, como também aproximações que criei com disciplinas e com o grupo de pesquisa do Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMADI) do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Por trás de todo texto escrito, subjetivamente também estão presentes

os diálogos com docentes e discentes nos grupos de pesquisa, nas mesas de café e, principalmente, as conversas com meu orientador. Como certeza, aqui, registro o resultado deste interesse investigativo e de minha trajetória docente.

No processo investigativo, parto da premissa da Geografia como uma forma do olhar (GOMES, 2017). A importância da imagem na Geografia vem sendo discutida desde o século XVIII por geógrafos como Kant, Humboldt e Vidal de La Blache. Posterior a eles, dentre muitos geógrafos importantes nesta pesquisa, enfatizo os brasileiros Milton Santos e Paulo César Costa Gomes por tanto contribuírem para este raciocínio por meio de suas obras. Apesar de grande diversidade nas abordagens destes autores, aprecio a concordância entre eles sobre as possíveis articulações entre imagens e Geografia.

Ao trabalhar nesta pesquisa os campos que se delineiam principalmente entre o ensino de Geografia e o uso das linguagens cinematográficas no ensino, não poderia me debruçar sobre eles sem antes falar da própria Geografia. Na perspectiva defendida aqui, a Geografia é muito mais do que uma disciplina escolar ou uma faculdade dentro de uma universidade. É uma forma complexa de organização do pensamento. É responsável pela criação de sistemas e redes entre o meio natural e o social, pode ser entendida como uma forma de olhar, de controlar e, principalmente, de compreender as transformações espaciais e cotidianas. A Geografia aqui é vista como a ciência de infinitas possibilidades, principalmente por estudar as variáveis responsáveis pela criação e constante modificação dos espaços e a lógica entre eles.

Não é de hoje que os geógrafos se debruçam sobre importância do saber geográfico para além da sala de aula. Em 1976, Yves Lacoste já se importava em explicar como a ciência geográfica é uma prática cotidiana e de poder, ao contrário de uma lista de memorização, descrição ou estatística como muitos a caracterizavam. Para Lacoste, a Geografia existe antes mesmo da criação da disciplina no século XIX, desde as grandes descobertas e navegações ou as descrições dos árabes da Idade Média. Para o autor, desde o século XIX existem duas Geografias; a primeira, pertencente às minorias dirigentes, aos Estados-maiores, é um conjunto de representações cartográficas e conhecimentos referentes ao espaço, claramente usados para o exercício do poder. A segunda, mais recente, exercida pelos professores de Geografia, advinda com o início da ciência geográfica, é uma ideologia. Yves Lacoste, ao distinguir ambas as Geografias, problematizou a geografia escolar. Para ele, as atividades escolares se limitam predominantemente a um discurso tipo enciclopédico, com base na enumeração de elementos naturais e suas ligações. O autor afirma que essa utilização comum da Geografia nas salas de aula, seria para mascarar sua utilidade na conduta da organização do Estado, e principalmente, como forma ativa de poder. Continuando, explica que esse discurso escolar serve, até certo ponto, como uma cortina de fumaça para dissimular a prática do saber geográfico como forma de poder estratégico econômico e

social, e afirma ser preciso analisar os procedimentos que acarretam nessa ocultação, já que não é o resultado consciente do exercício dos professores de Geografia.

Ao mesmo tempo que Lacoste problematizou a Geografia escolar em 1976, fez também referência a como a Geografia se tornou uma das formas do consumo de massa a partir da popularização das paisagens. Esse movimento, segundo o autor, teve início com a ampliação do turismo, responsável por levar multidões cada vez maiores a atravessarem países, oceanos e até continentes, para o encontro das paisagens desejadas. Além do aumento do turismo, a mercantilização das paisagens foi principalmente impulsionada pelo surgimento e popularização da fotografia e do Cinema. Para Lacoste, estas imagens-paisagens do Cinema e da Fotografia “são como mensagens, como discursos mudos, dificilmente decodificáveis, como raciocínios que, por serem furtivamente induzidos pelo jogo das conotações, não são menos imperativos” do que ver em estado físico a própria paisagem (LACOSTE, 1976, p. 34-35)(LACOSTE, 1993).

Sobre a impregnação da cultura social pelas imagens geográficas difusas, Lacoste afirmou ser um fenômeno novo, que além de nos colocar em posição de passividade, coloca a possibilidade de alguns poderem analisar o espaço em um ponto de desdobrar novas estratégias para a prática da Geografia como poder. Desta forma, o autor explica que a geografia-espetáculo (do turismo e das imagens) e a geografia-escolar, apesar de estarem dispostas com métodos tão diferentes, se aproximam, por “dissimular a ideia de que o saber geográfico pode ser um poder, que certas representações do espaço podem ser meio de ação e instrumento político” (LACOSTE, 1976, p. 35). Entendo que Lacoste se referiu à trivialização do conhecimento geográfico tanto pelo discurso escolar quanto pelas mídias em massa, que fazem referência ao saber geográfico enquanto distanciam o sujeito de sua prática. Neste momento, me pergunto: e se, através do encontro consciente (que exige conhecimento da própria existência e capacidade de fazer pensar) entre ambas as geografias, a escolar e a do espetáculo, criássemos um questionamento e uma metodologia, capaz de potencializar a prática do olhar geográfico e da Geografia como poder? Esta pergunta é a que me trouxe até aqui e que me motiva diariamente nesta pesquisa, na prática em sala de aula como professora e nas reflexões teóricas sobre as quais me debruço nesta escrita.

O saber geográfico assim como o saber filosófico, histórico, social e de todas as ciências humanas, se edificou a partir da escrita, a linguagem dominante da sociedade moderna. Por mais que a escrita tenha sido uma ferramenta importante na construção, evolução e disseminação destas ciências, ela também tem um caráter limitante, já que escrever não é um acontecimento que se dá de forma espontânea como a fala e o gesto. A escrita exige instrução, é regulada e legitimada, depende de órgãos que se encarguem de ensiná-la, sendo estes papéis historicamente desempenhados pela igreja e, posteriormente, pelo Estado. Ou seja, a escrita necessita capacitação e tal

capacitação sempre se apresenta em forma de poder. Este poder se caracteriza de acordo com os ideais de quem detém o domínio da regulação para exercício de tal capacitação. Segundo Sérgio Medeiros (2012), a centralidade da palavra escrita ainda permanece praticamente inalterada até o século XX, mas começou a ser ameaçada desde a segunda metade do século XIX, quando os campos científico, comunicativo e tecnológico registraram o início das “imagens em movimento”.

Durante o surgimento das produções cinematográficas, o Cinema foi entendido como um aparato tecnológico e um dispositivo científico. Foi com o tempo, na medida em que as projeções foram tomando maior impacto sobre seu público e as sensações realistas ganhando significado, que então se amplificaram as dimensões de análises a partir do Cinema. Os registros cinematográficos, apesar de terem sido originalmente criados com um caráter documental, acabaram “mobilizando o universo imaginário das pessoas”(MEDEIROS *et al.*, 2012). A partir deste momento, ainda segundo Medeiros (2012, p. 23), entendeu-se que “o observador não vê mais uma imagem que tenha localização espacial inteligível ou qualificável, mas um composto alucinatório que se desloca em outro espaço/tempo e que desterritorializa o espectador”. É nesta sensação de “tele” transportar causada pelo Cinema que encontramos o potencial de trabalhar a Geografia, na possibilidade do deslocamento e ressignificação do olhar.

Ao longo do tempo, com o desenvolvimento da técnica e da linguagem, como também da distribuição e popularização dos filmes, “essa forma de contar e mostrar histórias modificou a relação das pessoas com o conhecimento, implicando um aprendizado específico” (PINTO, 1944, p. 16 apud, MEDEIROS, 2012, p. 45). Desde então o Cinema é trabalhado de forma social, filosófica e também geográfica, não como um objeto que carrega um código a ser compreendido, mas como ato de criação de um pensamento, de uma filosofia ou de uma geografia. O ato de assistir a um filme por si só inicia e termina um processo criativo único que é gerado através de sentidos que o Cinema transmite.

Quando tratamos da relação de alfabetização comparada à proximidade das pessoas com a linguagem cinematográfica, precisamos problematizar o fato de que, especificamente no Brasil, na década de 1950, segundo o IBGE, mais da metade da população acima de quinze anos ainda era analfabeta, exatamente no mesmo ano em que foram inauguradas as duas primeiras emissoras de televisão brasileira. Nessa mesma época, segundo o IBGE, já existiam mais de três mil salas de cinema no Brasil e até 1962 mais de um milhão de televisores já haviam sido vendidos. Apresento estes dados para trazer a reflexão criada por (ALMEIDA, 2004), sobre a sociedade brasileira que ele nominou como uma sociedade oral, caracterizada por “ter no ouvir incessante e no olhar exterior a fonte única de informações, valores, conhecimentos, comportamentos a serem imitados [. . .] cuja maioria lê pouco, ouve, vê e fala muito, imersa numa eterna infância da cultura” (2004, p. 27).

Ao mesmo tempo em que ver imagens é aparentemente democrático por não exigir uma legitimação para que se veja, ao contrário da escrita para que se escreva, a relação de não existir uma responsabilidade de caráter educativo a respeito de trabalhar a leitura de imagens faz com que os espectadores dessa linguagem se tornem espectadores passivos de toda informação veiculada por tal linguagem. Daí surge a necessidade de incorporação do Cinema, entre outras mídias, no ambiente escolar. Principalmente a importância de trabalhar a linguagem cinematográfica que circula o processo de “aprender a olhar”. É essa perspectiva que fundamenta este trabalho, a razão para sua existência e sua utilidade pública. Para além de refletir e apresentar as práticas nas escolas, pretendo aqui compartilhar a metodologia que se fez efetiva durante as práticas com a linguagem cinematográfica no ensino de Geografia.

É importante lembrar que o uso do Cinema no ensino, neste trabalho, não se funda em um caráter ilustrativo, mas reflexivo. O interesse aqui está em criar a possibilidade para os alunos, a partir do trabalho com o cinema, de reavaliarem o lugar, espaço e geografias que habitam. Como defende Medeiros:

O trabalho educacional e escolar com o cinema, considerando o processo criativo, deve estar implicado na construção de metodologias que avaliem o lugar de quem analisa os filmes, assumindo a historicidade do olhar e a contingência da análise, considerando que o modo de ver não é natural, mas construído pela cultura que torna certas coisas visíveis de determinadas maneiras e outras, invisíveis. (MEDEIROS, 2012, p. 46).

Percebemos a importância de trabalhar o Cinema no ensino de Geografia para que os alunos, treinando o olhar geográfico por trás das cenas, possam entender como o modo de assistir a filmes é construído pela cultura, repleto de símbolos e significados, e a diferença entre assistir a filmes como espectadores passivos ou pensadores ativos.

Referente à produção e organização, esta dissertação está escrita em três principais partes. Na primeira, apresento os conceitos, teorias, reflexões e apontamentos acerca da relação entre a ciência geográfica e a linguagem cinematográfica, ambas em um contexto educacional. Na segunda etapa desta dissertação, apresento e analiso as práticas realizadas com a linguagem cinematográfica nas aulas de Geografia em duas escolas, ambas localizadas na cidade de São Paulo (Escola Estadual Keyzo Ishihara e Escola Estadual Alberto Torres). Além das práticas, nesta segunda parte, apresento como se deu o desenvolvimento do olhar geográfico por trás das cenas trabalhadas em diferentes contextos e possibilidades. Na terceira parte, apresento as considerações sobre as problemáticas que recorreram no momento de pesquisa e das práticas, como também as considerações emergidas posteriores a elas.

2 Geografia e Cinema: diálogos possíveis

Quando propusemos a pesquisa sobre as potencialidades da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia, a primeira aproximação necessária como mapa conceitual para a realização desta atividade foi a relação entre Geografia e Cinema. Neste capítulo, serão apresentadas as principais razões pelas quais a aproximação dessas duas ciências nos parece possível.

Para a construção deste capítulo, dialogamos com uma obra já reconhecida no campo geográfico, “Quadros Geográficos”, de Paulo César Costa Gomes (2017). Esta obra, que levou duas décadas entre idealização e finalização, é um trabalho conciso e denso que nos leva a uma viagem intelectual sobre a importância do olhar no pensamento geográfico, e por esta razão será problematizada aqui como linha de raciocínio. Ao ler e estudar a obra, verificamos as possibilidades encontradas para reflexão no diálogo geográfico com a linguagem cinematográfica, já que ambas as ciências constituem uma forma de pensamento singular e complexo, comum e necessário.

Primeiramente, concordamos com (GOMES, 2017) quando define a Geografia como uma forma de pensar, uma maneira original e potente de organizar o pensamento. Aqui propomos pensar e organizar a Geografia através dos quadros cinematográficos, fazendo as conexões geográficas entre o meio natural e o social por meio das imagens e das cenas. Com isso, esperamos criar conexões entre o mundo representado nas produções cinematográficas e o mundo real, mostrando como ambos estão repletos de geografias.

Da mesma forma que na Geografia “os lugares só passam a produzir sentido a partir do momento em que são ocupados por alguma coisa” (GOMES, 2013), um filme só passa a fazer sentido quando é visto. Conhecer a Geografia é saber se localizar no espaço e entender as dinâmicas de sua produção, possibilitando conectar diversos aspectos naturais e sociais aos seus processos e consequências. Incorporar o olhar geográfico é traduzir uma paisagem ou uma cena a uma série de fenômenos passados ou futuros, distantes e próximos. Na mesma medida, assistir a um filme é aproximar uma realidade distante, é criar a possibilidade de o inimaginável ser imaginado, pois tem o poder de abrir jogos de símbolos e significados, ressignificar a posição do espectador na sua localização espacial e transformar conteúdo visual em hábitos e produtos de consumo. Produzir um filme é transformar uma construção artística em experiência vivida, conteúdo idealizado e imaterial em algo sólido e de longo alcance.

Segundo o autor, existem diferentes possibilidades ou domínios que podem nos guiar na discussão da identidade da Geografia. O primeiro deles é ver a Geografia como “uma forma de sensibilidade, uma espécie de impressão causada pela dimensão

espacial. Trata-se de uma capacidade de situar coisas no espaço e de nos situarmos nele, ou seja, de dirigirmos os movimentos do corpo no espaço.” (GOMES, 2013, p. 17). Assim como a Geografia, o Cinema cria formas de reconhecimento de espaços e de como se reconhecer nele. Indica símbolos através de atitudes e hábitos de cada classe social, indica categorias de pertencimento de acordo com a representação pelo figurino, pela aparência dos personagens e pela organização espacial. No Cinema, os objetos de consumo e de acesso de cada personagem representam o seu nível de importância e poder social. Essa característica faz com que os sujeitos que assistem ao filme se identifiquem a partir dos itens materiais representados, qualificando-os de acordo com o status a que pertencem e/ou querem passar a pertencer socialmente. Esse fenômeno movimenta uma série de impactos sociais, econômicas e, portanto, geográficos. Neste sentido, assistir a um filme tem um efeito significativo na condição espacial em que os indivíduos se representam e se localizam, criando diálogos com estudos da Geografia.

O segundo domínio para a reflexão geográfica corresponde a uma forma de inteligência. “[. . .] ao conjunto articulado de conhecimentos e comportamentos espaciais que são vividos e dão forma a grupos sociais.” (GOMES, 2013, p. 19). O autor se refere à construção da Geografia dos Ianomâmis ou dos Maoris, por exemplo. A Geografia é colocada como uma forma de inteligência, baseada na vivência e desenvolvimento de vários grupos sociais que vivem nas mais diversas circunstâncias e habitats ao redor do mundo. O Cinema, nesta perspectiva de aproximação, também pode ser visto como forma de inteligência com potencial para recriar as geografias destes grupos sociais, transportando-as para os tempos atuais e levando-as para o conhecimento do mundo. Paramos para lembrar quantas vezes crianças e adultos tornaram-se cientes sobre civilizações passadas ou distantes em frente a uma tela. Frequentemente, somos levados a conhecer outras culturas e possibilidades de vivência no espaço através de produtos cinematográficos. Somos lembrados de povos quase esquecidos quando retratados em obras visuais. Neste ponto, o Cinema traz a possibilidade de apreensão de geografias, de poder sentir as dificuldades ou as celebrações desses povos distantes, fazendo despertar algo que vai além do conhecimento de fatos e até permite melhor entendimento deles. Lembrando que nessa relação não se trata de usar o filme como objeto ilustrativo, mas de trabalhar o potencial do olhar geográfico a partir da linguagem cinematográfica, ressaltando a importância, também, de compreender os processos de construção social da imagem de si e do outro. Tal elemento é fundamental para que evitemos um olhar que busca reduzir o outro em sua complexidade, como muitas vezes ocorre em obras cinematográficas.

No terceiro e último domínio, o autor apresenta a Geografia como um ramo do conhecimento, “[. . .] se consagra ao estudo e à especulação sobre as causas e formas de entendimento da dispersão [. . .] preocupadas em responder à questão do

porquê da lógica das localizações, seja ela ordenada pelos elementos naturais ou pelos humanos.” (GOMES, 2013, p. 19). Essa definição pode ser entendida como a curiosidade dos geógrafos, a busca por entender a condição espacial dos fenômenos, as suas conexões, formações e consequências. Neste contexto da curiosidade ou da necessidade de produzir explicações, na produção de um filme existe a busca sobre a posição espacial de cada objeto, a cor a ser usada, a forma, a conexão com o cenário e sua representação fora dele. Por trás de uma produção fílmica, é necessário que seja pensado cada detalhe em relação à colocação e dispersão dos objetos, posicionamento dos atores e atrizes, logística de localizações, estrutura de cenário e jogos de câmeras. Além de todos os aspectos da construção artística, também é necessário pensar sobre questões ideológicas por trás delas. Estas questões consistem em pesquisas antropológicas, históricas e inclusive geográficas para as reproduções imagéticas, referindo a disposição espacial dos objetos e das pessoas nas cenas para melhor representação, ou não, do assunto desejado.

Ainda segundo Gomes, “o conhecimento é essa atividade complexa que se constrói pela observação do mundo guiado por categorias que são elas mesmas fundadas na experiência do mundo.” (GOMES, 2013, p. 33). Por esta razão, o conhecimento pode ser adquirido em todo e qualquer lugar, na escola, em casa ou em um ônibus em movimento. O conhecer se constitui através de vivências, podendo ser geográficas ou cinematográficas. Quando integramos o conhecimento da Geografia com o Cinema aproximamos duas formas de conhecimento e criamos uma linha de diálogo capaz de produzir novas linhas de raciocínio e de conhecimento. Defendemos, neste caso, o Cinema como criador e difusor de conhecimento, pois proporciona experiências de mundo, muitas vezes de um mundo distante do nosso que, a partir do momento em que é assistido e sentido, passa a ser conhecido por nosso mundo. Trata-se, portanto, de possibilitar apreensões multiescalares da realidade, um dos processos centrais para o desenvolvimento do olhar geográfico.

Antes mesmo da criação do Cinema, paremos para analisar a relação mais estreita entre Geografia e imagem. Desde o surgimento da ciência geográfica, autores como Kant, Humboldt e Vidal de Blache fizeram referência à importância da criação de imagens para a compreensão da disciplina e do pensamento geográfico, sejam elas mapas, paisagens ou quadros.

A importância das imagens na construção dessa forma de pensar “física” ou, diríamos nós, geográfica teria sido assim afirmada desde sua primeira formulação com Kant. As imagens possuem a capacidade de mostrar aos olhos do observador aquilo que ele olha, mas não vê. Elas exigem a contemplação e o exame acurado do objeto da descrição. As escolhas do que deve figurar, dos conteúdos das imagens e as alternativas de como fazê-lo são elementos de julgamento e de conhecimento. (GOMES, 2013, p. 27).

A relação entre imagem e Geografia é uma discussão tão presente e antiga

quanto a utilização dos objetos geográficos como mapas e croquis. Porém com o passar das décadas, as necessidades do conhecimento geográfico se transformaram, adequando-se às carências quantitativas da evolução tecnológica. Neste mesmo ritmo, as imagens deixaram de ser estáticas, ganhando movimento, não sendo mais um recurso ilustrativo. Ao contrário, têm ganhado cada vez mais relevância para a comunicação global. O que queremos dizer é que, apesar da relação tão próxima desde o surgimento de ambas as ciências, ocorreu uma ruptura pragmática que impactou no distanciamento entre as imagens e o discurso geográfico, ao mesmo tempo em que ocorreu a aproximação com o conhecimento quantitativo. Reconhecemos aqui a importância da geografia quantitativa, mas fazemos referência ao potencial da geografia imagética que nunca deixou de existir e, pelo contrário, se intensificou à medida que a presença das imagens na vida social ganhou evidência.

O próprio título do livro de Gomes leva em consideração a importância das imagens, mais precisamente a relevância dos quadros no desenvolvimento do pensamento geográfico. Entre os principais objetos do pensar geograficamente, “o mapa tem sido frequentemente apontado como um instrumento de base da ação de pensar geograficamente.” (GOMES, 2013, p. 36). Para o autor, o mapa é um quadro, e o instrumento básico do pensar geográfico é o quadro. Complementando, “os mapas são objetos descritivos que nos fazem pensar, são as imagens mais tradicionais de um sistema de informações geográficas.” (GOMES, 2013, p. 41). Neste contexto a própria importância dos mapas reflete na importância do imagético, do visual, no raciocínio geográfico.

A imagem ou física do mundo por Humboldt “[...] é um conceito, uma maneira de provocar o raciocínio a buscar a conexão de variados elementos que atuam em um fenômeno em uma dada localização, em um lugar” (GOMES, 2013, p. 41), e o objetivo do quadro é fazer nascer aproximações inesperadas. Os quadros devem falar ao espírito e à imaginação. “A imagem não era mera ilustração de um propósito antes explicado no texto, tampouco um exemplo de algo existente com um caráter puramente mimético” (GOMES, 2013, p. 37), mas sim instrumento utilizado como base para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. E como o próprio autor afirma “[...] trabalhar com “imagens enquadradas” tem sido um poderoso instrumento de constituição da Geografia. (GOMES, 2013, p. 97).

Os quadros geográficos que compõem as nossas atividades cotidianas são muitas vezes previsíveis, repetitivos e não impactantes. “Por isso muitas coisas, pessoas e fenômenos nós olhamos e não vemos. É preciso às vezes que elas mudem de lugar para que sejam vistas” (GOMES, 2013, p.51). Neste ponto, quando realocamos os quadros geográficos contidos no cotidiano dos alunos para a tela dentro da sala de aula, mudamos o foco e seu ponto de observação; logo, o olhar é recriado e novas possibilidades de exploração e raciocínios são possíveis. Na mesma linha de

pensamento, quando reposicionamos imagens ou cenas presentes na vida dos alunos em qualquer forma de linguagem imagética para dentro da sala de aula, novas buscas são exigidas, novas reflexões acontecem como desdobramento. Desta forma, fazemos de pontos cegos lugares de exposição para onde nosso olhar é direcionado.

Vivemos em uma era de imagens, em que existe certa repetitividade e velocidade nos conteúdos exibidos. Tal efemeridade faz necessária a mudança de lugar de exibição e a forma de recepção para que o assistido ganhe sentido, seja uma paisagem ou uma cena, já que “a localização ou o lugar figurado de uma ação faz parte dessas condições capazes de mudar o regime de visibilidade das coisas, pessoas e fenômenos” (GOMES, 2013, p. 51).

Esse olhar situa o observador fora do comum ponto de vista. Além disso, recoloca as coisas dentro de um contexto mais largo, relativiza grandezas, e, sobretudo, constitui um exercício fundamental de abstração. Por isso, esse exercício de ver as coisas de outra forma, de desenhá-las pela imaginação, que move o olhar, deslocando-o para uma posição mais elevada, é uma das práticas recomendadas como básicas, pois permite um recuo, uma distância, uma colocação das coisas em outro contexto e tudo isso nos ajuda a pensar melhor sobre elas. (GOMES, 2013, p. 74).

Ver um filme quer dizer transportar todo aquele quadro visual para a prática social. Construir um filme é construir um sistema, pois articula elementos e a partir disso possibilita compreensões acerca da conexão dos fenômenos.

As questões sobre quais linguagens utilizar para melhor expressar o pensamento geográfico são questionamentos existentes desde o princípio da Geografia. Desde sua segunda edição, o livro “Quadros da Geografia Francesa”, de Vidal de La Blache, publicado em 1908, já continha inúmeras fotos e abordava o questionamento referente à textualidade ser capaz ou não de representar o raciocínio geográfico. Mesmo essas imagens sendo utilizadas pelo autor como complemento ao texto escrito, já faziam referências à ideia de necessidade de “visualização” do fenômeno para o estudo geográfico. Devemos lembrar aqui como a própria palavra “imagem” se assemelha a “imaginação”. Referimo-nos ao modo como, mesmo antes da existência de imagens ou croquis nos livros de Geografia, a própria descrição dos fenômenos na linguagem textual evocava a compreensão imaginativa do leitor, utilizada para transmitir a densidade e complexidade das paisagens.

Ao enfatizar o potencial do pensamento geográfico contido em produtos visuais, é importante ressaltar a capacidade que encontramos na própria textualidade para a construção de imagens, não apenas por descrevê-las, mas por fazê-las existir na perspectiva do leitor. Tratamos aqui do uso específico das imagens e dos filmes devido ao interesse particular da pesquisa em criar aproximações entre as linguagens imagéticas já presentes na vida dos estudantes com o ensino de Geografia.

Gomes esclarece os conceitos centrais do texto como “quadro geográfico” e “imaginação geográfica”. Essas concepções trazidas pelo autor, além de relevantes para a própria obra em análise, desde que foram introduzidas no campo de estudo, tornaram-se cada vez mais presentes no discurso geográfico, até fazer parte das ideias norteadoras desta pesquisa.

Esses quadros são sistemas de informações geográficas que se apresentam sob variadas formas gráficas, e no limite até sob a forma de texto. A partir de uma base locacional dos dados, são criadas condições de “visualização” da posição, da forma e do tamanho dos fenômenos estudados. A possível conectividade entre eles é dada pela localização. Essas lógicas locais estão também relacionadas com a capacidade de imaginação, ou seja, embora de forma diferente, há um forte potencial para imagens textuais ou visuais produzirem novas imagens. (GOMES, 2017, p. 140).

A imaginação geográfica citada pelo autor é pensada como “a capacidade de refletir a partir de imagens; os quadros geográficos, quando compreendidos como instrumentos para pensar, são elementos-chave na possibilidade de gerar imaginação geográfica” (GOMES, 2017, p. 141) e provocação a partir do uso inteligente de imagens.

Assim, as possibilidades de diálogos entre a Geografia com os muitos campos dos saberes é o que move e abrange o próprio pensamento geográfico para além dele. É na própria rede de conexões que se encontra o raciocínio geográfico que o permite ser instrumento de tantas outras analogias.

Nós geógrafos, precisamos, no diálogo com outros campos do conhecimento, ter claramente estabelecida a justificativa do valor do raciocínio geográfico para apresentar seu alcance, sua abrangência e sua importância. Só assim conquistamos com autonomia a autoridade para falar. Quando dizemos que a Geografia é a ciência que analisa e interpreta a ordem espacial das coisas, pessoas e fenômenos, somos às vezes julgados severamente como se restringíssemos o campo de atuação da disciplina. (GOMES, 2017, p. 144).

O mundo e seu jogo de espacialidades estão sempre em movimento e sujeitos a constantes transformações. A Geografia, por ser a ciência que investiga e explora esses fenômenos, não poderia ser uma disciplina estática, mas dinâmica, evolutiva, e sempre em progresso. Devido a isso, propomos uma exploração acerca das suas potencialidades no diálogo com outras linguagens artísticas.

Preocupamo-nos em encontrar geografias onde elas podem facilmente ser desconsideradas. Principalmente quando tratamos do ensino de Geografia, ousamos acrescentar papéis que compõem um quadro não visto como geográfico porque, neste caso, é onde a Geografia pode ser descoberta, já que em tudo existe um deslocamento das coisas e dos lugares que aparecem e vivem.

2.1 A linguagem cinematográfica como objeto e ação geográfica

Após apresentarmos as aproximações no diálogo entre a ciência geográfica e a cinematográfica, trazemos a análise referente à percepção do Cinema como objeto e ação, partindo de uma perspectiva geográfica. Milton Santos foi o autor que trabalhou complexamente estes termos, definindo-os com diversas referências e aprofundando de acordo com o tempo de análise, principalmente no livro “A natureza do espaço”, de 1996.

Para iniciar a apresentação dos conceitos de objeto, Santos (SANTOS, 1996) diz que “há quem distinga os objetos das coisas, estas sendo o produto de uma elaboração natural, enquanto os objetos seriam produto de uma elaboração social”. De forma que o autor trata os objetos como algo produzido pelo homem, algo que exige trabalho; já as coisas são as que não podem ser projetadas, elas apenas “são”, como a natureza. Neste sentido, o Cinema, sendo um produto do trabalho dos homens, moldado e também modelador da produção social, já pode ser caracterizado como um objeto. Para uma classificação mais intuitiva, o autor diz que “hoje, e cada vez mais os objetos tomam o lugar das coisas”.

No princípio, tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser um objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a serem objetos. (SANTOS, 1996, p. 65).

Ainda, aprofundando nas classificações que determinam o conceito de objeto, Santos recorre a outros autores como A. Moles (1971, p. 222), para reforçar que “os objetos sobre os quais os homens dispõem de controle são as coisas móveis”, citado por Santos (1996, p. 66). Nesse contexto, traz pontos de vista de outros autores para justificar sua análise que tenciona complicações entre os objetos que são frequentemente considerados como geográficos, neste caso objetos fixos, como uma propriedade, um rio, um porto, uma cidade, uma escola, ou sala de cinema.

Por um longo tempo a Geografia tratou objetos geográficos como sendo permanentemente fixos. Hoje, se esse conceito continuasse somente a ser trabalhado segundo aspectos que exigem uma existência física, mesmo que móvel, não poderíamos tratar o filme como um objeto geográfico. Isso nos mostra como a reformulação deste conceito compilado pelo autor Milton Santos fez-se necessária. O filme, mesmo exibido em grandes, médias e pequenas telas, em salas de cinema, televisores ou, atualmente, em celulares, enquanto presente no objeto “tela”, tem duração limitada. Quando tratamos do filme, ele é além da “tela”, ou seja, ele é além do tempo de exibição. Como exemplo, o filme americano *Modern Times*, “Tempos Modernos”, de 1934, dirigido e atuado por Charlie Chaplin, ficou reconhecido mundialmente e continua sendo assistido até hoje, conforme disponível na plataforma YouTube. Portanto, o

conceito de objeto geográfico tornou-se um termo muito mais abrangente e complexo se comparado aos objetos fixos, aos quais se destinava a atenção anteriormente na ciência geográfica.

Referente à complexidade dos objetos, Santos (1996) os separa em dois níveis, o nível de complexidade funcional e o de complexidade estrutural. A complexidade funcional se relaciona com a variedade de usos e funções do objeto, tornando alguns objetos mais e outros menos complexos. Já a complexidade estrutural é o caráter informativo, a possibilidade de exercer comunicação ou dialogar com outros objetos e pessoas, estando estes próximos ou distantes, individuais ou em rede. Santos usa como exemplo a máquina de escrever; aqui usarei como exemplo o filme. A complexidade funcional do filme é diversa; pode ser informar, entreter, influenciar ou vender; independente da função dada na sua criação, ela se desdobra a partir do momento em que é assistida por cada indivíduo, tornando o filme um objeto complexo funcionalmente. Ainda, tratando da complexidade estrutural do filme, o mesmo se relaciona com várias cadeias de comunicação, desde a rede de produção de peças para câmeras de cinema na China, a organização global da exibição dos filmes em shoppings centers que estreiam filmes simultaneamente ao redor do mundo, até as festas infantis que têm como temas os personagens e cenários dos filmes. Mais uma vez, o filme como objeto geográfico é repleto de complexidades, neste caso, também estruturais.

Sobre os objetos artísticos, como no caso do filme, Bense (1974) e Santos (1996, p. 69-70) dizem ser os que têm menos funções determinadas, já que as possibilidades são externas à produção, dependendo do público, ou seja, dos inúmeros observadores. Ademais, sobre a arte, para Eduardo Subirats (1989, p. 102 apud SANTOS, 1996, p. 70) “é o lugar que a cultura moderna reservou para essa dimensão transcendente do objeto”. Seguramente, a partir destes referenciais pode-se perceber como um objeto artístico possui complexidades funcionais e estruturais infinitas, devido à sua extensa rede de transmissão e acessibilidade que transcende a dimensão comum do objeto.

A respeito da amplitude da complexidade funcional dos meios de informação, Santos utiliza como meio de explicação a relação da televisão:

Podemos olhar o écran da televisão domiciliar sem nenhuma outra reflexão sobre o sistema em que está inserido. Mas não poderíamos nos beneficiar do que ela nos traz se, ao mesmo tempo, não houvesse a produção do programa, a estação emissora de sinais e as torres de sua distribuição e redistribuição. Sem contar os sistemas elétricos e eletrônicos adrede criados e instalados em edifícios com desenho espacial. (SANTOS, 1996, p. 71).

Assim como o autor apresenta, mesmo que não se crie nenhuma reflexão sobre o conteúdo que o aparelho televisivo exhibe, ele já está repleto de complexidades, sendo que o mesmo cabe para o filme, o Cinema e a linguagem cinematográfica como um todo. No próprio processo de sua criação e produção, quando falamos de um objeto artístico

e/ou informativo, estamos tratando de um sistema multifuncional entre profissionais, aparatos tecnológicos e termos conceituais artísticos e sociais.

Sobre os conceitos que nos permitem tratar o Cinema especificamente como um objeto geográfico, Santos (1996, p. 75) diz que “mesmo as formas sociais não geográficas se tornam, um dia ou outro, formas sociais geográficas”. Ele se refere à maneira como o mesmo objeto, neste caso social, pode ser interpretado em diferentes disciplinas. Isso faz com que o Cinema, um objeto das artes e da comunicação, possa ser percebido como um objeto geográfico, já que para este processo acontecer, segundo Santos, basta “reconhecer o valor social dos objetos, mediante um enfoque geográfico” (1996, p. 77).

Depois de discutir o que são objetos e especificamente os objetos geográficos, o autor trata sobre a nova leitura e complexidade que os objetos ganharam na atualidade, em um mundo globalizado. Citando Baudrillard (1970) pode-se dizer que atualmente vivemos segundo o tempo e o ritmo dos objetos, como também nos tornamos reféns de sua incessante sucessão. Além de se referir ao tempo dos objetos em que estamos propensos a viver, o autor explica como os próprios objetos passaram a ser tanto os atores quanto os sujeitos deste novo sistema global. Para o autor, cada objeto se tornou um sistema com suas próprias regras e mecanismos a serem seguidos, que determinam como nos comportarmos perante eles. Como exemplo para refletir sobre essa sistematização dos objetos, pensamos o filme, um sistema completo composto por múltiplos vetores, que ultrapassa o tempo, o espaço e uma forma física, contém uma própria linha de comunicação, verbal e não verbal, se separa por nichos, ganha valor com audiência e pode ser usado como forma de dominação cultural.

É esse potencial universal dos objetos atuais que, segundo Santos (1996, p. 215), fez “eles próprios serem informação: e não apenas movidos pela informação”. Antes, para um novo objeto chegar a um novo lugar, como para uma máquina de lavar chegar a uma nova casa, cidade ou até país, a informação sobre a máquina de lavar (objeto) deveria chegar primeiro. Desta forma, um objeto seria movido pela informação, que, pelo lucro desejado por toda uma rede de interesses compostas, por exemplo, por fornecedores, lojas e vendedores, circulava rapidamente. No caso do Cinema, quando um novo filme chegava a uma nova cidade, sua chegada era a informação e, para as pessoas saberem da informação, era necessário assistir a ela, consumi-la. Estes fatores fizeram com que o Cinema se tornasse um objeto central de uma completa rede de informações. Estes objetos modernos, para Santos (1996), continham uma carga excessiva de informações devido ao seu valor indispensável para a formação do capital hegemônico, que visa o maior lucro econômico em todos os setores.

Também, o autor explica como o surgimento destes novos objetos modificou totalmente o sistema espacial deixando-o mais complexo. Esta complexidade se dá por meio do encontro entre objetos técnicos, criados e utilizados para desenvolver uma fun-

ção bem definida (como a máquina de lavar: criada e utilizada para lavar roupas), com objetos técnicos informacionais, criados com inúmeras funções e com amplo alcance informacional (como o cinema, a televisão ou o celular). Assim, cada novo objeto, que para o autor “é, em si mesmo, um sistema funcionando sistemicamente” (SANTOS, 1996, p. 219), contribui para um acréscimo de complexidades que intrinsecamente se diluem no tempo e no espaço.

Consequentemente, sobre o impacto destes novos objetos técnico-informacionais, Santos (1996, p. 186) explica sua influência no próprio comportamento humano: “[...] afeta as maneiras de pensar, sugerindo uma economia de pensamento adaptando a lógica do instrumento”. Ou seja, a própria linguagem cinematográfica como um produto desta nova sistematização transformou a forma de se pensar, de se socializar e até mesmo de ser. Por ser o Cinema um objeto, um próprio sistema que pensa e faz pensar, é que o associamos com a Geografia, esta forma complexa e múltipla de organizar e agenciar os acontecimentos em escalas locais e globais. A relação desta ciência com este objeto nos permite refletir e relacioná-la ao sistema de ações e reações que o cinema produz.

2.2 Cinema como ação geográfica

Para discutir o cinema como uma ação e um sistema de ações geográficas, primeiramente, serão contextualizados os conceitos apresentados na obra de Milton Santos. O geógrafo buscou em diversos autores, como Rogers (1962), Schutz (1967) e Morgenstern (1960), reflexões que se assemelham em definir ação como uma série de atos que necessariamente precisam ser pensados ou planejados anteriormente e integrados a um propósito. É relevante neste contexto compreender e diferenciar os conceitos entre ato e ação. Um ato seria uma situação específica, enquanto uma ação seria um conjunto de atos consecutivos. Por exemplo: um ato pode ser entendido como uma cena de um filme, uma determinada parte, que entre início e fim não conclui a ação como um todo, que neste caso seria a de produzir um filme. Necessariamente, uma ação tem um período de duração maior que o de um ato, devido à sua necessidade de planejamento, organização, realização de tarefas e conclusão de um propósito.

Neste mesmo exemplo sobre ato e ação na construção fílmica, podemos adentrar no conceito que diferencia escala de comando das ações e escala de realização das ações. No caso da criação de um filme, existem os idealizadores, diretores e roteiristas, que pertencem à escala de comando, enquanto existe a escala de realização, que se dá em uma apropriação maior do espaço geográfico utilizado, exige locações, equipe de câmeras, de produção e de atuação. Além do conceito de escala de comando e de realizações das ações, o autor também apresenta a relação dos atores que decidem e

a diferença de papéis entre os outros atores responsáveis pela implantação das ações. O autor exemplifica a relação dos atores que decidem as ações principalmente como os cargos de políticos, grandes empresários, organizações mundiais e grandes agências de notícias e veiculadores de cultura. Explica, também, como esses atores influenciam na vida dos homens comuns e como impactam e, sobretudo, limitam suas ações. A principal limitação trabalhada é a da consciência:

Qual a possibilidade real, neste mundo pós-moderno, de distinguir claramente o que é bom e o que é mau? Como, por exemplo, ler o discurso dos políticos e das mercadorias, ambos submetidos às mesmas regras de marketing? Essa limitação à consciência implica uma forma particular de tomar ação. (SANTOS, 1996, p. 81).

Tal reflexão é muito importante para o raciocínio desta pesquisa, no sentido de perceber como as ações dos homens em sociedade são limitadas de acordo com a consciência sobre os atores que definem quais serão tomadas e entendidas como “certas”. Essa geografia da consciência das ações está muito associada à linguagem cinematográfica, já que hoje o Cinema se tornou grande responsável pela disseminação de padrões sociais comportamentais, culturais e de consumo pelo globo todo. Logo, o reforço de certos estilos de vida, segundo Santos, é projetado por uma pequena parcela de atores que tomam as decisões com base, principalmente, no interesse monetário. Esses padrões disseminados em larga escala pelo Cinema são passivamente aderidos em nossa sociedade devido à incessante repetição dos mesmos, atualmente usados como forma de persuasão pouco questionada.

Outra limitação, pensada por Giddens e apresentada no texto de Santos, refere-se ao período após a tomada de consciência da existência desses atores sociais. É quando se percebe que mesmo munidas de certa consciência, as possíveis ações a serem tomadas dentro deste sistema dominado por certos atores são poucas. Neste contexto, surge a ideia de ação racional, aquela que seria consciente e que distingue os conscientes dos outros. O próprio autor aponta que essa mesma ideia de ação racional é determinada a partir da racionalidade comum entre o meio social. Ou seja, a racionalidade parte do meio e não do sujeito, sendo assim, mesmo a tomada de uma atitude racional está sujeita à obediência a um projeto de ações. Neste momento podemos perceber como mesmo as atitudes tomadas com consciência, chamadas aqui de racionais, são projetadas por atores específicos. No Cinema podemos ver como ambas as atitudes são reproduzidas para serem seguidas. Atualmente, todos os estilos de público são atendidos, desde o estilo de ações inconscientes até racionais, todos estão sujeitos a moldes comportamentais que contribuem para o formato de atos dentro do desenvolvimento das ações.

Em relação à tomada de ações, para Santos (1996) existem três formas de agir, a forma técnica, a formal e a simbólica. O agir técnico é requerido pela técnica, como a de usar um computador, operar uma câmera, dirigir um set. O agir formal requer

formalidades científicas como na escrita de uma tese, e também nos setores jurídicos e econômicos. A forma simbólica é dada através das relações afetivas, emotivas, e religiosas, que geralmente são determinadas pela forma de representação social e cultural. O Cinema tem grande importância nesse contexto, pois se dá como forma de padronizar estas ações por meio do monopólio cultural de determinados países, principalmente na relação das ações simbólicas. Mesmo que só os homens tenham ações devido à necessidade de planejamento e intenções por trás delas (incapazes de existir na natureza que segue seu fluxo sem maiores preocupações), as ações vão além dos homens, também estão presentes nas instituições públicas e privadas, nas grandes e pequenas empresas, assim como nas agências de comunicação que produzem e espalham conteúdos. Neste aspecto, o próprio Cinema é uma ação, a produção de cada filme é uma ação cheia de sistemas técnicos, formais e simbólicos de agir.

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso dos objetos, formas geográficas. (SANTOS, 1996, p. 82).

Na perspectiva geográfica de Milton Santos, podemos observar, de acordo com a citação acima, a relação entre: intenções que geram ações; a atribuição de funções entre grupos de pessoas para o desempenho das ações; a necessidade da criação de objetos, e; o próprio sistema de ações desencadeadas pelo uso destes objetos que dão sentido à importância da geografia nesta rede cíclica de fatores. Exemplificando esta rede por meio do Cinema, primeiro surge a necessidade imaterial de criação do filme, podendo ser gerada por uma ação simbólica afetiva ou técnica; seguida da ação de fazer um filme, dividida entre uma série de funções desempenhadas por diversos profissionais, estes, por sua vez, necessitam de objetos para desempenhá-las. Durante e posterior a este ciclo são criados novos estímulos e intenções que resultam em outras ações, novas estruturas e funções de aparatos técnicos cujo próprio uso se dá em atos dentro da ação “fazer cinema”. O filme produzido torna-se um objeto geográfico pela sua complexidade sistêmica em análise.

Por conseguinte, Milton Santos discute como a Geografia deveria, cada vez mais, ser considerada como uma ciência da ação e não como uma ciência do espaço. Ele se fundamenta em B. Werlen (1993) para explicar que os eventos, as ações e seus objetos mais modificam e criam a própria dimensão espacial do que o oposto. O autor não exclui a importância do espaço no estudo geográfico, mas a coloca como uma pista aberta para a construção das ações. Se estamos aqui tratando o Cinema como um objeto e uma ação geográfica, é por causa da sua importância, ganhada na ação cotidiana de assistir a um filme ou de produzi-lo, visto que a relevância deste fenômeno

se dá mais por meio das ações que modificam o espaço do que pela influência do espaço na produção destas ações. Neste aspecto, eles se encontram geograficamente já que nada seria das ações se não tivessem um espaço para serem produzidas, idealizadas ou moldadas. Santos (1996) explica como são as ações que dão sentido aos objetos e ao próprio espaço, ao mesmo tempo em que expõe a impossibilidade de realidade caso fossem desassociados. Para finalizar esta hipótese, ele explica como a geografia social deve ser analisada unitariamente, havendo, em cada momento, valores diferentes para as ações e para os lugares.

Uma geografia social deve encarar, de modo uno, isto é, não separando, objetos e ações. [...] Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e valor do lugar onde ela se realiza; sem isso, todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história. (SANTOS, 1996, p. 86).

Ao tratar das ações em um sistema baseado na ciência e na técnica, Santos (1996, p. 223) explica como “é a informação que permite a ação coordenada no tempo e no espaço, indicando o momento e o lugar de cada gesto”, ou seja, é por meio do contato com a informação que as ações vão sendo realizadas pelos sujeitos. Logo, detém maior controle das ações quem possui o controle da transmissão das informações. Assim sendo, podemos observar o Cinema como um meio de transmissão de informação que, pelo seu grande alcance global, codifica as ações realizadas pelos sujeitos de acordo com os códigos transmitidos. Esta ação codificada tem um papel fundamental na construção da vida coletiva e no direcionamento da vida individual, por ser exercida de forma plural e sistêmica em diversas linguagens e espaços, e pela repetição dos mesmos. Referente à importância das linguagens nesta cadeia de ações, Santos (1996, p. 223) cita Gras (1993, p. 220-221) para explicar como são as “linguagens que estruturam a ordem” e que elas implicam na “formalização abstrata do saber”. Os autores se referem a como a razão sobre a ação é formada de acordo com os meios de informação e suas linguagens, como o cinema, a televisão, os jornais e a música, que formalizam o saber e o fazer, transformando um usuário em um cliente que se torna um instrumento de obediência com a reprodução dessas ações criadas intencionalmente.

Então, o que dá poder a estes atores responsáveis pela produção de informações sobre as ações dos indivíduos é, principalmente, a escala mundial em que estas informações, como o filme, têm potencial de alcance. Nesse sistema “vários pontos distantes são, ao mesmo tempo, atingidos a partir de um mesmo centro decisório que envia suas mensagens e ordens com eficácia” (SANTOS, 1996, p. 225). É importante destacar a diferença entre a escala de ação e a escala do resultado: uma ação pode acontecer dentro de uma escala local e ter um alcance global. Assim como um filme pode ser produzido dentro de um estúdio de poucos metros quadrados e ser

disseminado pelo mundo todo, logo sua escala de resultado é muito maior que sua escala de ação. Para o autor, esse alcance é entendido como um motor que em muitos casos é a própria causa do evento criado, sendo este evento a ação em si. Podemos pensar como a causa para a produção de um filme sendo a própria escala global de alcance em que o mesmo será disseminado, em outras palavras, a ação de fazer um filme não existiria se não fosse pelo objetivo de disseminação, logo, este é entendido como o motor da ação de fazer o filme, através dele começa e se dá o seu fim.

Constata-se que essas ações globais, como assistir filmes, são eficazes e fluidas devido à “sua extrema substituibilidade, uma sucessão possível de ser alucinante, graças aos eleitos conjugados da inteligência universal das empresas e bancos, da teleação e da competitividade” (SANTOS, 1996, p. 225). De forma que estes novos objetos, como a linguagem cinematográfica, transportam com eles toda uma rede de sistemas, em técnicas que estão diariamente em substituição e que competem entre si pela atenção dos indivíduos expostos a uma disputa incessante entre discursos e mercadorias simbólicas. Tais discursos por trás dos objetos revelam sua estrutura e sua funcionalidade. Muitas vezes, esses discursos, mesmo que originados de diferentes atores, dialogam entre si pelo interesse em afirmar e seduzir os indivíduos sobre as ações que estes mesmos atores têm interesse que sejam tomadas. Desta forma, a repetitividade de certos discursos os legitimam, tornando-os aceitos com maior facilidade e reproduzidos com passividade pela sociedade. De acordo com Santos (1996, p. 227) esta legitimação “tornou-se necessária para que a ação proposta seja mais docilmente aceita, e mais ativa na vida social”.

Atualmente, estes discursos alcançam todas as esferas cotidianas dentre os espaços onde a modernidade chegou. Neste aspecto, segundo Santos (1996, p. 227), os objetos informacionais deixam de informar e passam a desinformar, fenômeno que acontece de acordo com o uso do discurso dentre os objetos criados apenas para “legitimar uma ação”, não revelando seu real interesse, ou, o discurso é criado como “base de uma ação comandada de fora que leva a construir uma história através de práxis invertidas”. Ou seja, é como se o discurso por trás dos objetos servisse para legitimar uma ação ou criá-la de uma forma invertida.

Com a existência de um discurso global em que é investido alto capital, os espaços se dividem entre relações de valores. O local ou regional vai sendo desvalorizado à medida que deixa de estar presente no discurso por trás dos objetos de status, valorizados pela sociedade. Desta forma, a cada novidade informacional ou objeto técnico criado, aos quais certos grupos não têm acesso, mais indivíduos são considerados ignorantes por não conhecerem e não saberem os valores de tais objetos, cria-se assim a necessidade coletiva de adoção destes objetos e tomada dessas ações. Ao mesmo tempo, certas materialidades (corpos e objetos) permanecem em determinados espaços, permitindo a coexistência entre valores e objetos, que tornam

os próprios espaços um encontro entre diferentes tempos. Sobre a força própria dos lugares, de cada lugar, Santos (1996, p. 228) lembra que “vem das ações menos pragmáticas e mais espontâneas, frequentemente baseadas em objetos tecnicamente menos modernos e que permitem o exercício da criatividade”.

Como já tratamos dos conceitos que justificam o Cinema ser trabalhado como um objeto geográfico e uma ação geográfica, apresenta-se a seguir o termo que está entre o objeto e a ação, chamado por Santos de intencionalidade.

A própria consciência, diz Husserl, é intencional e “quando levamos a cabo um ato do conhecimento [...] quando estamos vivendo nesse ato de consciência, nós estamos lidando com a coisa objetiva que esse ato pensa e expõe, através, precisamente, do modo de conhecimento”. (HUSSERL, 1959, I, p. 249 apud SANTOS, 1996, p. 90).

Aqui, Santos se refere a Husserl para indicar como a intencionalidade está por trás do ato (ação) do pensar, do formular de um pensamento e até da própria consciência, mas não somente dela. Para o autor, (SANTOS, 1996, p.90) a noção de intencionalidade “é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção das coisas, considerados como um resultado da relação entre o homem e o mundo, entre o homem e o seu entorno”, ou seja, tudo o que criamos, contemplamos ou nos relacionamos tem uma intenção. Pensando no filme como um objeto de observação, ele está repleto de intenções, das produtoras com as vendas, dos diretores com a arte, dos atores com a interpretação dos seus personagens e suas carreiras artísticas e até mesmo na sua contemplação como a intenção dos casais em irem ao cinema, dos pais em se entreterem com seus filhos ou das emissoras de televisão em apresentar os filmes com o intuito de ganhar audiência. Em todas as suas relações existe uma intencionalidade que liga o objeto e a ação.

Até agora, propus como objeto a linguagem cinematográfica, às vezes como filme, outras como Cinema, mas ainda não o fiz como linguagem no ensino de Geografia. O Cinema como linguagem a ser usada nas aulas de Geografia possui outro princípio, principalmente quando tratamos da intenção de seu uso, a qual Milton Santos baseando-se em Elliott Jacques chamou de episódio. Esta ideia de episódio para Santos (1996) acontece quando existe uma intencionalidade que direciona uma determinada ação, uma espécie de objetivo a ser cumprido que define as escolhas das ações sobre o uso de determinados objetos. Segundo este conceito, “a atividade se desenvolve a partir de uma imagem-meta, acarretando uma conduta orientada a atingir um objeto-meta satisfatório”. (SANTOS, 1996, p. 92-93). Para alcançar a reflexão desejada entre esta citação e o ensino de Geografia, proponho substituir os termos imagem-meta por “filme” e objeto-meta por “raciocínio geográfico”; neste caso teríamos: a atividade se desenvolve a partir de um filme, acarretado de uma conduta orientada a atingir um raciocínio geográfico satisfatório. A ideia de episódio, ainda, se enquadra para

Santos (1996, p.93) na “definição simultânea da produção dos eventos e da produção do espaço geográfico”, sendo, em acordo com o exemplo, a produção do evento equivalente à aula de Geografia e a produção do espaço geográfico sendo equivalente à própria construção espacial e social da sala de aula.

Mesmo que na noção de intencionalidade existam os episódios que buscam alcançar um resultado já idealizado, não se pode prever completamente o resultado da ação, já que o resultado “vem, exatamente, do fato de que a ação sempre se dá sobre o meio, combinação complexa e dinâmica, que tem o poder de deformar o impacto da ação.” (SANTOS, 1996, p. 95). Por consequência, pensando tanto em relação às aulas de Geografia como também no uso da linguagem cinematográfica, por mais que planejada, preparada e bem disposta que seja a aula, esta nunca se desenvolverá completamente como foi idealizada e intencionada. Sempre haverá a subjetividade dos acontecimentos em relação ao meio, dada por inúmeros fatores entre a intenção dos sujeitos presentes no espaço.

Um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente. Mas o evento só é identificável quando ele é percebido, isto é, quando se perfaz e se completa. E o evento só se completa quando integrado no meio. (SANTOS, 1996, p. 95).

Ao caracterizar a aula de Geografia como um evento, inferimos que esta será conduzida por um processo que se estabelece em uma nova função referente ao meio preexistente, processo este que a faz completa, já que a aula só existe no momento presente do acontecimento, integrando-se ao meio.

Destarte, podemos entender que o filme só é percebido como objeto, a partir do momento em que reconhecemos o meio e o evento que o situam; no ensino de Geografia, para ser analisado como um objeto geográfico precisamos situá-lo na sala de aula, mais especificamente nos conceitos geográficos que o permeiam; mas, o filme pode ser também analisado como um objeto social dentro da Geografia. Um exemplo do que pode ser trabalhado são as construções de um filme, as razões de sua grande audiência, as filosofias por trás do roteiro, os hábitos de consumo apresentados, também por meio de mapas geográficos de acordo com sua audiência ao redor do país ou do mundo, etc. Em suma, as possibilidades de análise são inúmeras, independentemente da atividade escolhida, é importante compreender que para o reconhecimento do filme como um objeto geográfico, segundo o autor, é imprescindível analisar a ação que o permeia de acordo com o meio ou forma de análise desejada.

Para o autor, não basta definir os objetos em sistemas, temos que ser objetivos em definir quais as práticas e ações que se exercem sobre o objeto analisado em questão. Ele também usa esse fundamento para explicar sobre a inseparabilidade entre objetos e ações, baseado no fato de que há uma interferência contínua entre ambos. Os objetos que constituem os espaços, por sua vez, são repletos de intencionalidades para

cumprir certas funcionalidades, que também vão se transformando e se substituindo ao passar do tempo. As ações vão se dando ininterruptamente, resultando assim nas novas ordens espaciais. Com efeito, “as redes são globais e, desse modo, transportam o universo ao local” (SANTOS, 1996, p. 333) e vice e versa. Nossa perspectiva sobre a linguagem cinematográfica neste contexto é propriamente tratar dessa universalização da realidade, dos objetos e das ações geográficas, por meio das produções fílmicas, que são resultado desta mesma rede de objetos e ações indissociáveis. Buscamos, assim, trabalhar tais conceitos geográficos através deste produto do meio técnico-científico-informacional: o filme.

2.3 Cinema e Educação: da teoria à prática

Na introdução dessa dissertação expus como durante o desenvolvimento da presente pesquisa surgiram dúvidas e questionamentos. Um desses questionamentos emergiu quando estava refletindo sobre a relação entre a linguagem cinematográfica e a Educação. Percebi que precisava ter claros os princípios e os conceitos norteadores presentes nesta aproximação da linguagem cinematográfica com a Educação antes de trabalhar suas potencialidades no ensino de Geografia. Tais respostas foram necessárias para criar a segurança do domínio científico sobre essas relações, para, assim, dar continuidade nas reflexões conceituais trabalhadas aqui referentes à prática escolar. As principais dúvidas foram a respeito do olhar a ser criado com um filme em sala de aula, antes do olhar geográfico; da potencialidade de se educar com imagens em movimento sem que se intensifique a assistência passiva desses meios, e; de como fundamentar esta linguagem em um contexto educacional escolar. Com essas dúvidas surgiram buscas e as buscas me levaram a cursar a disciplina “Fundamentos Educativos do Cinema: hermenêutica e contemporaneidade”, ministrada pelo professor Rogério de Almeida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Foi enquanto cursava esta disciplina que tive contato com o texto de Rogério de Almeida “Cinema e Educação, Fundamentos e Perspectivas” responsável por esclarecer muitos dos meus questionamentos. Como geógrafa desenvolvendo uma pesquisa com grande caráter educacional e atravessando esses processos de descobertas, sinto a necessidade de expor aquelas dúvidas que surgiram no caminho, assim como também os meios encontrados para saná-las, os mesmos que, inclusive, incentivaram e motivaram a escrita deste capítulo e também o pensar e o desenvolver das práticas nas salas de aula.

É importante ressaltar que é a dinamização da disciplina de Geografia que nos faz pensar em produzir novos laços interdisciplinares englobando os conteúdos e ensinamentos geográficos com linguagens artísticas, principalmente cinematográficas.

Segundo Cavalcanti (2010) “a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço e as questões espaciais que estão sempre presentes no cotidiano de todos eles”, porém, simultaneamente, esta ciência encontra-se presa a tradicionalismos curriculares que pouco motivam seus alunos e que muito cansam seus professores, fazendo deste círculo vicioso o cenário insatisfatório presente na maioria das escolas inseridas no contexto da realidade brasileira. Por essas razões percebemos a importância da renovação dos discursos e encontramos grande potencial na aproximação da linguagem cinematográfica com a Educação e o ensino de Geografia.

Sobre o desempenho do cinema como uma ferramenta no contexto educacional Almeida (2017) compreende que o Cinema atua em três vetores: como tela (dispositivo, linguagem, arte, discursos, narrativa etc.), espelho (metáfora da identificação/projeção subjetiva do espectador) e janela (proposição de mundo em busca de uma compreensão da realidade). Partindo do pressuposto de que “a obra cinematográfica é, então, uma janela que recorta o mundo e o apresenta como um ponto a ser visto, uma metáfora cuja compreensão é instável já que depende tanto do olhar da câmera quanto do olhar do telespectador” (ALMEIDA, 2017a), percebemos a necessidade de enfatizar para os alunos em sala de aula como o olhar dos telespectadores influencia na forma como o filme é assistido e absorvido. Exatamente como um ponto de vista sobre uma paisagem, o lugar do olhar do telespectador (neste caso o aluno) é uma parte elementar da obra fílmica. Esta relação entre olhar da câmera e olhar do telespectador é a primeira dimensão que precisamos esclarecer aos alunos quando tratamos de uma prática educativa com o Cinema, independente da disciplina ou dos temas a serem trabalhados. Um bom exemplo prático para começar esta reflexão é pedir aos alunos para se colocarem em um lugar diferente do seu. Propor para os alunos fecharem os olhos e se imaginarem em uma posição diferente da sua realidade, um oposto; outra cultura, outra região, outra idade, outra renda ou outra cor. Perguntar aos alunos como seria se fossem os pais deles assistindo ao mesmo filme, como eles pensariam ou absorveriam aquele conteúdo? Perguntar como eles mesmos seriam e reagiriam ao filme se o tivessem assistido cinco ou dez anos atrás. Mostrar como a perspectiva do telespectador muda a percepção do próprio filme. Esta reflexão sobre olhar de quem está assistindo é, para nós, um importante ponto de partida para o bom desenvolvimento da proposta de se trabalhar os potenciais da linguagem cinematográfica no ensino, e resume-se ao esclarecimento de diferentes perspectivas e olhares, que mudam, criam e participam do próprio filme.

A obra de Almeida (2017) foi essencial para a reflexão e construção do potencial da linguagem cinematográfica aplicada à realidade escolar. O autor, ao formar seus conceitos a respeito da fundamentação educativa do Cinema, condicionou seus argumentos e compactou em sete formas de análise: Cognitiva; Filosófica; Estética; Mítica; Existencial, Antropológica e Poética. Ao separar os fundamentos do Cinema

na Educação em sete divisões, Almeida alertou que, não se trata de fragmentar seus potenciais ou entendimentos, mas de compreender em partes os olhares a serem trabalhados que compõem o todo da atividade de assistir a um filme. A proposta que trazemos neste trabalho ao abordar a pesquisa de Almeida é principalmente no sentido de relacioná-la com a atividade prática realizada. Assim, apresentaremos como a partir desses conceitos surgiram respostas e, especialmente, como foi possível chegar a tais respostas durante a prática na sala de aula e, sobretudo, nas aulas de Geografia.

A primeira parte da análise de Almeida (2017) foi caracterizada como o fundamento cognitivo. Neste primeiro ponto o autor se baseia na tese defendida por David Bordwell (1996) de que um filme, apesar de ser pensado e criado conforme o estilo do seu cineasta, só passa a existir quando é assistido pelo telespectador, ou seja, só existe a partir da vivência do filme sendo caracterizada pela atividade cognitiva do receptor. “Calcado na teoria construtivista da percepção, Bordwell se interessa pelas inferências que, mesmo inconsciente, o espectador realiza ao assistir ao filme.” (ALMEIDA, 2017, p. 14).

O espectador pensa para construir a história de um filme: quando falta informação, faz inferências e suposições; quando os acontecimentos estão fora de ordem temporal, há um esforço de espectador para colocar os acontecimentos em sequência; há um esforço constante para estabelecer conexões causais entre os acontecimentos, tanto em antecipação, como em retrospectiva. (BORDWELL, 1996, p. 33 apud. ALMEIDA, 2017, p. 15).

Este primeiro fundamento se aproxima da observação anterior a respeito da maneira particular com que cada pessoa vivencia um filme. Em caráter educativo, primeiramente, é importante ressaltar para os alunos como o olhar deles recria o filme. Na prática, o professor pode se apropriar da condição de que o próprio olhar do aluno dentro da sala de aula, tendo ou não a consciência do fundamento cognitivo, cria um novo olhar sobre o filme. Um olhar de procura, sobre algum conteúdo implícito, em busca de uma aprendizagem, uma dúvida ou um posicionamento. Neste momento da prática ressaltamos duas características: a primeira é o trabalho com filmes populares, algum que a maioria dos alunos já tenha assistido, pois, a partir dessa procura natural do olhar do aluno, ele mesmo, muitas vezes, encontra realizações antes despercebidas. Neste momento prático o fundamento cognitivo tem grande valor para a realização do aluno sobre o potencial em se trabalhar a linguagem cinematográfica na sala de aula. A segunda característica é o diálogo entre o professor e os alunos. Observamos a necessidade de o professor ter clareza sobre estes fundamentos para que os alunos não confundam o ato de trabalhar com um filme com um momento de ausência de trabalho.

Pensando o fundamento cognitivo no ensino de Geografia, da mesma forma que o Cinema de acordo com o primeiro fundamento precisa ser visto e sentido para existir, a Geografia também. Todo aluno está imerso em uma realidade própria, em um meio

social, cultural e simbólico determinado de acordo com sua localização geográfica, que pode nunca habitar a realidade reflexiva daquele aluno se a Geografia não existir para ele de forma sentida. Essa afirmação decorre do fato de que Geografia, assim como todas as ciências, é uma criação humana, tendo obrigatoriamente que ser criada e exercitada no campo da mente. Ou seja, por mais que os elementos geográficos sejam materializados no mundo físico, como o próprio pensamento geográfico traduz, a Geografia é pensada, e para ser pensada ela tem que ser sentida, de forma que aqui propomos que ela seja sentida por meio de imagens entendidas e pensadas geograficamente. A Geografia, assim como o Cinema, carrega uma série de símbolos, de significados e leituras de mundo. Quando o aluno assiste a um filme, ele acumula estes significados sem ter tempo para questionar. A aula de Geografia seria o momento de questioná-los geograficamente e desmitificá-los.

No segundo fundamento, filosófico, o autor se baseia em Deleuze (1985), para explicar como o filme muda completamente o tempo e o espaço em que é exibido. Este fundamento exprime o fenômeno que faz com que o filme seja pensado e repensado, criado e recriado inúmeras e infinitas vezes, significado e ressignificado, pois a cada vez que é assistido designa um novo modo de se fazer pensar.

Com uma abordagem diferente, mas partindo da mesma premissa, Júlio Cabrera (2006, p.17) considera o Cinema como uma “forma de pensamento”. Trabalhando com a noção de que o filme é um conceito-imagem, uma sucessão de conceitos, propõe que abordemos o Cinema como um “objeto conceitual, como um conceito visual e em movimento” (CABRERA, 2006, p.17, grifos do autor), que tem a vantagem de não expor simplesmente uma ideia, mas de apresentá-la carregada de emoções. (ALMEIDA, 2017, p.15).

Partindo desse fundamento que tanto se aproxima das ideias de Deleuze sobre como o Cinema pensa e faz pensar, é importante criar a aproximação com a prática para que os alunos percebam que o Cinema é um lugar repleto de ideias, em que existe um alto investimento para que essas ideias sejam vendidas como verdades e naturalizadas socialmente. Um meio que encontrei de levar essa reflexão filosófica para dentro da sala de aula foi associá-la com algumas perguntas destinadas aos alunos. Tais perguntas podem se tornar uma boa ferramenta a ser utilizada após a exibição do filme (de qualquer filme), são elas: O que esse filme faz pensar? Como esse filme faz pensar? Ou: Qual é o ponto de vista sob o qual esse filme foi produzido? Acredito que este fundamento se materializaria em sala de aula a partir das respostas que os próprios alunos têm sobre o filme. O fundamento filosófico trabalhado nessas perguntas enfatiza como não só o conteúdo dentro do filme que é importante, mas também as reflexões a serem feitas a partir dele.

Dentro do ensino de Geografia o diálogo com o filme é construído necessariamente como linguagem. O Cinema seria a linguagem para que o ensino de Geografia se torne parte da experiência diária do aluno, para que o próprio aluno traduza como o

Cinema influencia ou não sua forma de pensar. Neste ponto, o fundamento filosófico no ensino de Geografia representa o potencial de visualizar como o modo de se fazer pensar contido no filme é materializado em forma de poder cultural, de consumo e também como se dissemina no espaço por apropriação amplificada pela globalização.

Na definição do terceiro fundamento, estético, o autor primeiramente explica, através de autores como Favaretto (2011), Vattimo (1996) e Nietzsche (1995), a origem, o caminho, o sentido em que se deu a este termo pela história de sua criação e importante trajetória, dentre os saberes científicos e artísticos que o utilizaram como definição de algo, caracterizando como além de materialização do estilo, o ato de sentir, a sensação, do prazer ao horror. O fundamento estético dentro do Cinema é tudo o que ele faz (possibilita ou tenciona) sentir, emocionar, sensibilizar.

Nesse sentido, o cinema, por difundir estéticas, por disseminar sonhos, por inculcar desejos e fabricar sensações passa a educar não só o intelecto (fundamentos cognitivos e filosóficos), mas também, e de maneira igualmente importante, a sensibilidade. (ALMEIDA, 2017, p. 18).

A importância de se trabalhar o fundamento estético na Educação se dá no sentido de conscientizar os alunos sobre como o “belo” é uma construção social, como os ideais de sensações, relacionamentos e até de provocação do medo também são padrões socialmente construídos. O Cinema é uma boa ferramenta para trabalhar esses discursos, questioná-los, e entendê-los dentro da sala de aula. A introdução desses conceitos de forma metodológica pode ser realizada de maneira a apresentar aos alunos questões do olhar quando exibidas as cenas, como por exemplo: entre os personagens, quais são considerados belos, e quais não são e por quê?; e ainda, os relacionamentos contidos dentro do filme, sendo entre casais, famílias ou amigos, são como costumamos perceber na vida real ou são ideologias sobre estereótipos de relacionamentos que somos induzidos a buscar inconscientemente? Sobre o conceito de sensações, é muito relevante usar os próprios filmes para trabalhar o contexto de enaltecimento de drogas, como o álcool e o cigarro em obras cinematográficas, ou até mesmo trabalhar a questão das drogas ilegais e como é criada a relação social ao redor do uso de drogas. Ressalto a importância de se trabalhar esses conceitos na Educação devido ao fato de que todos os alunos, desde o primeiro ano do Ensino Fundamental ao último ano do Ensino Médio, vivem inseridos em uma realidade globalizada de intensa disseminação de padrões de beleza e de sensações, que afetam diretamente as formas de viverem o espaço e se reconhecerem nele. Inclusive, ao trabalhar essas questões apresentadas, inferimos que podem ser direcionadas pelos professores não só a partir da linguagem cinematográfica em filmes, mas também a partir das linguagens que estão presentes nas vidas dos alunos, pode ser a partir de novelas, de redes sociais ou de programas de televisão.

Geograficamente, pensando o fundamento estético, é interessante tratar sobre a construção geográfica da indústria da beleza, sobre como os padrões europeus estão associados com movimentos históricos desde a colonização. Ademais, torna-se necessário analisar como os padrões sociais de relacionamentos, famílias e até amizades são muito influenciados pela cultura estadunidense devido à massiva produção cinematográfica do país e ao extenso poder de alcance dos seus filmes, que traduzem a potência cultural dos Estados Unidos. Como exemplo para ser realizados com os alunos, pode-se perguntar a eles se conhecem algum filme que lembra a realidade da sua família ou o laço com um amigo ou suas histórias de amor, se em algum filme há algum personagem ou ator parecido com os alunos, e a partir dessas respostas questionar como esses padrões são construídos e como os alunos são, ou não, representados.

O quarto fundamento apresentado por Almeida é o mítico, o fundamento que retrata caracterizações de Durand (1981), Campbell (1993), e Badiou (2004). É o poder da imagem em movimento, de transfigurar realidades passadas para a atualidade, para a disseminação de signos passados, sejam eles referências culturais, morais, sociais, ou eventuais dadas em algum certo momento da história e repetidas por alguma razão, ou interesse.

De acordo com Campbell (2010, p. 20-21), as funções do mito – e, por extensão as funções do cinema – giram em torno da reconciliação de nossa consciência com o mistério do universo, a imposição de uma ordem moral e o auxílio ao indivíduo em busca de seu centro, de uma congruência com sua cultura, com o universo, com o mistério da própria existência. (ALMEIDA, 2017, p. 20).

Mesmo que os temas abordados no fundamento mítico sejam geralmente mais trabalhados educacionalmente na disciplina de História, para a educação no geral e inclusive para o ensino de Geografia, é importante não só apresentar essas narrativas míticas como fatos passados, mas procurar explicar e demonstrar como são cotidianamente reinventadas e presentes nos novos discursos em nossa sociedade. Especificamente, trabalhando o fundamento mítico com produções cinematográficas, é interessante a proximidade com o fundamento estético em fazer sentir. Quando tratamos misticismos com o Cinema, observamos que ele proporciona sensações, cria uma aproximação nas vivências dos alunos, vai além de ensiná-los como ocorreu, mas se trata de vivenciar como ocorreu. No ensino de Geografia, principalmente, o quarto fundamento possibilita ao aluno as vivências de outras culturas, épocas e lugares do globo que a leitura e a escrita se limitam em fazê-los vivenciar. Dificilmente o aluno criará um entendimento de situações passadas se nunca for condicionado. Dessa forma, o uso de cenas proporciona ao aluno ter outras experiências, independente do aspecto geográfico em que vive. Então, neste fundamento é quebrada a relação de tempo e espaço a que pertencemos, e os alunos podem viver novas geografias. Durante a prática não necessariamente precisamos limitar a abordagem do fundamento

mítico apresentando cenas ou filmes de momentos do passado de formas ilustrativas, pelo contrário, podemos criar a dinâmica de propor aos alunos imaginar como seria vivenciada uma cena atual se fosse cem anos atrás, ou há mil anos, proporcionando a comparação entre as realidades que os próprios alunos vivem com as dos avós, dos indígenas, ou de povos indianos, pontuando como os mitos eram presentes e determinavam muitos dos acontecimentos sociais. Acredito que o maior potencial de trabalhar esse fundamento é exatamente poder criar sensações de experiências nunca vividas pelos alunos, mas que influenciaram na formação da vida social como vivemos.

O quinto fundamento abordado é o existencial. Neste fundamento, o autor explica que, se por um lado o filme é uma obra de cultura, por outro a irradia, não só por nos colocar em contato com outras culturas, bens simbólicos ou visões de mundo que se distanciam ou nos aproximam da nossa, mas por nos confrontar, durante ou depois de assistir a um filme, com o que se vê, isto é, vê-se em relação a nós mesmos.

O cinema, se de um lado é a obra de cultura, por outro a irradia. Não só por nos colocar em contato com costumes, bens simbólicos, visões de mundo que se aproximam e se distanciam de nossas próprias, mas também por nos fazer olhar para nós mesmos. Simultânea e/ou posteriormente à assistência de um filme, nossa consciência, se confronta consigo mesma diante do que vê, isto é, vê-se em relação a. (ALMEIDA, 2017, p. 21).

Outro efeito deste fundamento é nomeado pelo autor como “efeito adicional”, que seria: a descoberta que fazemos após a percepção da nossa existência, a percepção do outro. Independentemente de ser algo positivo ou negativo, podemos nos reconhecer ou nos desconhecer, aproximar ou estranhar, espelhar ou distanciar, isso se dá pelo poder que o Cinema tem de “nos forçar a ver o outro como se fôssemos o outro” (ALMEIDA, 2017, p. 21) e, a partir dessa experiência, nos descobrir existentes dentro de uma autoanálise, o ver-se ou não. Dentro do contexto geográfico, o potencial deste fundamento nos aparece como uma ferramenta de localização do indivíduo no espaço. Localização não se restringe a seu lugar no mapa, mas abarca também como o indivíduo se vê na sociedade, sua cultura, origem geográfica e classe social. Quando é exibida uma cena, criamos o questionamento de pertencimento, do que é seu, o que é colocado como seu, o que é apropriado por você sem ser seu e o que não é seu. Percebemos isso por meio das identificações com os personagens, dos mecanismos culturais e do afeto. Algumas das ferramentas práticas que fiz uso para levar aos alunos o fundamento existencial é perguntar a eles com qual personagem eles mais se identificam, e com qual não se identificam, fazê-los perceberem como se veem e como não se enxergam é uma forma de colocar em exercício o fundamento existencial na sala de aula.

O sexto fundamento trabalhado por Almeida é o antropológico. Neste fundamento, o autor recorta o potencial do Cinema em nos proporcionar saber, aprender, descobrir, sobre outras culturas, incluindo as pré-existentes, em suas palavras: “É

provável que, se não houvesse o Cinema, quase nada saberíamos de outras culturas, principalmente as que não são sombreadas pelas culturas financeiras, política e ideologicamente dominantes”. (ALMEIDA, 2017, p. 21). Ou seja, pouco os alunos saberiam sobre culturas orientais, asiáticas ou nórdicas se não fossem as representações em histórias e imagens, muitas vezes proporcionadas por filmes sobre tais culturas distantes. “Quando assistimos a um filme, a ilusão de realidade é inseparável da consciência de que ela é realmente uma ilusão, sem, no entanto, que essa consciência mate o sentimento de realidade.” (MORIN, 2014, p. 15, apud. ALMEIDA, 2017, p. 21). Ou seja, por mais que a realidade apresentada no filme seja uma construção ilusória, os telespectadores não deixam de vê-la como uma realidade. Por mais que existam questões a serem feitas sobre este fato, não deixa de ser um recurso interessante ao ser usado no ensino se for com o propósito de levar outras realidades para a realidade do aluno. Neste aspecto, assistir a um filme pode ser como um trabalho de campo, como uma nova experiência vivida, com potencial de ampliar geograficamente o mundo do aluno. Assim, podemos entender que este fundamento é importante na Geografia (como também em outras ciências), por nos possibilitar criar e recriar imaginários e/ou experiências que não vivemos por pertencerem a outro tempo-espaco, mas aos quais nos sentimos pertencentes, já que se deram em algum tempo antes do nosso, que nos possibilitou existir. Dentro do fundamento antropológico do Cinema no ensino de Geografia, está a característica do acesso às outras geografias, passadas, dominantes ou minoritárias, amplas ou específicas, trazendo a abertura de mundos passados ou futuros, mediante a quebra da barreira temporal espacial a que estamos sujeitos por nossa existência.

Sobre o sétimo fundamento, o poético, o próprio autor inicia o tratamento desse fundamento com uma citação que esclarece grande parte do que exprime:

A arte da poesia não consiste em descrever didaticamente as coisas ou expor ideias, mas de criar uma máquina de linguagem que, de maneira infalível, coloca o leitor em determinado estado poético. [...] Eis porque a expressão humana pode ser tão arrebatadora no Cinema: este não nos proporciona os pensamentos do homem, como o fez o romance durante o tempo; dá-nos a sua conduta ou o seu comportamento, e nos oferece diretamente esse modo peculiar de estar no mundo, de lidar com as coisas, e com os seus semelhantes, que permanece, para nós, visível nos gestos, no olhar, na mímica, definindo com clareza cada pessoa que conhecemos. (MERLEAU-PONTY, 1983, p. 115-116, apud ALMEIDA, 2017, p. 22).

Depreendemos dessa citação, bem como do decorrer da ideia do autor, que o fundamento poético no trabalho com o Cinema seria a existência da máquina de linguagem que fabrica os estados poéticos, as emoções, no certo momento de assistência ao filme, e não qualquer emoção, mas “a emoção de presenciar algo que não existia ou cuja existência não tinha sido vista e agora se mostra em toda sua potência” (ALMEIDA, 2017, p. 22). Diferentemente, porém próximo, do fundamento estético, o

poético não trata de um estilo abrangente, de uma definição, mas da concentração no fazer-se sentir do espectador, este, por sua vez, declarado dependente na criação e intenção do cineasta. Assim, cabe a este fundamento o poder do Cinema de fazer-se potência enquanto mecanismo sensitivo, de fazer-nos rir, chorar, sentir medo, pena, raiva ou amor.

Quando falamos que assistir a um filme no contexto escolar é um trabalho em relação ao fundamento cognitivo, aqui, no último fundamento, esclarecemos que é mais que isto. Trabalhar um filme em sala de aula é dar espaço para a emoção, para inspirar e poder criar. É nesse sentido que o Cinema se difere de outras linguagens no ensino, ao contrário de utilizar a lousa e o caderno, ao trabalhar com uma linguagem artística criamos uma abertura para a emoção, para o riso, para o choro, para um aprendizado que também é sensitivo. É neste último fundamento que se singulariza o poder das imagens em movimento e em que elas se distinguem de todas as outras. É como contemplar uma paisagem, uma sensação nova de estar presente em um momento espaço único.

Finalizado este agrupamento dos fundamentos do Cinema na Educação em sete categorias, é relevante trazer a ideia do autor quando expõe a existência das mais variadas possibilidades de relacionar o Cinema com a Educação, podendo ser desde “mais conservadoras, que consideram o Cinema como uma ferramenta didática a ser usada para o ensino em sala de aula, até abordagens ampliadas, que compreendem o Cinema como produtor de sentidos” (ALMEIDA, 2017, p. 23). Esta última, sendo a que nos faz conjecturar nossa investigação, justifica que, independente do recorte, apenas pela proliferação de telas em tempos atuais impõe-se a necessidade de pesquisas que compreendam seus fenômenos, os modos como produzem ou fazem circular os sentidos, bem como os modos como os apreendemos e a eles resistimos.

Esclareço que a utilização destes fundamentos educativos do Cinema pode contribuir para a ressignificação dos alunos no contato com a linguagem cinematográfica e com a própria construção do olhar geográfico, assim como ressignificou o direcionamento da minha prática docente e o sentido dessa pesquisa teórica e prática, como um todo. Dessa forma, apresentaremos, na próxima seção a análise de artigos, teses e dissertações que têm, recentemente, buscado compreender como se articula a linguagem cinematográfica com o ensino de Geografia, com o intuito de subsidiar a reflexão das experiências desenvolvidas em nossa prática de pesquisa.

2.4 Geografia e Cinema: revisão de literatura

Após apresentar os diálogos de aproximações entre a Geografia e o Cinema, principalmente a partir dos discursos aprofundados de geógrafos reconhecidos como

Milton Santos e Paulo César Costa Gomes, percebemos a necessidade de apresentar uma revisão da literatura entre Geografia e Cinema atual, com objetivo de refletir sobre a produção intelectual a respeito do tema. Foram selecionados oito textos de autores diferentes, publicados entre os anos de 2006 e 2017: Campos (2006), Moreira (2011; 2012; 2015), Lopes (2015), Charara; Silva; Barros (2016), Fioravante; Ferreira (2016), Rocha (2017). Para a construção da análise, primeiramente apresentaremos os textos de forma concisa, com foco em abordar os principais temas de cada texto, as principais teorias defendidas e práticas metodológicas trabalhadas. Posterior à apresentação, será realizada uma comparação e relação entre os textos, como também um agrupamento por áreas e principais temas discutidos.

Campos (2006) discute a indústria cinematográfica, as vantagens e problemas de sua utilização na sala de aula, principalmente por professores de Geografia. No texto, o autor apresenta uma lista de sugestões de filmes para serem utilizados em sala de aula, com as divisões por temáticas acompanhadas de uma breve sinopse. O autor esclarece logo no início que usar os recursos audiovisuais como filmes na sala de aula não é algo inovador, mas que, mesmo assim, contém muitas vantagens em sua utilização por se comunicar com os alunos com profundidade e envolvimento. Ele ressalta que se usados com critérios, os filmes podem ser fonte de cultura, informação e um potente material pedagógico. Como problemáticas no uso pedagógico, Campos diz que o uso de filmes não deve ser feito como substituição do professor, mas como uma ferramenta moderna capaz de provocar uma situação de aprendizagem referente ao contexto tratado na aula. Também faz referência à dificuldade no trabalho com filmes devido à curta carga horária das aulas de geografia e adverte que esse fator não significa a diminuição da importância do trabalho com filmes na aula.

Além disso, Campos (2006) trata como a comunicação em massa, muitas vezes, é utilizada como uma estratégia de dominação cultural, imposição de estilos de vida e hábitos de consumo, além da criação de sentimentos, sentidos e sensações. O autor cita também que “o cinema não é um registrador da realidade; é uma construção de códigos, convenções, mitos e ideologias da cultura de quem os realiza”. (CAMPOS, 2006). Ele caracteriza essa estruturação por trás dos filmes para justificar a necessidade de se trabalhar a linguagem cinematográfica com foco em criar condições para que se estabeleça uma visão crítica sobre características etnocêntricas e ideológicas.

Há necessidade de se trabalhar com a imagem cinematográfica, de incluí-la em planejamento, mas também é preciso ter como foco criar condições para que se estabeleça uma visão crítica sobre a sociedade do espetáculo, sobre a visão etnocêntrica e ideológica, sobre o papel dos filmes. (CAMPOS, 2006, p. 5).

O segundo texto analisado foi de Moreira (2011). O artigo faz uma revisão da produção acadêmica brasileira sobre Geografia e Cinema, principalmente de pesquisas

que analisam as representações dos espaços geográficos nos filmes entre os anos de 1999 e 2010. O autor explica que apesar da produção científica da Geografia nessa área estar em constante crescimento, durante a pesquisa do artigo mencionado apenas seis trabalhos foram encontrados, sendo três dissertações e três de teses. Ele chama a atenção para como os autores, em geral, discutem temáticas urbanas, o olhar sobre a cidade representada no filme, suas problemáticas e transformações.

Em síntese, na obra de Moreira (MOREIRA, 2011) foi observada a existência de cinco temas que circulam entre as publicações das pesquisas durante 1999 e 2010 sobre cinema e geografia, dentre eles estão: 1. Análise geográfica de vários filmes sobre o mesmo tema; 2. Análise geográfica de um filme em específico; 3. Análise geográfica sobre os filmes produzidos por um único autor; 4. Trabalhos que discutem conceitos e teorias sobre o tema que circula o Cinema e a Geografia; 5. O uso do cinema no ensino de Geografia. O autor enfatiza que há uma diversidade de temas de estudos entre os pesquisadores brasileiros, ao mesmo tempo que outras categorias de análise presentes em trabalhos estrangeiros ainda estavam começando a ser discutidas no Brasil.

Já no ano de 2012, Moreira publica outro texto, outra revisão bibliográfica, mas desta vez especificamente sobre o uso de filmes no ensino de Geografia no Brasil. Moreira caracteriza as dificuldades e potencialidades deste trabalho didático, como também apresenta uma lista de filmes sugeridos para o trabalho em sala de aula.

Na primeira parte o autor apresenta uma breve história do uso dos filmes como recursos didáticos no Brasil que, segundo ele, se iniciou a partir das décadas de 1920 e 1930 com influência da escola nova. Ele evidencia como, desde o início, as questões estruturais foram empecilho para a utilização desta linguagem no ensino. No mesmo capítulo, o autor trata os principais conceitos discutidos nos textos analisados por ele, como o cinema educativo, a pedagogia da imagem e a formação estético visual. Em seguida, como citado anteriormente, o autor trata as dificuldades do uso do Cinema nas escolas, sendo as principais problemáticas trazidas: as questões estruturais como a falta de auditórios, de aparelhos de TV, DVD, som e projeção, falta de manutenção dos aparelhos existentes, falta de acervo de filmes, e falta de local adequado para a exibição de filmes. Além das questões estruturais, o autor apresenta as dificuldades burocráticas e de gestão como a falta de integração entre os diversos atores envolvidos (professores, gestores, funcionários, pais e órgãos municipais, estaduais e federais), dificuldade de acesso e suporte técnico e dificuldade de articulação para efetivarem mudanças. Ainda sobre as dificuldades encontradas, (MOREIRA, 2012) ressalta que devem ser transcendidas e que com a participação de toda comunidade escolar os obstáculos podem e deve ser superados:

A constatação das dificuldades do uso de filmes nas escolas deve ser transcendida, e não encarada como algo negativo e restritivo, os obstáculos podem e

devem ser superados. A participação de toda comunidade escolar é essencial para superar esses obstáculos, uma vez que a escola deve ser gerida como um ambiente democrático e participativo. (MOREIRA, 2012, p. 62).

Por último, o autor apresenta as possibilidades do uso do Cinema nas escolas e uma lista de filmes agrupados por temáticas. Sobre as possibilidades e potencialidades, Moreira chama a atenção para a importância do papel do professor em complementar a exibição de um filme com algum outro recurso como livros e matérias de jornais ou revistas, devido ao fator de que nenhum filme aborda uma ideia total sobre algo. Outro potencial, também caracterizado pelo autor no uso de filmes nas escolas é a interdisciplinaridade e transversalidade de alguns temas abordados pelos filmes, pois permitem professores de diferentes áreas trabalharem em conjunto, além de oferecer um conhecimento amplo aos alunos, partindo de várias perspectivas.

Já em 2015, Moreira faz nova revisão, reunindo 19 textos, entre dissertações, teses e artigos. O autor defende, com base em Lukinbeal (1995), que existe uma geografia no filme e uma geografia do filme: uma seria sobre o estado artístico da criação fílmica, e a outra sobre o impacto cultural e social dos filmes na sociedade. Depois, com base em Hicks (1997), defende que os filmes influenciam no vivenciar do espaço geográfico, não só na questão física mas também na psíquica, no sentido de sentir, criar, se especializar e se localizar nos espaços de acordo com o que assistimos nos filmes. Ao abordar o texto de Everette (2011), Moreira traz outro conceito importante: caracteriza que um significativo papel ou potencial do Cinema é o de quebrar estereótipos, e não de reforçá-los.

O referido autor (MOREIRA, 2015) também caracteriza os 19 trabalhos encontrados na revisão da literatura, sendo oito estrangeiros, de países como Estados Unidos, Itália, Canadá e Inglaterra. Como os principais temas abordados, caracteriza os mais presentes, como “o uso de filmes no ensino de Geografia, representações sobre o espaço urbano, sobre paisagem, representações sobre algumas cidades em específico, sobre favelas e territorialidades” (MOREIRA, 2015, p.138). É importante salientar uma análise não feita pelo autor nas considerações, a saber, que todos os trabalhos com foco na importância do Cinema como ferramenta didática no ensino de Geografia foram desenvolvidos no Brasil. Ademais, foi possível perceber uma tendência entre as produções estrangeiras na escolha de temas como a representação ou valorização cultural de algum país ou cidade produzidos por filmes; a criação de uma identidade cultural de um local e; a análise socioespacial de filmes selecionados por pesquisadores. Uma observação interessante apontada pelo autor nas considerações é que “há também, uma gama de temas geográficos que ainda não foram explorados neste tipo de pesquisas: representações sobre o espaço rural, sobre a geopolítica contemporânea, as questões ambientais no Cinema, dentre outros” (MOREIRA, 2015, p.138). Ou seja, além de apontar os temas mais abordados até 2014 entre as pesquisas

envolvendo Geografia e Cinema no Brasil e no exterior, o autor expôs temas que foram pouco discutidos até então, enfatizando os potenciais e até a necessidade de serem trabalhados futuramente como um estímulo à pesquisa nesta área e a necessidade de desenvolver tais ideias.

Na sequência, Lopes (2015), em sua dissertação de mestrado, analisa uma experiência didática com as disciplinas de História e Geografia e as potencialidades do uso do Cinema como ferramenta didática. Na primeira parte do trabalho, a autora explica sua intenção no uso do Cinema como propósito de formar cidadãos mais conscientes e atentos. Ela chama a atenção para “como” o Cinema deve ser usado em sala de aula e defende seu uso como facilitador de relações e envolvimento entre os alunos, com as temáticas trabalhadas nas disciplinas e com caráter informativo sobre diversas questões sociais, geográficas e históricas. Além desses pontos, (LOPES, Setembro de 2015) ressalta “tratar o cinema como um fim e não como o meio”.

Como metodologia para analisar a efetividade da prática e dos resultados, a autora realizou questionários com os alunos das turmas do 9º ano participantes das práticas. De acordo com os questionários, as principais conclusões foram que o uso de filmes, em partes, concentra a atenção da maioria dos jovens sobre os temas desejados e que foi criado um ambiente de busca pelo conhecimento com efeito motivacional nos alunos. Percebemos neste trabalho de Lopes (2015) diversas similaridades com a dissertação de mestrado em desenvolvimento, logo, pode-se concluir que trabalhos com este caráter estão recentemente sendo mais discutidos e desenvolvidos no Brasil, em diversas regiões do País.

Em seguida, abordamos artigo de Charara et. al. (2016), que também se refere à linguagem cinematográfica como recurso na sala de aula no ensino de Geografia, principalmente como ferramenta na construção do raciocínio geográfico. Dentro do trabalho nota-se uma preocupação entre os autores de servir como uma orientação aos discentes de Geografia, buscando aprofundamento nos temas relacionados à importância do professor no desenvolvimento da prática com o Cinema e também para a disciplina como um todo, além de afirmarem, em relação à criação do olhar geográfico sobre os filmes, que “essa construção deve ser contínua ao longo dos anos escolares” (CHARARA *et al.*, 24 a 27/out, 2016). Segundo os autores,

Através do cinema, o professor pode contextualizar aquilo que geralmente fica retido nas páginas dos livros de uma forma que venha a despertar o interesse dos estudantes por uma extensão de temas trabalhados pela Geografia, assim como quebrar estereótipos de que este recurso serve apenas para passar o tempo. (CHARARA et al. 2016, p. 2-3).

Os autores ressaltam que mesmo que o uso de filmes na Educação não seja considerado uma novidade, continua sendo uma boa ferramenta didática por englobar vertentes variadas e minimizar tradicionalismos e que, por se tratar de uma arte,

contribui para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e também da percepção do mundo ao redor. Porém, apontam que essa prática depende muito do posicionamento e planejamento do professor, como também do subsídio estrutural e organizacional da gestão escolar.

Analogamente, Fioravante e Ferreira (2016) investigam a aproximação do Cinema com a Geografia por um viés pedagógico. As autoras relatam que a relação entre Geografia e Cinema vem despertando maior atenção dos geógrafos principalmente desde a década de 90, e ainda revelam que a preocupação destes geógrafos foi além da legitimação do uso das imagens em movimento na construção do pensamento geográfico, a ponto de se desdobrarem em testar seus limites mediante uma grande variação de perspectiva. No texto, ressalta-se que se por um lado o número de publicações a respeito do tema tem aumentado, por outro lado, consequências, premissas e desafios de tal ação didática envolvendo a linguagem cinematográfica com o ensino de Geografia foram pouco discutidos e aprofundados dentro das publicações feitas até então.

A investigação de Fioravante e Ferreira (2016) foi realizada com base na coleta de textos de 148 periódicos científicos brasileiros e internacionais, analisados entre 1950 e 2014, sendo encontrados 32 textos que discutem a relação do Cinema com o ensino de Geografia, e 14 deles publicados entre 2001 e 2014. A respeito da seleção, as autoras esclarecem que a escolha por periódicos em vez de teses e dissertações se deu pelo fato de que as ambas consideram a publicação de periódicos científicos como a principal forma de divulgação científica atual por conta da horizontalidade das temáticas e fácil acesso digital. Sobre a seleção, também chamam a atenção para o fato de que não contém algumas publicações de autores reconhecidos sobre o tema, pois tais autores trabalham uma perspectiva mais a respeito da representação cultural do que sobre o Cinema como ferramenta no ensino de Geografia.

Uma das principais conclusões desta investigação é que, dentre os trabalhos analisados, existem principalmente duas perspectivas entre os geógrafos a respeito do trabalho com o Cinema como ferramenta didática: “a primeira delas baseia-se na ideia de que filmes são retratos fiéis da realidade e a segunda foi construída enquanto negação absoluta da primeira” (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016). As primeiras aproximações construídas entre o ensino de Geografia e o Cinema basearam-se no realismo cinematográfico, os documentários eram apresentados como representações de espaços que os alunos não poderiam acessar como uma alternativa ao trabalho de campo. “Nesse sentido, os filmes eram interessantes formas ilustrativas que possibilitavam a comparação direta entre as formas e os tipos sociais e naturais” (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016, p. 217). As autoras citam Clarke (1977) para caracterizar as críticas a essa forma de se trabalhar o Cinema nas aulas de Geografia. Segundo elas, Clarke aponta que essa metodologia diminui o potencial do uso dos filmes a meros auxílios

visuais dos temas discutidos, além de afirmar que os documentários não podem ser vistos como uma concepção de verdade, já que eles apresentam manipulações técnicas sobre o tema em que se debruçam.

Na sequência, a segunda seção do texto de Fioravante e Ferreira (2016) é dedicada à reflexão de como ocorreu a ruptura da perspectiva realista presente nos primeiros trabalhos com Cinema no ensino de Geografia e no pensamento geográfico como um todo. Esta ruptura foi ocasionada, principalmente, pela incorporação das discussões pós-estruturalistas nas Ciências Sociais, marcadas pela problemática da subjetividade e objetividade, representação e comunicação. Essas perspectivas “dão ênfase à ideia de que todos os significados atribuídos a objetos são resultados diretos de ações e sistemas de pensamentos sociais” (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016, p. 223). A partir do encontro com essas discussões, as autoras explicam que a principal consequência para os geógrafos foi o reconhecimento de que todas as produções cinematográficas são o resultado de um conjunto de narrativas:

A principal consequência da aproximação dos geógrafos com essas discussões é o reconhecimento de que todas as produções cinematográficas são o resultado direto de um conjunto de convenções narrativas utilizadas com sucesso. (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016, p. 223).

Nesta seção também é abordada a relevância do ensino de uma pedagogia midiática, principalmente o uso dos filmes como ferramentas capazes de criar uma visão crítica e de questionamento nos alunos. As possibilidades para o uso dos filmes como tal ferramenta estão relacionadas a pensar os quadros como representações e as imagens do cinema como realidades criadas, coerentes com a narrativa estrutural pensada para cada filme. Condiz com “levar em consideração a ideia de que filmes criam sistemas, quadros próprios nos quais significados particulares estão embutidos em contextos específicos de lugares e grupos sociais” (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016). Ainda, o texto indica que grande parte das informações que os alunos têm sobre determinados lugares antes de ir para a sala de aula foram obtidas por meio de filmes, e que sua importância no ensino de Geografia não está em ampliá-las, mas em criar a análise crítica das mensagens que os filmes apresentam:

Certamente, grande parte das informações sobre lugares que os estudantes têm antes de ir para a sala de aula foram obtidas a partir de filmes. Entretanto, a inclusão de filmes nos cursos de Geografia deve garantir não somente a expansão temática do conteúdo, mas também, melhorar a análise crítica das mensagens que os meios de comunicação apresentam. (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016, p. 227).

Na parte final do texto, salienta-se que assistir a filmes em sala de aula não é suficiente para que os estudantes criem uma visão crítica ou que dê conta de possibilitar a compreensão de todas as informações que os filmes apresentam. Além disso, torna-se clara a importância de se pensar o próprio processo de criação e construção

dos filmes nas aulas de Geografia como importante ferramenta para a análise crítica dos mesmos e para o desempenho do raciocínio geográfico por trás dos aparatos ideológicos que acompanham o fazer Cinema.

Por fim, o último texto selecionado para a formulação da revisão teórica apresentada neste capítulo é o de Rocha (2017). A questão central deste artigo é compreender o uso de filmes como recurso didático por professores de Geografia das turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na cidade de Bandeirantes, localizada no estado do Paraná. O autor afirma que o uso de filmes como didática no ensino de Geografia se deu com maior frequência, principalmente, a partir da renovação teórico-metodológica da Geografia nas décadas de 1970 e 1980, que buscou entender como os grupos sociais produzem o espaço, além de trazer para o discurso geográfico elementos que antes ficavam à margem das suas discussões, como a geografia das mulheres, dos índios, dos pretos e de homossexuais. Nessa perspectiva, o uso de filmes entrou como ferramenta para levar o olhar dos estudantes até este novo lugar de fala. Segundo o autor, nesse momento o professor de Geografia passou a “utilizar as obras cinematográficas para abordar temas característicos ou transversais à Geografia” (ROCHA *et al.*, 2017).

O autor defende que o Cinema na sala de aula pode despertar maior atenção e interesse dos alunos, além de ter um grande potencial para desenvolver habilidades críticas e entendimento sociocultural. Ao mesmo tempo que Rocha (2017, p.160) apresenta os potenciais do uso de filmes, alerta que seria “um grande erro aceitar a representação cinematográfica sem questionamento e análise crítica”. Quando o autor apresenta a questão sobre a forma crítica de trabalho com os filmes, ele faz referência aos conceitos de “filtros” de Barbosa (2001). Para auxiliar no posicionamento de uma leitura crítica das imagens cinematográficas, Barbosa indica aos professores destacar um ponto de vista geográfico sobre “a autenticidade das paisagens apresentadas, o etnocentrismo, os arquétipos de figuração e a subjetividade do autor na narração e na escolha dos enquadramentos do espaço representado” (BARBOSA, 2001, p. 117 apud ROCHA, 2017, p. 160). Em seguida, Rocha finaliza a discussão a respeito do olhar crítico no uso de filmes afirmando ser “evidente que ao se trabalhar com filmes nas aulas de Geografia, além de todo cuidado e planejamento, o professor precisa ter um senso crítico capaz de diagnosticar qualquer irregularidade na obra e fazer uma leitura crítica dela” (ROCHA, 2017, p. 160).

Concomitantemente, a respeito das questões referentes às perspectivas dos professores de Geografia, Rocha (2017) revela que, segundo os professores da cidade de Bandeirantes, o principal desafio hoje dentro da sala de aula é despertar o interesse dos alunos, e que o uso de filmes, muitas vezes, é escolhido como uma ferramenta para trabalhar esse desafio. Para o autor, a principal preocupação do professor de Geografia deve ser pensar práticas pedagógicas que sejam estimulantes para os alunos.

Com efeito, foi evidenciado por Rocha (2017, p.161) que os professores “fazem uma utilização bastante diversificada” dos recursos didáticos, mas que os mapas e os materiais cartográficos ainda constituem as principais ferramentas utilizadas. Quando as questões do questionário se voltaram para a utilização dos filmes como didática em sala de aula, 70% dos professores afirmaram usar ou já ter usado esta ferramenta no ensino de Geografia. Como justificativa à escolha da utilização de filmes “entre os professores participantes da pesquisa a maioria respondeu que utiliza os filmes no sentido de despertar o interesse do aluno [...] já o segundo eixo surge à utilização do filme no sentido de ilustrar o conteúdo” (ROCHA, 2017, p.164). Além disso, no posicionamento geral sobre a utilização de filmes no ensino de Geografia, segundo Rocha (2017, p. 164) 80% dos professores participantes da pesquisa “acredita que os filmes podem ser um mediador interessante no ensino de Geografia”. Por fim, os professores ressaltaram alguns critérios importantes a serem pensados ao trabalhar com as obras cinematográficas, “como, por exemplo, o tempo de projeção, a possibilidade de utilizar cenas e fragmentos e as preferências dos alunos” (ROCHA, 2017, p. 165).

Assim, a partir desta breve revisão da literatura sobre Cinema e o ensino de Geografia foi possível compreender, de maneira mais próxima, como esta temática vem sendo pesquisada neste campo do conhecimento. Das oito obras analisadas, quatro se dedicaram a discutir o Cinema e o ensino de Geografia no formato de revisões bibliográficas, enquanto as outras quatro são, principalmente, sobre práticas com a utilização da linguagem cinematográfica como ferramenta didática no ensino de Geografia.

Dentre os quatro artigos realizados como análise bibliográfica, três deles foram exclusivamente pensados sobre a produção científica brasileira a respeito dos temas, sendo eles: Moreira (2011) Moreira (2012), Fioravante; Ferreira (2016) e Moreira (2015), que é único que incluiu artigos estrangeiros em seu texto. Já os trabalhos que se debruçaram sobre as questões que envolvem o ensino de Geografia em uma vertente mais próxima das práticas didáticas, para além da análise bibliográfica, foram: Campos (2006), Lopes (2015), Charara; Barros; Silva; (2016) e Rocha (2017). Em síntese, percebemos que dentre os pesquisadores brasileiros existe tanto o interesse em entender a dinâmica de produções científicas, sua transformação com o passar do tempo e a transição de conceitos norteadores, quanto a disposição em desenvolver as questões ao redor da dinâmica no uso da linguagem cinematográfica dentro da sala de aula.

Analisando os quatro textos que tratam as didáticas em sala de aula com a linguagem cinematográfica e o ensino de Geografia, percebemos que apenas no trabalho de Lopes (2015) foi realizado um levantamento prático. As outras três pesquisas, por mais que abordassem temáticas relacionadas às didáticas, ao papel do professor, às

potencialidades e às problemáticas, não apresentaram pesquisa prática. Dois destes textos, Campos (2006) e Charara; Barros; Silva (2016), disponibilizaram uma lista de filmes com temáticas possíveis a serem trabalhadas dentro dos conceitos geográficos, enquanto Rocha (2017) foi o único pesquisador a desenvolver questionários com os professores sobre o uso do Cinema na sala de aula, o perfil dos professores e as linguagens mais usadas por eles no ensino de Geografia. De modo que, percebemos que poucos pesquisadores estão realmente envolvidos com a realidade escolar quando tratam dela.

Neste sentido, percebemos um distanciamento entre a prática escolar e a pesquisa acadêmica. Por um lado, temos as práticas cotidianas em sala de aula sendo desenvolvidas pelos professores, e por outro, temos pesquisadores interessados no tema, mas pouco envolvidos com a realidade escolar. Neste ponto pensamos que, por mais que as produções sobre o tema tenham crescido no Brasil, faltam pesquisas e produções científicas criadas pelos próprios professores, que relatem a construção e desenvolvimento das didáticas com a linguagem cinematográfica de dentro das escolas. Com o intuito de suprir esta lacuna, mesmo que forma parcial, propusemos esta investigação, articulando o debate teórico-conceitual com a reflexão sobre e a partir da prática na escola. É com base nesta perspectiva que apresentaremos, no próximo capítulo desta dissertação, as ações desenvolvidas em duas escolas públicas da rede estadual de São Paulo que buscaram articular o ensino de Geografia e a linguagem cinematográfica.

3 Ensino de Geografia e linguagem cinematográfica: reflexões a partir da realidade escolar

Até aqui apresentamos como sucederam os desdobramentos conceituais e, principalmente, como encontramos as aproximações entre a linguagem cinematográfica, a Educação e a ciência geográfica. Nesse capítulo que se inicia, damos início à parte em que relacionamos os conceitos vistos anteriormente com as cenas trabalhadas nas escolas em que foram desenvolvidas as práticas. Para dar início à explicação de como construímos o olhar geográfico por trás das cenas, é importante lembrar que quando os pensadores ou pesquisadores de campo criaram a Geografia, eles viviam em tempos em que as paisagens eram fixas e o deslocamento para conhecê-las era necessário. Geógrafos criaram escalas, quadros e mapas como ferramentas de análise para entendimento e uso das distâncias, a Geografia era a ciência necessária para o deslocamento, para a produção rural ou o desenvolvimento urbano. Entretanto, com o desenvolvimento tecnológico e informacional, cada vez mais as paisagens e localizações deixaram de ser fixas e passaram a ser móveis. Segundo Santos, na atualidade, os objetos surgem como informação, que, muitas vezes, é o vetor principal do próprio funcionamento do objeto, como no caso do cinema.

Consoante, a ideia de que tratamos aqui é que as paisagens, os mapas ou as escalas não são mais fixos, mas sim fluidos. As paisagens podem ser vistas, sentidas e analisadas virtualmente. Segundo Santos (1996), as próprias paisagens no meio técnico, científico e informacional passaram a ser técnicas e científicas. O que queremos dizer é que a Geografia se tornou múltipla, e múltiplas se tornaram as formas para analisá-la. Quando propomos pesquisar o potencial da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia, estamos trabalhando a Geografia contida nas cenas, não apenas os objetos geográficos como paisagem, biomas ou aspectos políticos e sociais, mas o próprio filme como produto antrópico que tanto diz e nos faz dizer.

Nesse contexto de rápida transformação das linguagens, o que era engessado como a forma de se pensar, produzir e ensinar Geografia deformou-se para poder metamorfosear-se. Como participantes do movimento de incorporação dessas novas linguagens na produção dos saberes geográficos, propomos aqui a construção do mapa teórico das cenas trabalhadas durante a prática desta pesquisa. Trata-se de uma vertente do pensamento geográfico preocupada em criar, refletir e questionar novas representações das geografias contidas em diversos objetos, neste caso, na produção cinematográfica.

O trabalho com as cenas apresentadas aqui foi realizado em duas escolas públicas da zona oeste da cidade de São Paulo. As duas escolas foram escolhidas de acordo com sua localização, devido à logística da realização do projeto prático simultaneamente à pesquisa teórica e às aulas na Universidade de São Paulo – USP,

também localizada na zona oeste da cidade. Na primeira escola, o trabalho foi realizado com seis turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na segunda escola, integrada ao Programa Ensino Integral (PEI)¹ do Estado de São Paulo, o projeto foi realizado com dez turmas do Ensino Médio.

Nosso interesse ao trabalhar uma produção fílmica não está em analisá-la como realidade nem em julgar sua proximidade ou distanciamento do quadro real. Não vemos como um problema o fato de a produção de um filme criar uma obra que vá para outra direção da realidade com relação àquilo que se mostra em cena. Cabe aqui interpretar um produto visual como qualquer outro objeto que a partir do exercício do olhar se encontra repleto de geografias. Independente do gênero, estilo ou abordagem que o filme apresenta, sempre haverá inúmeras formas de análises geográficas possíveis, que dependem do ponto de vista do espectador. Por outro lado, não deixaremos de abordar o potencial de análise na apresentação de fenômenos evocados pela própria produção fílmica.

3.1 Olhares geográficos a partir do filme “Que Horas Ela Volta”

A seguir, vamos apresentar como sucede uma interpretação geográfica referente aos significados dos símbolos contidos nas cenas, passando pela escolha dos atores para cada personagem, pelas falas, gestos, figurinos, cenários, a espacialidade do campo fílmico e também pela perspectiva geográfica sobre o enquadramento, iluminação, ângulo da câmera e cortes da edição. Analisaremos a geograficidade presente na disposição orgânica entre os personagens, os espaços e a produção cinematográfica. Neste mapeamento das cenas trabalharemos o filme “Que Horas Ela Volta” 2015.

O filme “Que Horas Ela Volta”, de 2015, de Anna Muylaert, foi escolhido por ser um filme brasileiro popular, porém não convencional. Um filme que aborda uma realidade brasileira repleta de questionamentos geográficos, mas que poderiam passar despercebidos pela similaridade com a vida cotidiana desde que tal análise não fosse objetiva. A obra trata da vida comum de uma mulher pernambucana, migrante da sua região de origem para a capital paulista, que se torna doméstica por necessidade e, nesta condição, fica por mais de uma década. A trama tem como locação principal a casa dos patrões de Val, a protagonista, e tem início quando a filha de Val, Jéssica, vem visitar a mãe depois de mais de dez anos sem vê-la para prestar vestibular em uma das melhores universidades públicas do País.

Apresentaremos os debates centrais do filme seguidos dos olhares geográficos de acordo com as cenas apresentadas nas práticas em sala de aula. Por isso não cabe

¹ O Programa Ensino Integral foi instituído na rede estadual de São Paulo em 2012. O programa prevê a ampliação do tempo de permanência dos estudantes na escola, bem como a flexibilização curricular com a criação de disciplinas eletivas. Para mais, ver Giroto & Cássio (2017).

aqui abordar as questões que permeiam todo o enredo do filme, pela razão de fugir ao foco do nosso objetivo inicial que é mostrar a criação do raciocínio geográfico de forma complexa, porém prática, aos estudantes. Cabe lembrar, também, que as reflexões apresentadas aqui são um exemplo de interpretação possível, pois a Geografia é múltipla e está sempre em evolução, transformação e sujeita a diversas interpretações.

O filme tem cinco atores no elenco principal. A doméstica, Val, interpretada por Regina Casé; no papel de filha da personagem principal temos Jéssica, interpretada por Camila Mardila; na família dos patrões de Val, temos Bárbara, interpretada por Karina Teles; Carlos, por Lourenço Mutarelli; e Fabinho, o filho do casal de patrões interpretado por Michel Joelsas. Além dos atores principais, nas cenas também aparece Edna, a outra empregada da casa, interpretada por Helena Albergaria. Na escolha dos personagens, primeiramente, notamos a presença de dois grupos diferenciados: os três personagens que compõem a família de patrões têm cor de pele mais clara, diferenciada da família de Val, que tem cor de pele mais escura. Percebe-se o interesse da direção em mostrar a diferença da cor de pele de cada personagem, tão marcada em questões de diferença de classe. Além da cor da pele e do cabelo, para deixar essa diferença mais explícita ambas as personagens (Val e Jéssica) tem sotaque pernambucano, evidenciando a migração nordestina da personagem resultante na sua profissão de doméstica.

A casa dos patrões de Val, locação principal do filme, é uma ampla construção em um bairro nobre da capital paulista, o que mostra o alto poder aquisitivo da família. Entre os espaços da casa existe uma divisão geográfica. De um lado às amplas salas de TV e jantar, quartos amplos com banheiros, jardim, ateliê e piscina, e do outro lado existe o espaço da Val, que se resume a um quatinho de poucos metros quadrados sem ventilação e à cozinha, onde passa a maior parte do seu tempo trabalhando. Analisando geograficamente, percebemos a casa como o próprio espaço de uma cidade, onde, por mais que existam espaços sociais e de lazer, estes dependem da classe social do indivíduo para serem acessíveis. Muitas vezes essa classe social está relacionada à cor, à origem, ao traje e ao poder aquisitivo dos grupos sociais. Neste caso, o filme busca retratar de forma crítica esta espacialidade subjetiva como a geografia de muitas mulheres destinadas a passarem seus dias em poucos metros quadrados desempenhando suas funções de domésticas. A produção do filme faz com que o público se desloque para o papel de Val e veja as limitações geográficas impostas a ela. O último espaço da casa que necessita apresentação, por sua importância geográfica na trama, é a piscina. Ao contrário do quatinho ou da cozinha, a piscina é onde Val é proibida de entrar. O lugar de lazer é unicamente destinado ao aproveitamento dos patrões que quase não a usam, sendo mantida como um objeto de status. A geografia da classe dominante mais uma vez é caracterizada como espaço de segregação. A piscina faz analogia a muitos fenômenos, o principal deles é a desigualdade do acesso.

A acessibilidade da piscina é algo controlado por quem detêm o poder da propriedade. Usamos a piscina em analogia a um espaço público como o Parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo, que apesar de público pode ser percebido como privatizado, levando em consideração a geografia do acesso a localidades centrais da cidade em relação ao público periférico, que vive nas porções afastadas da metrópole.

Na sequência, dentre os temas centrais do filme, tratamos do interesse comum entre Fabinho e Jéssica em relação à vaga na Universidade Pública. A família dos patrões deixa explícita a dúvida, o questionamento e o preconceito sobre a entrada de Jéssica no curso de arquitetura na Universidade de São Paulo. Dizem que é muito difícil, concorrido, e que é para a garota não se iludir. Enquanto isso, eles dão suporte à entrada de Fabinho na Universidade, ele que, por ser pertencente à classe média alta brasileira e ter estudado sua vida toda em colégio particular, teria seu lugar garantido em uma faculdade de prestígio. O que está contido no debate em questão é o lugar geográfico de cada indivíduo, muitas vezes implícito. Neste caso, a geografia da vaga dos alunos das Universidades públicas brasileiras. Trata-se, mais uma vez, da privatização do público. Portanto, o filme traz questionamentos a respeito da espacialidade dos sujeitos, da cidade, do público e das suas desigualdades mascaradas em meritocracia.

Na primeira escola em que a prática do projeto foi realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o principal interesse em trabalhar o filme se deu por parte dos estudantes serem migrantes da região nordestina. No trabalho com estas turmas intencionou-se: questionar a relação das expectativas e realidades da migração; tratar a geografia por trás das oportunidades de emprego e estudo vivenciadas pelos alunos a partir da subjetividade apresentada no filme; relacionar as geografias da exclusão através das razões pelas quais os alunos cursam o EJA, um modelo de educação marginalizado se comparado ao modelo e idade convencionais dos alunos de Ensino Médio.

Na segunda escola, participante Programa Ensino Integral (PEI) do Estado de São Paulo, o trabalho foi destinado a alunos de escola pública que detêm certos privilégios se comparados com os alunos da primeira escola, como o fato de não terem a obrigação nem a necessidade de trabalhar, e poderem passar o dia todo na escola. Neste cenário, os principais fatores a serem trabalhados com o filme foram as geografias por trás da desigualdade do sistema educacional brasileiro em relação às vagas da universidade pública; os valores e regras invisíveis impostos à filha da empregada em relação à sua classe social e; a questão de São Paulo ser uma cidade globalizada e a sua relação entre espaços públicos e privados.

Feita a apresentação da análise central do filme, podemos partir para a apresentação das cenas. Para criar uma aproximação entre o formato da dissertação e a cronologia da apresentação na prática, iremos primeiro apresentar as cenas, como foi realizado nas escolas, para posteriormente realizar a análise geográfica delas e

relacioná-las com os conceitos já trabalhados aqui. Na primeira cena que apresentamos, Val chega à sua patroa com um presente de aniversário, um jogo de xícaras. A patroa agradece e diz para Val guardá-las para uma situação especial. Em seguida Val pede para conversar com a dona Bárbara, nesta conversa explica o interesse da filha Jéssica (da qual a patroa não se lembrava) vir para São Paulo prestar vestibular e faz o pedido para que a filha possa estar na casa com ela por alguns dias até que Val encontre um lugar para as duas. A patroa autoriza, diz que Val é como se fosse da família, e que vai comprar um colchão para Jéssica. Na sequência da cena, Val tenta organizar o jogo de xícaras que são pretas e brancas e não se encaixam (imagem 1). Fica repetindo em um tom desajeitado “o preto no branco” fazendo referência ao ditado popular querendo expressar como o assunto deve ser esclarecido, organizado e dito. O fato das xícaras não se encaixarem e o “preto no branco” ficar confuso pode ser percebido como algo ter ficado nas entrelinhas, não ter sido dito, contendo certa incoerência entre discurso e realidade.

Figura 1 – Imagem 1 - Cena 1



Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Na continuação do mesmo quadro apresentado, a noite chega e é a festa de aniversário de dona Bárbara. Val sai da cozinha com uma bandeja de petiscos e passa oferecendo para os convidados. Quando Val volta para a cozinha se prepara para levar o café no jogo de xícaras novas, ela sai da cozinha e a câmera permanece na mesma posição, estática na cozinha. Poucos segundos depois, Val é empurrada de volta pela patroa que adverte a funcionária (Imagem 3), e diz para ela usar outro jogo de xícaras (o que a patroa trouxe de uma viagem à Europa) e levar aquele para a casa de praia. Val se questiona sobre a fala anterior da patroa, quando disse para “guardar as xícaras para usar em uma ocasião especial”. Neste corte podemos observar uma característica central do filme que é o lugar da câmera. A posição central da filmagem é dada no

enquadramento da cozinha, a câmera estática mostrando uma lentidão da ação, pouco movimento ou mudança do ambiente, geograficamente relacionado com a própria vida da doméstica – enraizada dentro das paredes da cozinha, estável, fixa e regular.

Figura 2 – Imagem 2 - Cena 1



Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Figura 3 – Imagem 3 - Cena 1



Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Na segunda cena, Val está no aeroporto esperando a chegada de Jéssica (Imagem 4). No aeroporto analisamos a representação dos figurinos de Val e de Jéssica, caracterizados por serem mais simples se comparados à classe social que no Brasil frequenta aeroportos, enfatizando um atrito entre sujeito e lugar de pertencimento, como se ali não fosse o lugar a que ambas as personagens pertenciam. Ainda no

aeroporto, de acordo com o diálogo entre mãe e filha, ocorre o reencontro depois de dez anos entre as duas. Representa-se, então, o distanciamento geográfico familiar causado pelo êxodo regional ocorrido no Nordeste. A cena mostra também, implicitamente, a desigualdade nas oportunidades de trabalho entre Nordeste e Sudeste e sua consequência nas relações interpessoais de afeto.

Figura 4 – Imagem 1 - Cena 2



Filme "Que Horas Ela Volta" (2015)

Depois do aeroporto, Val e Jéssica entram no ônibus para irem embora (Imagem 5), só chegam depois de horas de trajeto e quando já está noite. Durante este trajeto, existem alguns olhares a serem realizados: o da classe social, que é determinante na opção dos meios de transporte a serem usados; o da lotação no ônibus, caracterizando a falta de infraestrutura disponível para os usuários do transporte público; o do longo deslocamento referente ao tamanho da cidade de São Paulo quando comparado a qualquer outra cidade brasileira; o do reconhecimento do Largo da Batata por Jéssica, caracterizando o fato de São Paulo ser uma cidade globalizada, logo, reconhecida por pessoas que, como Jéssica, nunca estiveram na cidade. Além desses itens apresentados, chamamos a atenção para o desconforto de Jéssica ao saber que está indo para a casa da patroa da mãe.

Figura 5 – Imagem 2 - Cena 2

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Na continuação da cena, Val e Jéssica chegam à casa, a mãe vai diretamente mostrar “seu cantinho” (o quarto pequeno e mal ventilado) para a filha (Imagem 6), onde ambas dormiriam. Neste momento é enfatizada a desigualdade da distribuição espacial da casa mencionada anteriormente. Val mostra o colchão que dona Bárbara comprou: colchão simples, de tamanho infantil, ao contrário da ideia que a patroa tinha dado quando disse que compraria o melhor colchão. Neste momento podemos ver a diferença entre o que é o melhor para os patrões e o que é o melhor para a filha da empregada.

Figura 6 – Imagem 3 - Cena 2

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Durante o jantar acontece a apresentação de Jéssica, e este é o momento em que se discute pela primeira vez a entrada da garota na Universidade pública. Após o jantar, os patrões apresentam a casa para Jéssica, o comportamento de Carlos e

Fabinho mostra interesse pela garota, tratando-a como hóspede. Ao mesmo tempo, pai e filho continuam pedindo a Val para realizar tarefas como a de acender as luzes da piscina. Todos os personagens param para admirar a piscina e um silêncio permanece, como uma pausa entre a diferença de olhares para o mesmo objeto de desejo e consumo que é a piscina.

Figura 7 – Imagem 4 - Cena 2



Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Ao fim do recorte, Bárbara e Carlos quase acabando de mostrar a casa para Jéssica, chegam ao quarto de hóspedes que não é ocupado, e são questionados pela garota porque ela não poderia ficar ali no cômodo que é mais confortável. Neste momento ocorre o primeiro embate que o papel de Jéssica é responsável por trazer: Carlos autoriza a garota a ficar no quarto de hóspedes contra a vontade de Bárbara e, inclusive, de Val. A porta se fecha e a cena apresentada termina.

Figura 8 – Imagem 5 - Cena 2



Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Na próxima cena, o quadro volta para a cozinha, Edna e Val estão na porta. A cena corta para Carlos e Jéssica na mesa almoçando, Jéssica fala sobre a arquitetura do prédio Copam, em São Paulo, e sua vontade de conhecê-lo, Carlos a convida para levá-la até o prédio. Enquanto isso, Val e Edna ficam aflitas pelo fato de Jéssica estar sentada na mesa dos patrões almoçando com Zé Carlos. O olhar dado para esta cena é a aflição das funcionárias por Jéssica estar ocupando um lugar que não é “seu”. A posição social dada aos filhos de empregados é de que sejam tratados iguais aos empregados por pertencerem à mesma classe, e não como convidados dos patrões que devem ser tratados iguais aos patrões pelo mesmo motivo. Mais uma vez a direção do filme trabalha estruturas de reproduções sociais. Val se mantém presa aos poucos metros quadrados da cozinha tentando ouvir pela porta o que está acontecendo no outro cômodo, sem liberdade de expor seus pensamentos e angústias.

Ainda, outro momento importante na mesma cena é quando Jéssica pergunta se tem sobremesa e Carlos pede à Val para trazer sorvete, Val leva o sorvete comum e Carlos pede o sorvete especial, Val então o questiona: “o sorvete de Fabinho?”. Assim, apresenta-se outro tema que circula a trama, escolhido para ser mostrado nas cenas e tratado com os alunos: Fabinho tem seu sorvete favorito que os funcionários e Jéssica são proibidos de tomar. No momento em que Carlos oferece a Jéssica o tal sorvete, é como se ele atravessasse as barreiras do limite espacial imaginário, neste caso, materializado no sorvete.

Figura 9 – Imagem 1 - Cena 3

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Na próxima cena, Jéssica e Carlos estão na janela do edifício Copam conversando sobre a paisagem e a transformação da cidade em caso de a espécie humana acabar e a mata dominar tudo. Quando acaba a conversa Carlos abraça Jéssica com segundas intenções e é interrompido durante o assédio por uma ligação. Além da potencial discussão da paisagem de São Paulo, olhamos geograficamente o gesto de Carlos como algo que se repete na relação entre um homem com poder e uma mulher em posição de vulnerabilidade.

Figura 10 – Imagem 2 - Cena 3

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Figura 11 – Imagem 3 - Cena 3

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

O próximo recorte se dá quando Jéssica e Carlos voltam para a casa. Fabinho e seu amigo chegam e vão direto para a piscina, empurrando na água Jéssica, que não tem permissão para nadar. É neste momento da cena que Jéssica quebra as regras impostas para ela sobre seus limites espaciais, e é também o momento em que se revela o posicionamento dos patrões. Após o acontecimento, dona Bárbara proíbe Jéssica de passar da porta da cozinha, manda Val encontrar um lugar para elas se mudarem e tira Jéssica do quarto de hóspedes, além de esvaziar a piscina para que o “incidente” não aconteça novamente. Esta cena sintetiza como “ser quase da família” não é ser da família, deixando explícitas as consequências de se ultrapassar os limites espaciais impostos aos funcionários.

Figura 12 – Imagem 1 - Cena 4

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

Figura 13 – Imagem 2 - Cena 4

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

No quadro seguinte apresentado aos alunos, Val e Jéssica estão passeando com o cachorro da família, Jéssica questiona sua mãe sobre onde ela aprendeu “o que pode e o que não pode”, Val a responde explicando que “tem coisas que não precisamos aprender, já nascemos sabendo”. Neste momento são tratadas as “regras invisíveis”, um termo usado pela diretora do filme, Anna Muylaert, para explicar as disposições sociais que existem sem necessariamente serem ditas ou escritas em lugar algum.

Figura 14 – Imagem 3 - Cena 4

Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

A última cena que apresentamos aos alunos é a que Val liga para Jéssica enquanto entra pela primeira vez na piscina durante a noite, mesmo estando a piscina quase vazia. Durante a conversa Val fala do orgulho que sente pela filha a respeito da entrada na universidade.

Figura 15 – Cena 5



Filme “Que Horas Ela Volta” (2015)

A entrada de Val na piscina pela primeira vez em mais de dez anos de trabalho para a família, no mesmo momento em que sua filha é aprovada no vestibular, é um grande símbolo geográfico possível de ser visto e sentido no filme. Com um olhar geográfico podemos fazer referência à conquista do espaço social pela entrada de Jéssica na universidade, em analogia visual e simbólica com entrada de Val na piscina. Tanto a vaga na universidade quanto a piscina são entendidas pela geografia de Santos (2006) como objetos funcionais e estruturais complexos, que veremos a seguir.

Assim como realizado nas práticas, posterior à exibição das cenas selecionadas, indicaremos as análises educativas e os olhares geográficos de acordo com o filme. Entre a exibição das cenas e a discussão dos termos geográficos, achamos relevante tratar com os alunos os fundamentos do Cinema na Educação. O intuito é esclarecer o caráter educativo e não ilustrativo do trabalho com a linguagem cinematográfica no ensino. Pensamos propor, inicialmente, como os sete fundamentos educativos do Cinema podem ser agenciados nas práticas a partir das cenas do filme “Que Horas Ela Volta”. Consecutivo ao exercício supracitado, discorreremos sobre como percebemos os potenciais na construção do raciocínio geográfico incorporado à linguagem cinematográfica. Será demonstrado como os conceitos trabalhados anteriormente por Paulo César Costa Gomes e Milton Santos podem ser direcionados à construção do olhar geográfico nas práticas. Dentre os aspectos do filme, serão discutidas características como: a autenticidade das paisagens observadas, o etnocentrismo, os arquétipos, a figuração, a subjetividade do autor no plano de enquadramento e na construção das personagens; características referentes às análises propostas por Barbosa (BARBOSA, 2001, apud ROCHA, 2017) como filtros, para compor uma observação geográfica por meio dos filmes, como já exposto anteriormente.

O primeiro aspecto a ser analisado nas cenas é o que Almeida chama de

fundamento cognitivo, as inferências inconscientes de se assistir ao filme, a vivência do filme. Em “Que Horas Ela Volta” os alunos podem vivenciar mais do que o dia a dia de uma mulher doméstica. Eles são convidados a experimentar o olhar da personagem Val sobre os aspectos sociais que circulam por trás da representação de cada indivíduo da família retratada. Inconscientemente, eles se fazem os questionamentos trazidos por Jéssica a partir da sensação de como a filha da empregada é tratada pela família e, inclusive, como é alvo de assédio sexual por parte de Carlos. Quando abordamos as perguntas sobre o fundamento filosófico, em relação a como o filme faz pensar, podemos observar como o direcionamento da câmera – a percepção lenta, distante de um filme de ação – faz pensar na forma como Val vive. A câmera parada na cozinha traduz muito a forma como a diretora da obra, Anna Muylaert, quer fazer com que o público pense ao assistir ao filme. “Pensamos como se estivéssemos na cozinha” foi à resposta dada por alguns dos alunos em algumas turmas diferentes. Já tratando também do fundamento estético, em relação aos padrões visuais que percebemos no filme e às sensações geradas ao assisti-lo, segundo os alunos, o padrão estético lembra muito novelas e a sensação é como se estivessem na casa da família. Neste aspecto, a obra cumpre o papel de transportar os alunos das suas casas para a realidade da família retratada. No caso dos alunos que têm alguma trabalhadora doméstica na família, podem se colocar no lugar da pessoa em seu local de trabalho, sentir suas tristezas e alegrias, ou, se em outro caso, a família dos alunos tenha alguém que colabore com os trabalhos domésticos em casa, é possível se transportar e sentir-se como a própria doméstica, e vice-versa. As sensações são múltiplas, mas o sentimento de deslocamento entre sujeito telespectador e personagem são sempre presentes.

Na sequência, segundo os fundamentos do Cinema na Educação criados por Almeida, seguimos com o fundamento mítico, quando podemos relacionar o presente com o passado e perceber os reflexos do passado no presente. Em “Que Horas Ela Volta”, mesmo que o filme seja atual, podemos realizar diversas reflexões sobre a aproximação que o papel de Val na casa da família tem com o período de escravidão no Brasil. Compreendemos que as características apresentadas anteriormente a respeito da escolha da cor de pele dos atores selecionados para cada papel, o figurino, a casa grande e o quatinho estão facilmente conectadas com a casa grande e a senzala. Na perspectiva deste fundamento, é interessante não apenas retratar o passado, mas desfazer as camadas temporais até encontrar fragmentos das construções históricas que refletem no momento atual. Esse agenciamento de cronologias entre movimentos históricos e sociais e como ambos refletem-se no espaço e na realidade cotidiana dos próprios alunos é muito enriquecedor para a formulação do raciocínio geográfico que objetivamos construir dentro das práticas.

Em seguida, partindo para o fundamento existencial, aquele que nos faz perceber a nós mesmos dentro do filme, as semelhanças ou distanciamentos com cada

personagem, propusemos aos alunos falar com qual personagem mais se identificam. Neste momento surgiram vários pontos de vista diferentes entre as turmas, principalmente nas diferentes escolas. Durante este trabalho, observamos que a maioria dos alunos se identificou com Val e com Jéssica, o que era esperado, pois o estereótipo destas personagens, no contexto do filme, é o que mais se aproxima da realidade de estudantes de escola pública. Com efeito, é neste fundamento que propomos aos alunos se deslocarem do seu lugar para o lugar do outro e convidamos os que se identificaram com Val a se colocar no lugar da família, assim como os que se identificam com a família a se colocarem no lugar de Val. É neste momento que as sensações são transformadas em deslocamentos e ressignificações de lugares com grande potencial de novos olhares geográficos sobre o cotidiano da sociedade brasileira.

Semelhantemente, ao abordar o fundamento antropológico, aquele que nos leva principalmente a repensar a nossa realidade a partir de outras culturas, propusemos aos alunos pensar na realidade apresentada no filme sob novos olhares. Pedimos para eles pensarem se aquela cena de uma casa com uma empregada doméstica, especialmente com uma cor mais escura de pele, é comum em outros filmes que costumam ver, como filmes americanos e europeus. Ao fazer essa pergunta levamos os alunos a repensarem a sua própria cultura e a criar um olhar crítico sobre essa naturalização do trabalho doméstico no Brasil. Outro ponto que também é interessante abordar, ainda dentro do fundamento antropológico, versa sobre a própria cultura dos filmes, analisando se os filmes mais populares apresentam as questões das classes de trabalhadores como as empregadas domésticas. Quando a maioria dos alunos respondem que não, é produtivo questionar o porquê, e eles vão entendendo as razões de não existir muito glamour, romantização ou até interesse do público sobre aqueles temas, assim também, vão compreendendo como a escolha dos temas que são representados nos filmes de sucesso nos influenciam culturalmente sobre o que buscamos e com o que nos identificamos. Poucos filmes trazem à ideia de se identificar com uma empregada doméstica, a maioria dos filmes populares colocam os telespectadores em situações de alto status social, para que este seja o interesse da população e a busca gerada que financia o próprio filme, bem como todo o sistema econômico e social em que vivemos. De acordo com o fundamento antropológico relacionado com o pensamento geográfico presente neste filme, podemos também abordar os movimentos que moldaram a nossa própria cultura, e não somente ilustrar outras culturas distantes.

Para tratar do último fundamento dentro do trabalho com “Que Horas Ela Volta”, o fundamento poético, perguntamos aos alunos como Val se sentia, se eles conhecem alguém que se sente igual a ela, ou o que eles próprios sentiram ao assistir ao filme. Esse fundamento é o potencial da linguagem cinematográfica em criar aprendizagens através de sentimentos, de empatia, de risos ou lágrimas. Foi comum encontrar entre os alunos sentimentos de desconforto com as atitudes de Carlos para com Jéssica, de

raiva da dona Bárbara em relação às suas atitudes de desvalorização a respeito de Val, e foi possível notar o desagrado para com Jéssica quando a garota contrariava sua mãe. Ressalto que o fundamento poético vai além da análise sensível ou artística do filme, mas trata da experiência proporcionada pelas cenas, as sensações, o compartilhamento com o espectador dos medos, anseios e dúvidas vividos pelas personagens.

Em seguida, deixando claro como agenciamos os fundamentos educativos do trabalho com a linguagem cinematográfica no ensino, aprofundamos os olhares geográficos por trás das cenas. Vale lembrar que, na prática, as incorporações dos conceitos educativos e geográficos não se separam ou distanciam, por outro lado, são apresentadas em conjunto, de maneira que se complementam e se potencializam. Iniciando a abordagem geográfica, mostraremos como os conceitos de Paulo César Costa Gomes e Milton Santos foram agenciados por meio do filme e propostos em uma realidade escolar. O primeiro aspecto de Gomes é perceber a geografia do filme como forma de pensar, como ela possibilita aproximar realidades distantes, fazer o inimaginável ser imaginado e ressignificar a posição do telespectador. A partir de “Que Horas Ela Volta”, nossa intenção foi tratar como a realidade de uma doméstica pernambucana, por mais cotidiana que seja em nossa sociedade, está repleta de geografias. Mostrar aos alunos como a forma com que as profissões são atribuídas de acordo com certos padrões sociais está relacionada com a geografia da desigualdade e da divisão de poder. Apesar da vida de Val ser facilmente imaginada pela proximidade com a realidade social, ela ressignifica a posição do telespectador exatamente pelo fato de perceber como todas essas conexões geográficas presentes no filme e tratadas em sala de aula se aplicam para a vida cotidiana. Neste contexto, aproximamos a realidade dos agenciamentos geográficos desenvolvidos a partir dos olhares por trás das cenas com a vida dos alunos.

Seguindo ainda os conceitos de Gomes (2017), o autor aborda a relevância do olhar geográfico nas produções cinematográficas em três principais domínios. No primeiro, ele apresenta como a Geografia pode ser percebida como forma de sensibilidade, como impressão causada pela dimensão espacial. O autor se refere a como os símbolos e os objetos são colocados de forma a retratar a relação de poder, status e classe social das personagens. Por conseguinte, foi nossa intenção tratar o poder de consumo de Val em relação ao dos patrões para questionar as disparidades entre o poder aquisitivo de cada um. Direcionamos os alunos a pensar de forma sensível a representação existente na primeira cena, referente ao jogo de xícaras, sobre a relação e diferença de valor simbólico que o mesmo objeto tem para Val e para dona Bárbara, além, também, da maneira como essas representações dos objetos materiais e seus simbolismos sociais podem ser trabalhados para levar os alunos a criarem um olhar geográfico. Existe um certo modo através da sensibilidade e dos sentimentos vivenciados pelos alunos ao assistirem ao filme, que também é um fator exposto por

Gomes como potencial nesse domínio, sendo necessário sobre como essa colocação do olhar geográfico influencia na forma com que os sujeitos se veem no espaço, de qual realidade mais se aproximam, e qual o papel social deles como indivíduos dentro da realidade retratada. Como possibilidades a partir disso, é possível perguntar aos alunos a qual grupo social pertencem, questionar a partir do posicionamento geográfico o porquê de pertencerem àquele grupo, quais os acontecimentos vividos pelos pais deles e/ou pelos avós que remetem aos acontecimentos históricos e geográficos na construção social do Brasil. Neste sentido, os alunos criam uma conexão entre as geografias discutidas representadas no filme e sua própria realidade.

O segundo domínio é colocado por Gomes como o potencial de se pensar o filme como uma forma de inteligência geográfica. Percebemos esse domínio como o fenômeno de ligar todos os agenciamentos geográficos possíveis por aspectos existentes na relação entre paisagem, ocupação urbana, geografia dos transportes e como todas elas se conectam entremeando as personagens e a realidade. Neste domínio, é importante analisar cada personagem pelo papel social que reproduz e pelo estereótipo que simboliza geograficamente. Durante a discussão em sala de aula, posterior ao filme, cabe levantar o fazer geográfico de cada um: a origem, posição social pertencente, a relação de trabalho, cogitar políticas que defendem, propor reflexões sobre a geografia diária de cada um, as diferenças entre o contato com a cidade, os lugares que frequentam ou meios de transportes que utilizam, bem como pensar em como esses padrões se reproduzem em várias famílias e, a partir daí, perceber a geografia por trás desses padrões.

No terceiro domínio, Gomes (2017) propõe ver o filme como uma posição espacial e refletir como a construção cinematográfica é espacialmente criada a partir o jogo de câmeras, da construção dos personagens e da dispersão e distribuição dos cenários. Neste domínio trabalhamos a percepção geográfica do espaço referente ao quatinho de Val, lugar onde a doméstica vive, e a comparação inevitável com o quarto de hóspedes, espaço amplo quase não habitado, mas que materializa o status econômico elevado da família. Trazemos para a consciência dos alunos a lentidão característica da vida de Val e proposta a partir da movimentação das cenas, assim como o fato de a câmera estar muitas vezes parada na cozinha para retratar o olhar de Val sobre a casa e a realidade da família. Sob este viés, também cabe refletir com os alunos quais discursos são naturalizados no filme, tratar etnocentrismos, processos de migração e outras questões subjetivas imersas no filme que podem ser possivelmente encontradas por meio do olhar geográfico.

Para pensar o filme como ação geográfica a partir dos conceitos de Milton Santos, propomos refletir sobre como a forma técnica, formal e simbólica representada naturaliza e modifica as ações em sociedade, que, por sua vez, impactam, modificam e transformam os espaços geográficos. Reforçamos como certos hábitos, posiciona-

mentos e atitudes são expostos nos filmes para serem naturalizados e reproduzidos pelos indivíduos na sociedade. Podemos exemplificar este conceito de Milton Santos com diversas questões sociais que passaram por significativas transformações e que também estão presentes no filme, como a questão dos direitos das mulheres. Há cem anos, mulheres eram proibidas de trabalhar, de ter uma renda própria, de se divorciar. Por muito tempo, personagens mulheres foram somente escaladas para suprir papéis de mães, de esposas ou de amantes. Com o passar do tempo e dessas transformações sociais em prol do direito das mulheres, o papel da mulher nos filmes também foi sendo transformado, até o momento em que foi naturalizado a mulher ser uma trabalhadora ativa, poder criar seus filhos sozinha ou inclusive não ter filhos, poder viver o que pretender sem a necessidade de uma figura masculina. Assim, é importante pensar em como as criações cinematográficas disseminam discursos conforme seu nível de popularidade. Às vezes tais discursos são em prol de importantes reflexões sociais e reforçam o simbolismo dessas mudanças, como no caso dos direitos das mulheres, ao mesmo tempo que pode ser do interesse de algumas produções reforçar discursos conservadores em relação ao mesmo assunto. Emergindo dessas reflexões, criamos o olhar geográfico a partir da linguagem cinematográfica. Ao propor leituras subjetivas, tornamos possível aos alunos as percepções dos aspectos sociais e geográficos por trás de cada filme, como eles simbolicamente influenciam nossas ações e como transformam os espaços geográficos a partir dessas redes de conexões entrelaçadas com a reprodução de certos discursos.

Depois, sinalizamos com os alunos como o filme é composto majoritariamente por um elenco feminino, e ainda, como nos papéis masculinos estão presentes discursos machistas, como no caso do assédio de Carlos por Jéssica, e como o próprio filme questiona esses papéis. Perguntamos se os alunos costumam perceber essas relações nos filmes a que assistem, se percebem como é o papel da mulher e do homem, trazendo a consciência para como são criados discursos que muitas vezes passam despercebidos, mas que influenciam diretamente as ações dos telespectadores, principalmente se esses discursos são exibidos repetidamente. Ainda sobre a aplicabilidade das ideias de Santos (1996) em relação às ações de comando e às de realização, pensamos em como os patrocinadores dos filmes controlam a produção de discursos das obras cinematográficas. Tais discursos são carregados de construções simbólicas, direcionados por interesses econômicos e ideológicos. Esses patrocinadores, na maioria das vezes, são grandes corporações, e são nomeados por Milton Santos de atores de comando, ou seja, os que direcionam as ações a serem produzidas nos filmes, para serem reproduzidas pelos telespectadores. Conforme essa rede se materializa, influencia e modifica as ações da população em escala global e, conseqüentemente, o espaço em escalas locais, regionais e globais.

Outro ponto importante a ser ressaltado no filme pelos conceitos de Milton

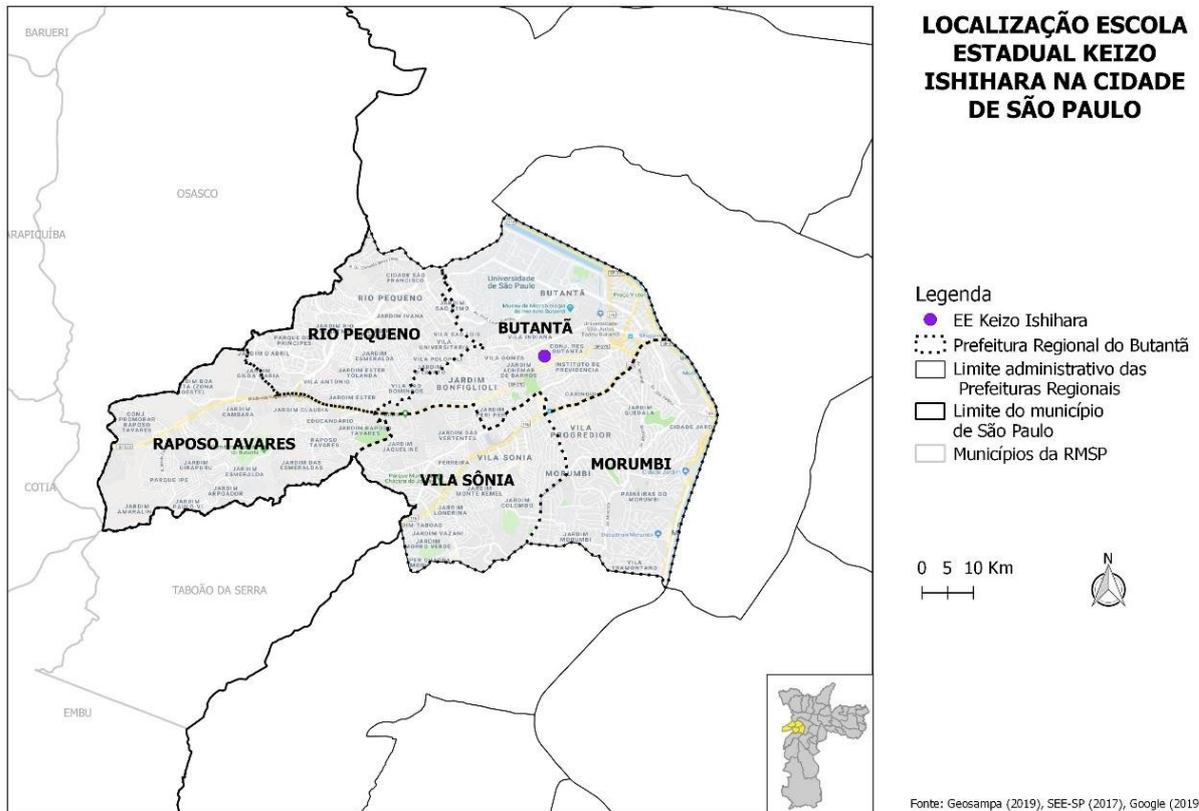
Santos é como a piscina e a vaga na universidade pública são percebidas aqui como objetos carregados de complexidades funcionais e estruturais. Ambos estão longe de ser sentidos pelas suas funções, a piscina de nadar, e a entrada na universidade de formar indivíduos. Eles são colocados na obra fílmica como símbolos de complexidades estruturais: a piscina como objeto de status da família de classe média-alta, e a vaga na universidade como símbolo de prestígio pelo acesso ao conhecimento, também cheio de status. Na última cena do filme apresentada aos alunos, fica claro a simbologia que a direção da obra quis expressar para seus telespectadores, aqui percebida como cheia de geografias.

Destarte, ao tratar essas questões com os alunos, mostrando o raciocínio geográfico criado a partir das cenas exibidas e também por trás da ação de assistir a um filme como telespectador e indivíduo igualmente cheio de geografias, criamos a possibilidade de que os olhares geográficos por trás das cenas sejam percebidos. Logo, com a possibilidade de tal olhar, abrimos o caminho para serem desenvolvidos os potenciais da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia.

3.2 Cinema, Geografia e EJA

Como proposta prática para se observar a efetividade ou não da potencialidade contida da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia, foi primeiramente realizado um projeto articulado com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Keyzo Ishirara, localizada na zona oeste da cidade de São Paulo. O projeto aconteceu entre o primeiro e o segundo bimestre de 2018, com alunos dos três ciclos da EJA, somando seis turmas.

Figura 16 – Mapa 1: Localização Escola Estadual Keyzo Ishihara



Geosampa (2019), SEE-SP (2017), Google (2019).

Fazendo uma contextualização geográfica, a escola foi fundada em 1988, completando trinta anos em 2018. Em área urbana, localizada no bairro do Butantã, contém em suas dependências quadra esportiva, sala de leitura e laboratório de informática (com poucos computadores funcionando). Não possui biblioteca, laboratório de ciências nem sala de vídeo. A escola possui 72 funcionários que atendem, ao todo, 878 alunos, sendo 716 do Ensino Fundamental e 162 da EJA. Seus alunos são majoritariamente moradores da zona oeste, em sua minoria de bairros próximos como Butantã, Vila Indiana, e Jardim Bonfiglioli, e em sua maioria de regiões periféricas como Osasco, Rio Pequeno e Vila Pirajussara.

Figura 17 – Escola Keizo Ishihara vista de fora



www.google.com/maps

Figura 18 – Sala de aula da escola Keizo Ishihara



www.google.com/maps

Quando tratamos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, nos deparamos com geografias diversas dentro de cada sala de aula, principalmente por causa da heterogeneidade de idade, origem e trajetória de cada aluno. Inicialmente, pelo interesse em pensar a geografia destas salas de aula, obtivemos uma amostra de 56

alunos, dentre um total de 162, com a relação da idade e cidade de origem de cada um. Como pode ser observado no gráfico a seguir, existem disparidades geográficas: os alunos mais jovens, entre 18 e 25 anos, em sua maioria, são da cidade de São Paulo, quando comparados aos alunos maiores de 25 anos percebe-se o contraste, pois esta maioria é migrante de estados nordestinos, principalmente da Bahia, de Pernambuco e do Ceará. A partir destes dados podemos refletir sobre as desigualdades presentes em cada sala de aula. Aqui, a principal disparidade observada refere-se à educação básica entre jovens e adultos das duas regiões brasileiras. Evidencia-se que a porcentagem dos alunos de origem nordestina que migraram para a cidade de São Paulo, mesmo com a mudança de Estado, só consegue voltar à escola para concluir sua educação básica mais tarde, quando comparados aos estudantes da mesma sala nascidos na região Sudeste, por exemplo.

Quando cheguei à escola, disposta a entender seu funcionamento e dialogar sobre as possibilidades de executar o projeto naquela unidade, não tinha como objetivo específico o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. No decorrer dos encontros com a direção e com o corpo docente, e mais que isso, com a realidade da escola e principalmente dos alunos, encontrei as razões que motivaram este trabalho. Primeiramente, era evidente como a Educação de Jovens e Adultos não era tratada pela escola com a mesma importância que o Ensino Médio comum. Mediante essa observação, inferimos que, se é na Educação de Jovens e Adultos que, naquele espaço, a educação se encontra fora do foco da atenção, é ali onde a Geografia e seu raciocínio geográfico mais estariam comprometidos. Em segundo lugar, levando em consideração a realidade dos jovens e adultos ali matriculados, sendo quase a totalidade composta por trabalhadores e mães de família, entendemos que esses fatores junto à qualidade comprometida do próprio ensino fariam dessas turmas o público com maior potencial de desenvolvimento do projeto, pela possibilidade da criação do olhar geográfico onde ele ainda provavelmente estaria pouco desenvolvido. O presente projeto, ao visar potencializar a construção do raciocínio geográfico por meio da linguagem cinematográfica, dentro de uma realidade tão complexa e distinta, fez com que este trabalho com a EJA em primeiro momento fosse visto como desafiador. Ao mesmo tempo que o desenvolvimento do projeto foi sentido como um desafio, ele se tornou atraente pela mesma razão.

Minha terceira motivação para o trabalho com a EJA está na relação de proximidade que a linguagem cinematográfica tem na vida cotidiana dos alunos. Por questões históricas, culturais e sociais, depois de uma jornada de trabalho, ida à escola, realização de tarefas diárias como os cuidados com a casa, com a saúde e com a família, dificilmente esses alunos têm acesso, tempo e disposição para ler. Por outro lado, e na maioria das vezes, esses mesmos alunos recorrem à televisão, e passam parte do seu tempo livre assistindo a novelas, filmes ou jornais televisivos. É nessa aproximação de

jovens e adultos com os conteúdos imagéticos e cinematográficos que percebemos o potencial de trabalhar a linguagem cinematográfica no ensino. Tal potencial não está apenas no ensinar de algum conteúdo designado pelo professor, mas no ato de levar a mesma aproximação já existente entre aluno e televisão para a relação da escola com o aluno e, principalmente, levar o pensamento geográfico para a vida dos jovens e adultos telespectadores dessas produções.

O objetivo deste trabalho está em fazer dessa articulação entre linguagens o caminho, com o intuito de levar os alunos a observar que o conhecimento, como também as geografias, não estão somente na sala de aula, em avaliações técnicas ou no material didático, mas em seu olhar, em suas casas, nas suas relações cotidianas, na televisão, como também em todas esferas sociais de que cada um participa. Ao nos apropriarmos desta linguagem, que até então é tratada como forma de entretenimento, e trazê-la para dentro da escola, damos a ela um caráter educativo. Outros olhares surgem como possibilidade, criados pelos próprios alunos, cada um à sua forma, a partir da sua realidade em conjunto com a busca pelo conhecimento por meio daquela imagem em movimento. Dessa forma, um olhar geográfico sobre a realidade já existente em cada cena, em cada vivência, passa a ser possível com a prática desenvolvida e direcionada em sala de aula.

Cabe ressaltar que segundo Giroux (GIROUX, 1997 [1988]), a mente do aluno se defronta com problemas diferentes quando assimila os conceitos na escola e quando tais conceitos são entregues aos seus recursos. Quando transmitimos aos alunos um conhecimento sistemático, ensinamos-lhe muitas coisas que eles não podem ver ou vivenciar diretamente. De acordo com Giroux (1988, p. 108), uma vez que os conceitos científicos e espontâneos diferem quanto à sua relação com a experiência do aluno e quanto à atitude do aluno para com os objetos, pode-se esperar que o seu desenvolvimento siga caminhos diferentes, desde seu início até sua forma final. Neste caso, pela linguagem cinematográfica ser presente no cotidiano destes jovens e adultos, é possível fazer dela um intercessor entre um conhecimento sistemático e espontâneo, podendo produzir aprendizagens variadas, como efeito e não como objetivo. Com o desenvolvimento dessas atividades, estamos promovendo ações de emancipação intelectual, de construção de pontos de vista e de escuta do mundo, como possibilidade de imaginá-lo de outro modo, construindo assim uma pedagogia crítica, que Giroux (1988, p. 133) caracteriza pela busca em incorporar a experiência do aluno ao conteúdo curricular “oficial”.

Depois de pensar na execução do projeto com a Educação de Jovens e Adultos junto à coordenação, o próximo passo foi entrar em contato com a professora de Geografia. Neste momento, deparei-me com os primeiros desafios: para EJA é atribuída apenas uma aula (45 minutos) de Geografia por semana, ou seja, um total de quatro meses de aula seria equivalente a 16 horas/aula de Geografia, aulas responsáveis

por contemplar os conteúdos de cada ano letivo. Seriam 16 aulas, mas se contarmos os dias que são separados para avaliações e as aulas que são perdidas devido a feriados, por exemplo, restam em média 12 aulas para cumprir com o cronograma de conteúdo de um ano letivo. São questões como essa que retratam a precariedade do ensino de Geografia na EJA. Como resultado, nos questionamos sobre como é possível conseguir trabalhar a linguagem cinematográfica como potencial no ensino de Geografia, sendo que a própria Geografia enfrenta barreiras para ser trabalhada. Além do tempo curto para as aulas, ao entrar em contato com a professora para começar a pensar as possibilidades da prática, após duas semanas, esta professora – que era substituta – é substituída pela professora titular que volta após licença saúde. Esta, por sua vez, se nega a realizar a atividade, alegando que tinha muito conteúdo a ser trabalhado com pouco tempo para ser concluído.

Distante da ideia de trocar de escola, ou de desistir da EJA e desenvolver o projeto com o ensino regular, e também mediante apoio da coordenação em manter o projeto com a EJA, comecei uma busca para encontrar possibilidades. Neste ponto, recorri a leituras do currículo e sobre o potencial do trabalho interdisciplinar, envolvendo distintas vertentes do conhecimento e usando como meio intercessor e potencializador desta dinâmica as linguagens artísticas aqui mencionadas.

Após esta reflexão, levei a proposta de um projeto interdisciplinar para a direção, que o aprovou. Desde então, passei a frequentar a HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) juntamente aos professores da EJA. O intuito inicial de participação da HTPC foi de apresentar o projeto aos professores e pensar nas possibilidades de implementação do trabalho com outras disciplinas. Os encontros ocorriam às quartas-feiras às dezessete horas (17h) e, como pauta, foi inclusa a apresentação e discussão do projeto. Dentre os professores que frequentavam as reuniões e demonstraram interesse pela realização da atividade, tivemos os representantes das disciplinas de Matemática, Filosofia e Biologia, sendo a autora da presente dissertação a responsável pela disciplina de Geografia. Assim, entrelaçando essas quatro áreas, passamos a formular como seria a prática.

Por se tratar de um trabalho interdisciplinar envolvendo quatro áreas distintas do conhecimento, optou-se por abordar a linguagem cinematográfica com temáticas diferentes em cada área. Os projetos interdisciplinares foram realizados entre Geografia e Biologia, Geografia e Matemática e Geografia e Sociologia. O projeto foi desenvolvido em conjunto, a partir do diálogo durante os encontros da HTPC, em acordo com os conteúdos trabalhados em cada disciplina, respeitada a escolha dos professores titulares. Para a interação entre as disciplinas de Sociologia e Geografia, foi escolhida a abordagem da formação social brasileira desde a colonização, as migrações entre regiões e seus impactos nas desigualdades do quadro social brasileiro atual; entre Biologia e Geografia optou-se por trabalhar a questão da sexualidade e suas geografias;

já entre Matemática e Geografia, a temática eleita foi a Matemática Financeira e sua importância na geografia dos fluxos comerciais.

Para cada uma dessas três propostas interdisciplinares foram escolhidas cenas de diferentes filmes. Todo o trabalho com a linguagem cinematográfica nesta pesquisa foi realizado com cenas e trailers, em nenhum momento o filme completo foi exibido. A escolha por usar cenas se deu por causa alguns fatores práticos e funcionais. O primeiro fator que justifica tal escolha se relaciona ao tempo das aulas e à duração dos filmes. Se fôssemos trabalhar um filme completo seriam necessárias pelo menos duas aulas para assistir ao filme, além do tempo para o desenvolvimento da discussão – o que comprometeria os cronogramas dos professores titulares. O segundo fator leva em conta a possibilidade de alunos faltarem a alguma das aulas e a potencialidade de todo o enredo da atividade ser perdida, caso fosse trabalhado o filme todo. Outro fator importante é a disponibilidade para a locação da sala com televisão ou projetor. Se todos os professores fossem trabalhar filmes completos, seria cada vez mais difícil que todos os professores tivessem acesso ao uso das salas. Os fatores supracitados nos levaram a focar na realização de cada atividade com a linguagem cinematográfica em conjunto com as respectivas disciplinas no espaço-tempo de uma aula (45 minutos). Com o objetivo de realizar cada prática em uma aula, direcionamos as cenas trabalhadas para o desenvolvimento de um conteúdo específico. Localizamos qual o objetivo por trás das cenas tratadas, quais os olhares a serem criados a partir dela e o potencial para aquele conteúdo. Quando o trabalho se dá dentro de uma ou algumas cenas, com média de três minutos cada, e não de uma hora e meia, cada elemento é vivido e sentido mais intensamente pelo telespectador, podendo gerar discussões interessantes relacionando detalhes específicos e não somente aqueles conferidos pelo roteiro do filme. Outro potencial prático percebido ao trabalhar com cenas é a reação dos alunos. Eles demonstram explicitamente mais atenção quando estão diante de fragmentos de cenas do que do enredo completo, já que muitas vezes é exigida uma criação de união dos fragmentos, de entendimentos e até mesmo de imaginação. Além disso, com os cortes das cenas eles naturalmente se mantêm focados no vídeo, diferente do que acontece quando é passado o filme todo, quando muitos começam a perder a atenção e até a dormir.

Sobre as escolhas dos filmes, procuramos ir contra a corrente de usar filmes com caráter educativo pré-determinado, ou cânones que circulam as práticas escolares e Geográficas. Concordamos na eleição de filmes que abordassem subjetivamente os temas escolhidos, mas que não se distanciassem do status de filmes populares para, assim, evitar o distanciamento em relação ao olhar dos alunos. Para essa prática de aproximação, foi interesse abordar temas variados sobre questões relativas às disciplinas, também conectadas com a vida social dos alunos e com o mundo atual. Ademais, os filmes foram escolhidos em proposta maior, de que participassem do

cotidiano dos alunos, com e como uma linguagem rotineira na vida deles.

Desse modo, após muitos encontros com os professores, o projeto foi estruturado e dividido em três diferentes aulas para cada turma. Cada aula com uma temática interdisciplinar a ser realizada em seu respectivo horário: Biologia, Sociologia e Matemática. Concordamos em desenvolver as mesmas temáticas entre as disciplinas para as três diferentes séries da EJA, primeiro, segundo e terceiro ano.

O olhar geográfico pode ser estruturado de diversas formas para mostrar que qualquer conteúdo pode ser trabalhado, assim como todo objeto pode ser um objeto geográfico a partir do momento em que o percebemos com um olhar geográfico. Cabe lembrar que segundo Medeiros (2012, p. 134) o caminho metodológico para uma boa prática seria dividido em dois importantes pontos: “a) a interpretação e a explicação do mundo aplicado ao estudo das imagens fílmicas; b) o entendimento da importância das imagens vividas no filme para a orientação de nossas práticas diárias”. Nesse aspecto, procuramos desenvolver as práticas com a EJA, interpretando as imagens fílmicas a partir de um olhar geográfico, e refletindo sobre como essas vivências fílmicas influenciam nas nossas próprias ações.

No projeto entre Sociologia e Geografia, como citado anteriormente, abordamos a formação social brasileira e seus impactos no quadro social atual. Para trabalharmos esses conteúdos, escolhemos apresentar o filme discutido no capítulo anterior “Que Horas Ela Volta”. Lembrando, o filme que é uma produção de 2015, dirigido por Anna Muylaert e protagonizado por Regina Casé, nos traz uma história que representa ficcionalmente a realidade da mulher brasileira que migra do Nordeste para o Sudeste em busca de melhores qualidades de vida, emprego e condições. A mediação posterior à apresentação das cenas foi conduzida de forma colaborativa com os alunos e o outro professor. Conforme introduzimos questionamentos, abrimos espaços para que os alunos expusessem seus posicionamentos, dialogassem entre eles e propusessem uma troca sobre diferentes perspectivas. A partir deste movimento dialético, aprofundamos a reflexão de forma coletiva, despertando envolvimento dos alunos. Os questionamentos introdutórios foram: Quais as características da família dos patrões, representada no filme, quando comparada à família da Val? Qual a relação de trabalho da Val e a de seus patrões? Se Val trabalha mais, por que ela não teve ascensão social igual à da família? Existe diferença de cor entre os personagens? Essa diferença de cor coincide com a divisão da classe transposta no filme? Se sim, por quê? Qual a origem geográfica e ancestral das duas famílias? Foram as mesmas? Jéssica teve as mesmas oportunidades de estudo que Fabinho? Essas oportunidades foram fatores determinantes sobre o futuro de cada um? Se não foram determinantes, impactaram da mesma forma?

Assim, sem grandes truques, durante o decorrer da aula os alunos foram se envolvendo com o tema e participando da construção coletiva da discussão. Não demo-

ram a deixar de falar da ficção e passar a falar deles próprios, das suas identificações e discordâncias com as personagens, com as representações do mundo real, mas também com as idealizações, desejos e críticas tanto relacionadas ao filme quanto às suas experiências. Neste momento da atividade, em todas as salas, foi possível perceber como eles estão abertos ao diálogo, a troca, ao conhecimento. Neste momento pudemos aprofundar questões geográficas e seguimos com a mesma metodologia, incitando as questões norteadoras, como: a Geografia está presente no filme? E a Sociologia? Qual ou quais geografias e sociologias estão falando? O filme trabalha o que veem em sala de aula? Como? Por quê? A Geografia já está construída ou está em constante construção? Como é possível construir a Geografia? Estamos construindo a Geografia agora? A Geografia se faz só na escola ou em todo lugar? Quando vocês assistem a esse filme, também é fazer Geografia? Ao fazer um filme, está se fazendo Geografia? Em suma, por meio destes questionamentos possibilitou-se que os alunos protagonizassem a aula, de forma que, com vinte minutos de prática já era possível perceber nas falas dos alunos o entendimento de que o fazer Geografia cabe a eles, através da reflexão, do olhar, mediante todo e qualquer aspecto intrínseco às vidas deles, como por exemplo, neste caso, as produções imagéticas.

Na sequência, para as práticas sobre a questão da sexualidade e suas Geografias na sociedade atual, entre a Biologia e a Geografia, foram trabalhadas cenas do filme “As Melhores Coisas do Mundo”. A produção brasileira foi gravada em 2009, lançada em 2010, e dirigida por Lays Bodanzky, se trata da história de um adolescente vivendo suas primeiras relações sexuais no mesmo período que descobre o real motivo da separação de seus pais, a homossexualidade paterna. Além da razão da separação, descobre que o pai mantém sua relação e passa a morar com o novo namorado. Durante a trama, o personagem principal sofre preconceito com atitudes homofóbicas por parte dos seus colegas de escola, fazendo com que o protagonista Mano se isole enquanto ele mesmo reproduz essas atitudes homofóbicas com o pai. O filme aborda vários paradigmas sobre questões geográficas, principalmente em relação aos corpos (foco também dos estudos de Biologia) nos espaços sociais. A escolha do filme, além de contemplar a produção nacional, contemplou também com o tema e possibilitou uma aproximação pelo fato dos atores serem populares entre os alunos.

Pensando a potencialidade de trabalhar esse filme nas práticas escolares, apresentaremos como os fundamentos educativos do Cinema propostos por Almeida foram aplicados nesta prática. O primeiro fundamento, cognitivo, levou os alunos a vivenciarem os processos de descoberta sexual de Mano, vivências majoritariamente distantes para os alunos da EJA, que são em grande parte mais velhos e pais, criando proximidade com a realidade dos filhos desses alunos, que são mais jovens e em alguns casos homossexuais. Inconscientemente os alunos são levados a se colocarem no lugar de Mano. Vivenciam junto com o personagem a descoberta da opção sexual do

pai, os desafios de como lidar com a situação, os problemas familiares, amorosos e escolares, com ênfase também no sofrimento a respeito do bullying na escola, e como essas questões interferem de forma negativa em todo o processo.

A respeito do fundamento filosófico, são colocados questionamentos como: o que eles fariam no lugar de Mano? Como lidariam com o pai, com a família, amigos e colegas da escola? A partir desse fundamento são criadas formas de se pensar e se questionar sobre essas duas realidades presentes no momento do filme, a do sujeito telespectador e a do personagem retratado. Já dentro do fundamento estético, as sensações criadas pela construção estética do filme estão inclusas na sensibilidade do tema, além de se fazer pensar como Mano – proposta do fundamento filosófico – aqui trata-se de se fazer sentir como Mano. Neste fundamento encontramos a empatia pelo personagem, a proximidade com as questões que todos estão propensos a cruzar e vivenciar, as sensações de lidar com a escolha homossexual da figura paterna, a rejeição pela pessoa amada, a exclusão pelos amigos da escola.

Seguindo para o do quarto fundamento de Almeida, mítico, para levar em consideração outras culturas, passadas ou distantes, foi importante levantar a reflexão de como no passado, em outras culturas, o homossexualismo foi naturalizado e como, com o passar dos acontecimentos históricos e do poder da igreja sobre a sociedade, as questões sobre o certo e errado foram se transformando. É importante ressaltar como o conceito de certo e errado vai mudando com o tempo, em vários outros aspectos também como o divórcio, a entrada de mulheres no mercado de trabalho, a escravidão; mostrar como as ideologias sociais estão sempre em transformação e não são estáticas. É também interessante apontar como a própria produção do filme influencia na mudança social e sua repetição naturaliza novos contextos.

Depois, no quinto fundamento, existencial, encontramos o potencial que permite aos alunos se identificarem ou não com os personagens e com as sensações vividas por ele no filme. Foi interessante ver na prática alguns alunos se identificando como pais de filhos homossexuais, outros como sendo contra o pai se tornar homossexual, e alguns alunos se identificando com os estudantes da escola que fizeram bullying com Mano. Observa-se nesta prática como, além dos alunos se identificarem com alguns personagens, eles mesmos se colocaram no lugar do outro, daquele com quem não se identificariam na vida real. Neste fundamento habita o potencial de deslocamento dos sujeitos e de reconhecimento deles mesmos.

Por conseguinte, no fundamento antropológico, para tratar da existência de outras culturas para refletir a nossa própria, propusemos aos alunos pensarem como o homossexualismo ainda é considerado um crime em algumas culturas, principalmente as influenciadas por religiões mais conservadoras e, ao pensar nessas religiões, imaginar a história do filme sendo passada nessa determinada cultura. A ideia era levantar a reflexão de como o homossexualismo é algo que pode estar presente em todas as

culturas e, principalmente como uma cultura afeta até mesmo a liberdade de opção sexual dos indivíduos. Buscamos neste fundamento a reflexão sobre como a vida social de cada cultura reflete nas escolhas da população sobre o que fazer, o que gostar, e com quem se relacionar.

Por fim, para tratar do fundamento poético, perguntamos o que os alunos sentiram sobre o filme como poética, como forma de expressão e arte. Perguntamos o que eles acharam dos atores, dos cortes, da câmera, propomos pensarem quais foram os ideais dos criadores do filme, se as formas de pensar e sentir que o filme passa foram idealizadas antes. O envolvimento dos alunos foi unânime entre as salas trabalhadas. O fator das salas serem muito diversas em relação à idade, realidade, religião e posicionamento de cada um fez com que se abrissem espaços para discussões em que todos puderam ter momento de fala, além de abrir espaço de diálogo democrático sobre temas pouco colocados em pauta dentro daquele ambiente escolar, fator este que segundo o professor raramente acontecia.

Na prática interdisciplinar entre Matemática e Geografia, a pretensão foi trabalhar a Matemática Financeira e sua importância na Geografia, como para os fluxos comerciais. Nesta prática, decidimos não trabalhar com cenas, mas com dois trailers de duas produções norte-americanas sendo: “Os Delírios de Consumo de Becky Bloom”, filme de 2009, dirigido por P. J. Hogan, e protagonizado por Isla Fischer. Esse primeiro título se trata de um drama romântico sobre uma garota consumista que se endivida e traça a luta dos cortes de gastos para solucionar o problema. O outro título é “O Preço do Amanhã” de 2011, protagonizado por Justin Timberlake e dirigido por Andrew Niccol. É uma ficção em que o tempo é literalmente dinheiro, os ricos podem viver para sempre enquanto pela extrema desigualdade pobres morrem sem tempo ou trabalham, literalmente, por cada minuto. Nesta etapa foi a primeira vez que trabalhamos com filmes não brasileiros, com intenção de aprofundar também na comparação das produções nacionais com as internacionais, colocando em pauta o próprio consumo de filmes estrangeiros no Brasil.

Em relação ao trabalho a respeito dos fundamentos do Cinema na Educação, começando com o fundamento cognitivo, a respeito do que os alunos vivenciaram, como professora é importante ressaltar a diferença perceptível na recepção dos alunos. As vivências dos filmes são diferentes de quando assistidos em casa e de quando são assistidos na escola. O efeito cognitivo vivido pelos alunos sobre os filmes, dentro da escola, fica mais sensível ou aguçado. Eles buscam dentro do que é exibido, criar conexões com possíveis conteúdos a serem trabalhados. O fato de a linguagem cinematográfica estar dentro da escola, desde que bem direcionada, automaticamente se transforma em potencial cognitivo a ser trabalhado com os alunos. Isso acontece devido à busca de resposta pelas perguntas feitas por eles mesmos enquanto assistem aos trechos. Sobre os filmes apresentados, eles puderam vivenciar hábitos extremamente

consumistas e suas consequências. Puderam também experimentar as sensações de que o dinheiro seja literalmente o tempo e qualidade de vida de cada indivíduo e os efeitos colaterais das desigualdades sociais.

Dessa forma conduzida, a prática levou os alunos a pensarem o fundamento filosófico a partir de como o filme faz pensar, inclusive afirmaram que faz pensar de uma forma próxima a que nós realmente pensamos na nossa vida real, e mesmo que o segundo filme seja uma ficção, é uma ideia subjetiva do que vivemos. De certa maneira os alunos se questionaram sobre os benefícios e malefícios desse sistema em que vivemos.

Em seguida, conduzindo o olhar com base no fundamento estético, propusemos a comparação das produções norte-americanas trabalhadas nessa prática com as brasileiras trabalhadas nas outras. Foi percebido pelos alunos como o investimento cinematográfico é elevado nas produções estrangeiras apresentadas. Também foi apresentado para as turmas como esse alto valor investido, desde cenário, atores e figurino, até todos os aspectos são criados com o intuito de ser mais agradável ao critério estético do público. Desde a qualidade dos equipamentos de última tecnologia investidos no cinema aos atores escolhidos para atuarem como personagens principais, todos os elementos são usados com o intuito de agradar e atrair mais o público, principalmente de um ponto de vista estético. Neste sentido apresentamos os valores estéticos, a construção por trás de cada filme das sensações que eles proporcionam, e também como nada é por acaso, tudo tem uma intenção e, mais que isso, um patrocinador.

Partindo para o quarto fundamento, mítico, direcionamos os alunos a refletirem sobre como era o consumo no passado. Não precisamos ir muito longe, pedimos aos alunos para pensar como era a relação de compra e venda na geração dos seus avós, a intensidade de compras se compararmos com as gerações atuais e o valor que as mídias agregaram à necessidade do consumo. Naturalmente, eles começam a perceberem as mudanças culturais, sociais e históricas que sucederam entre a realidade passada e a realidade atual retratada nos filmes.

No fundamento existencial, que leva os alunos a se identificarem ou não, com os personagens e as situações, de acordo com os filmes eles puderam questionar seus hábitos consumistas, se já chegaram a se endividar e a importância que o dinheiro tem na sociedade e como está diretamente ligado à relação do tanto de tempo que temos para cada coisa. Nesse momento, foi interessante tratar com eles sobre a Matemática Financeira, sobre a importância desses saberes proporcionados pela escola na prática do dia a dia.

Para refletir sobre o fundamento antropológico nas cenas, usamos o fundamento de comparar culturas distintas, perguntamos a eles se seria possível hoje viver sem depender do dinheiro ou de cartões de créditos, e a maioria dos alunos disse que seria

muito difícil, se possível. Logo em seguida, criamos a ponte de se pensar as culturas indígenas, comunidades afastadas que vivem até hoje sem essas ferramentas, tratamos como é possível uma vida sem, porém uma vida muito diferente da qual estamos habituados a viver. Neste momento cria-se espaço para questionar as transformações culturais ocorridas no Brasil, a rede de interesses e de poder por trás dessas mudanças, toda a Geografia e a Matemática envolvidas juntas nessas questões.

Por fim, para o último fundamento, poético, propusemos pensar ambos os filmes como obras de arte, como sensações artísticas. É importante mostrar que os personagens foram criados dentro de um enredo em que muitas pessoas pudessem se identificar, seja pelo contexto familiar, amoroso, aparência ou interesses em comum. Como obra de arte o filme aproxima o telespectador a sentir-se como o personagem, para apreciar a forma com que os fatos acontecem e ser levado a construir memórias, que com o passar de repetições em diversas obras, vão criando discursos a serem repetidos e hábitos de consumo e comportamentos a serem reproduzidos.

Após a exibição dos trailers escolhidos, apresentamos dados como o fato de 65% dos brasileiros terem alguma dívida em seus nomes, em seguida iniciamos os questionamentos. Perguntamos primeiro quantos alunos ali já tiveram algum problema como este e, aqui, ressalto a importância dos próprios professores também responderem às questões, pois isso faz com que os alunos se sintam mais à vontade e deem valor ao fato da aula ser construída democraticamente. Com as respostas mostrando que quase todos os alunos presentes já tinham tido problemas com dívidas, continuamos a atividade: Porque tantos brasileiros se endividam? Quem lucra com isso? Como funciona o sistema bancário no Brasil? Quantos bancos são brasileiros e quantos são estrangeiros? Porque somos incentivados a comprar parcelado e não à vista? Com essas primeiras questões o professor de Matemática começou suas explicações sobre como se instaurou o modelo econômico dominante no Brasil, como funciona, o porquê dessa cultura da dívida e, principalmente, como o conhecimento matemático é necessário para transformar esse sistema. Depois dessa introdução começamos as questões geográficas: existe uma Geografia da dívida no Brasil? Será que ela afeta todos os brasileiros igualmente? Quem são os mais prejudicados? Como poderia ser possível transformar esse cenário? Eles passaram a se questionar em relação à amplitude desse problema, que não está somente se passando em suas vidas, mas sim no País como um todo, e também o quanto a Matemática está presente na vida deles e como ela é necessária para se localizar geograficamente na economia do Brasil. Nesse momento, próximo ao fim da prática, perguntamos aos alunos se conseguiam perceber a Geografia e a Matemática envolvidas por trás do ato de assistir ao filme; os conceitos e complexidades funcionais e estruturais por trás das ideologias de consumo presentes nos filmes e, como podemos ter consciência da escolha em reproduzir ou não certos hábitos a partir do olhar crítico por trás dessa construção,

Independente do filme, tratar o olhar educativo e geográfico nas cenas não é sobre simplesmente representar o assunto tratado em sala de aula, mas sim sobre desfazer as camadas do filme até se relacionar com as temáticas em si. Um bom exemplo é relacionar os filmes a temas e perspectivas diversas, e não focar em apenas um olhar fixo. Ressaltar uma visão geográfica muitas vezes é abrir espaços para desconstruir o filme por trás da logística espacial, cultural, social e natural para além da própria Geografia. Ademais, pensar o filme como camadas simbólicas abre a porta para apresentar a potencialidade de práticas interdisciplinares.

Também não cabe à prática tratar de todos os fundamentos, de todos os temas, nem fixar paradigmas, mas sim mencioná-los conforme a prática se sucede, de forma fluida. Aos poucos, todos os pontos a serem tratados se tornam questões naturalmente presentes na reflexão sobre o hábito de assistir a um filme, e então possivelmente de criar o raciocínio geográfico por trás das imagens, até mesmo fora da escola ou das aulas de Geografia.

Como o trabalho com a EJA não foi realizado no contexto de acompanhamento somente dos conteúdos geográficos, e sim por um recorte interdisciplinar, o objetivo inicial desta pesquisa, de analisar se são efetivas as potencialidades contidas no uso da linguagem cinematográfica na construção do raciocínio geográfico, não foi contemplado como imaginado, porém, o próprio objetivo teórico aplicado à prática foi transformado. O objetivo, que se resumia na possibilidade de ensinar Geografia com outras linguagens, passou ser o de aproximar os alunos da Geografia, aproximar a Geografia de outras ciências e ressaltar a presença das ciências nas imagens cinematográficas já presentes nas vidas dos alunos. Esses objetivos, diferentemente do intuito inicial, vão além dos conteúdos geográficos específicos, pois tratam de uma construção social geográfica. Percebi, ao realizar essas atividades, que planejamento científico bem estruturado em uma pesquisa de mestrado é importante, mas quando se trata de uma pesquisa com trabalho prático escolar, a metodologia fenomenológica é necessária, e a abertura às mudanças e sensibilidade com a realidade trabalhada são tão importantes quanto.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que, mesmo as reflexões geográficas propostas não estando diretamente dentro do currículo, são geografias, fazem parte do contexto de criação do raciocínio geográfico, como também do processo de espacialização e territorialização destes sujeitos. Outro fator que não podemos descartar é o potencial de discutir a própria potencialidade de se trabalhar esta linguagem no contexto escolar, mesmo que em outras disciplinas e, inclusive, de seu potencial interdisciplinar dentro da escola.

Como forma de avaliar as potencialidades do trabalho realizado foi desenvolvido um questionário com três perguntas abertas. Nesse questionário, não foi nosso objetivo fazer questões sobre os conteúdos, mas sobre a presença do Cinema na Educação. Nosso intuito foi saber a opinião dos alunos sobre as reflexões criadas a partir das

imagens cinematográficas. A primeira questão foi “De acordo com os temas abordados, você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, por quê?”; muitas das respostas foram escritas sem muitos aprofundamentos como: “Sim, eles mostram nossa realidade” ou “Sim, porque nos fazem refletir” ou “Sim, porque não temos esses conhecimentos com filmes”, por outro lado algumas respostas foram interessantes de serem analisadas como:

“Sim, porque os três temas são bem importantes, e por causa dos filmes ocorreram debates entre todos, pude observar outras opiniões.” (aluno 1 EJA)

“Sim, porque através dos conhecimentos com filmes abrimos nossos entendimentos para ser livres não só na escola.” (aluno 2 EJA)

“Sim, porque aprendi do mundo com a realidade do mundo que vivemos hoje.” (aluno 3 EJA)

Essas três respostas, por mais simples que sejam, mostram que ao utilizar uma linguagem já presente na vida dos alunos eles se sentem leitores do mundo, abertos para discutir sobre um tema que já lhes é presente, diferente do caso da linguagem escrita, que muitos não têm o contato.

A segunda questão foi: “Se houve uma reflexão a partir desse trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o Cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)”. Além das respostas curtas, tivemos outras que trataram a forma de expressão presente nas linguagens artísticas:

“Acho que tanto o teatro, a poesia, a música, e todos os temas são importantes, mas acho que o melhor é o debate e a linguagem.” (aluno 4 EJA)

“Sim também, mas pelo filme fica mais nítido para ser percebido.” (aluno 5 EJA)

“Sim, talvez o teatro pois também é bem expressivo.” (aluno 6 EJA)

A última questão foi: “Você considera que seria interessante se esse trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o Cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, por quê?” Dentre as respostas genéricas como “Sim, iríamos refletir muito mais” ou “Sim, porque assim é mais legal aprender”, houve algumas outras respostas mais longas:

“Sim, tinha que ter em todas as escolas, para que todos tivessem a oportunidade que muitos não têm de ir ao cinema.” (aluno 7 EJA)

“Sim, a imagem fala por si própria, passando emoções, inspirações, e melhor entendimento e interesse sobre o assunto.” (aluno 8 EJA)

“Sim, porque aprendemos até mais com imagens do que muitas vezes só com a escrita.” (aluno 9 EJA)

“Sim, é bom ter o cinema na escola para que todos possam conhecer o mundo que vivemos e ver de outra forma.” (aluno 10 EJA)

“Sim, pois assim podemos abordar mais assuntos que em aula não temos acesso.” (aluno 11 EJA)

Tanto na experiência vivida durante a prática do projeto, quanto com as respostas das questões, pude ver o valor que os alunos dão para este trabalho com linguagens artísticas e a abertura para os debates. Vale lembrar que os alunos têm em sua maioria entre 18 e 45 anos, grande parte de origem nordestina e que, quando perguntado de forma despretensiosa no primeiro encontro sobre a frequência que leem um livro (para entender a proximidade com a linguagem escrita) ou vão ao cinema (para entender a proximidade com a linguagem cinematográfica), apenas um ou dois se manifestaram por sala, era visível às feições envergonhadas a respeito da falta de acesso a bens culturais, e que, também, senti como podendo soar, de certa forma, como uma crítica perguntar quantos tinham o hábito da leitura. Por essa razão não foram adicionadas questões sobre a frequência que vão ao cinema ou que leem livros. Por outro lado, quando perguntados sobre a frequência que assistiam televisão, era unânime o levantar das mãos. Essa situação deixou claro para mim a importância dada por eles para a atividade, era a possibilidade de ter acesso, de entender essa linguagem e de, através dela, entender seu mundo e perceber as geografias.

Apesar de não ocorrer o aprofundamento nos conteúdos geográficos, sendo necessário outro contexto para realizar o objetivo inicial da pesquisa, e de perceber que a forma escolhida para a avaliação das atividades foi genérica, o potencial de se trabalhar a linguagem cinematográfica no ambiente escolar mostrou novas perspectivas. O uso do Cinema e a abertura para o diálogo horizontal para a construção do conhecimento foi um meio importante de aproximação dos alunos com os conteúdos a serem trabalhados, de aproximação com os próprios alunos entre a turma e, principalmente, dos alunos com a escola. Para mim, ficou claro que naquela realidade esse potencial de sensibilização que o Cinema propôs causou um grande impacto na própria geografia da sala de aula. Levando em consideração que, como citado por alguns professores e alunos, a escola é tida como desinteressante ou desestimulante, o fato dos alunos serem estimulados e os professores perceberem o interesse deles devido ao possível uso de outras linguagens no ensino, faz dessas mesmas linguagens um potencial enriquecedor para o próprio ensino, para a geografia e para o envolvimento dos alunos com a escola.

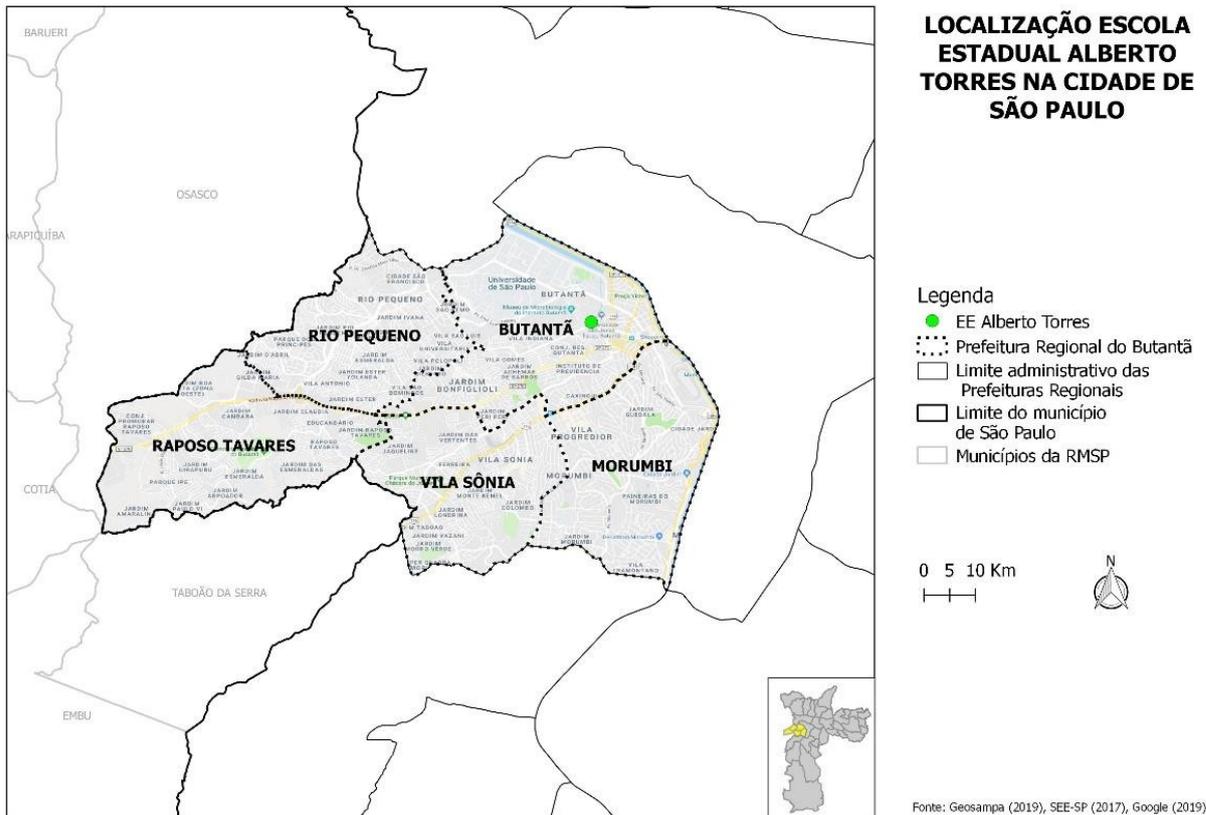
3.3 Cinema e Geografia no Ensino Médio regular

Após a primeira experiência prática deste projeto com a Educação de Jovens e Adultos, para o próximo semestre (dois bimestres escolares) de 2018 foi planejado realizar o projeto em uma escola de ensino regular. O principal objetivo dessa mudança foi o intuito de aprofundar o uso da linguagem cinematográfica dentro do ensino de Geografia para poder observar se a potencialidade do uso dessa linguagem se

efetivaria dentro dos conteúdos geográficos, fazendo com que o olhar do aluno sobre eles fosse para além da escola e passasse a estar presente quando estivessem em outros ambientes em contato com imagens, séries e filmes. A escola em que realizamos este projeto foi a Escola Estadual Alberto Torres, localizada na zona oeste da cidade de São Paulo, que atende alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A escola, desde 2014, se tornou parte da PEI (Programa Ensino Integral) fazendo com que o quadro de alunos caísse para menos da metade. Atualmente, a escola tem 354 alunos matriculados, divididos em 10 salas, corpo docente de 18 professores, sendo um deles de Geografia, e ao todo 34 funcionários. Cada série do Ensino Médio conta com duas aulas de Geografia por semana. A escola tem como parte de sua infraestrutura quadra esportiva, laboratório de informática com 15 computadores (apenas oito funcionando), laboratório de ciências e sala de leitura. A escola não conta com sala de vídeo e apenas em 2017 foi equipada com televisão e aparelho Data Show.

Ao chegar à escola, primeiramente, foi marcada uma reunião com o coordenador para apresentar o projeto e para pensar as possibilidades de desenvolvê-lo. Após duas reuniões, a coordenação se declarou interessada em abrir a escola para o trabalho entre linguagem cinematográfica e a Geografia. Na mesma semana fui apresentada ao professor titular da disciplina, cuja formação era em Sociologia, que também se mostrou interessado no projeto e disposto a desenvolvê-lo. Mesmo com a demonstração de interesse por parte da escola e do professor já se destacavam os primeiros obstáculos: a falta de espaço e infraestrutura para se realizar as atividades e o fato do cronograma da escola já estar definido quando começamos o projeto, não possibilitando que a dinâmica de trabalho alterasse o calendário de atividades já estabelecidas pela escola.

Figura 19 – Mapa 2: Localização Escola Estadual Alberto Torres



Geosampa (2019), SEE-SP (2017), Google (2019)

Figura 20 – Entorno Escola Estadual Alberto Torres



www.google.com/maps

Figura 21 – Corredor central Escola Estadual Alberto Torres



www.albertotorresacesso.com.br

Figura 22 – Pátio Escola Estadual Alberto Torres

www.albertotorresacesso.com.br

Primeiramente, para entender a dinâmica das aulas de Geografia, o diálogo entre o professor e a sala, e para conhecer as turmas, durante uma semana acompanhei as aulas como ouvinte. Além de me apresentar e ter contato com os alunos, expliquei sobre o projeto que seria desenvolvido. Procurei mostrar nessas apresentações a relação entre a Geografia, as produções cinematográficas e a vida cotidiana dos alunos. No final da primeira semana, foi feita uma reunião com o professor para planejar o início das atividades. A escolha dos conteúdos para guiar os tópicos norteadores das discussões foi decidida partir do material de apoio usado pela escola, que é o caderno do aluno.

Nas turmas do primeiro ano do Ensino Médio estava previsto trabalhar os temas: “Grandes fluxos do comércio mundial e a construção de uma malha global”. Dentre as competências presentes no material estavam: “Dominar a leitura além do texto, linhas de raciocínio, construir visões sobre as realidades distintas, conexões e divergências”; para o segundo ano destacava-se o conteúdo relacionado “A revolução da informação e as cidades”, nas competências estavam: “Dominar aspectos como a

leitura de realidades próximas e distantes, classificação das cidades globais, revolução informacional no meio urbano”; já nas turmas do terceiro ano os conteúdos eram acerca do “Continente Africano, suas relações com Europa e América e a transformação das cidades”. Nas competências que deveriam ser desenvolvidas pelo professor, estavam: “Leitura de gráficos e tabelas, interpretação de materiais de movimentos culturais, História e Geografia socioeconômicas que aproximam África e Brasil”.

Mediante a disposição desses conteúdos e competências a serem desenvolvidos nas aulas, o uso da linguagem cinematográfica foi pensado como um meio, uma forma de linguagem potencial, para trabalhar os conteúdos geográficos mencionados. As cenas escolhidas para a prática com as três classes, contemplando os três conteúdos, foram do filme “Que Horas Ela Volta”. Foi decidido nesta prática com o Ensino Médio regular trabalhar diversos aspectos, temas e conteúdos geográficos com o mesmo objeto, no caso as mesmas cenas. Desta forma, foram exibidas para todas as turmas, as mesmas cenas do filme “Que Horas Ela Volta”. Pretendeu-se observar como diversos conteúdos podem ser trabalhados a partir do mesmo material cinematográfico, desde que a abordagem feita durante a mediação pelo professor guie o olhar do aluno para determinados aspectos.

O trabalho de desenvolver o olhar geográfico por trás das cenas, e não somente exibí-las como ilustração, faz com que o professor tenha um papel importante de mediador da aula. Uma possibilidade interessante nessa prática para o professor realizar é trabalhar as mesmas cenas em diferentes momentos, com diferentes conteúdos e temas para a mesma turma. O intuito é fazer com que os alunos observem em cada aula um aspecto diferente que esteja presente, porém, que não tenha sido observado antes diante das mesmas cenas. Este exercício possibilita aos alunos enxergarem como existem diversas camadas a serem percebidas dentro dos filmes, diversos signos, símbolos, e significados, que resultam em diferentes olhares geográficos a serem criados.

Seguindo a proposta, foram realizadas as práticas do trabalho com as cenas para as dez turmas do Ensino Médio da escola. Cada aula foi organizada e mediada seguindo os conteúdos previstos para cada série. Como primeira observação minha e do professor, destacamos a atenção e envolvimento dos alunos quando comparado às aulas anteriores sem o uso das cenas, quando participei como ouvinte. Um número muito menor de alunos se distraía com seus celulares e/ou se encontravam de cabeça baixa, mais alunos mostraram seus pontos de vista e experiências com as relações geográficas relacionadas ao filme ali discutidas.

Faço uma observação sobre a realização deste trabalho prático, sobre o poder das imagens nas aulas e seu impacto na apropriação de tais conhecimentos. Neste caso, as imagens em movimento proporcionaram a maior parte das observações e, mais que isso, experiências sobre realidades distantes do mundo que cerca o aluno.

Essas novas possibilidades influenciam de forma impactante a trajetória da memória individual e coletiva dos alunos e, principalmente, a memória geográfica, que se apoia no transbordamento de sentidos contidos no Cinema para criar vínculos afetivos com a transmissão do seu conhecimento.

Após os trabalhos desenvolvidos com as cenas, houve uma reunião com o professor para se pensar formas de avaliação sobre a efetivação ou não dos potenciais em criação dos olhares geográficos por meio da linguagem cinematográfica. Como o professor também tinha interesse em desenvolver um trabalho bimestral com os alunos valendo nota e envolvendo as atividades realizadas com o filme, começamos a pensar em propostas que exercitassem os alunos a criarem esse olhar a partir de suas próprias perspectivas. Chegamos à ideia de realizar um trabalho em que os alunos se dividissem em grupos e cada grupo escolhesse uma cena de um filme, novela ou série. A cena escolhida seria exibida para a turma e então apresentariam os olhares geográficos observados por eles.

Com este trabalho realizado pelos alunos, foi visível o potencial adquirido na criação do olhar geográfico sobre elementos externos à aula de Geografia e, principalmente, por meio das imagens e das cenas, assim como proposto. Junto com o potencial observado em sala pela construção geográfica dos olhares dos alunos, veio a problemática de poder avaliar esse potencial através do trabalho realizado nas salas. Refletiu-se a respeito da necessidade de desenvolver outra ferramenta de análise com foco em observar se o uso das cenas realmente cumpriu seu papel de potencializar o ensino de Geografia. Mediante esta necessidade elaboramos um questionário para os alunos, perguntando sobre sua relação individual com a linguagem cinematográfica, seu nível de aproximação com o Cinema, televisão, séries e com a leitura, além da afeição e interesse para com a disciplina de Geografia, como também a intersecção de ambas dentro das atividades realizadas. Além das questões assinaladas, no questionário havia três questões dissertativas, em que o aluno teria espaço para discorrer sobre sua opinião referente ao projeto, e sobre a experiência de realizar o trabalho proposto em grupo.

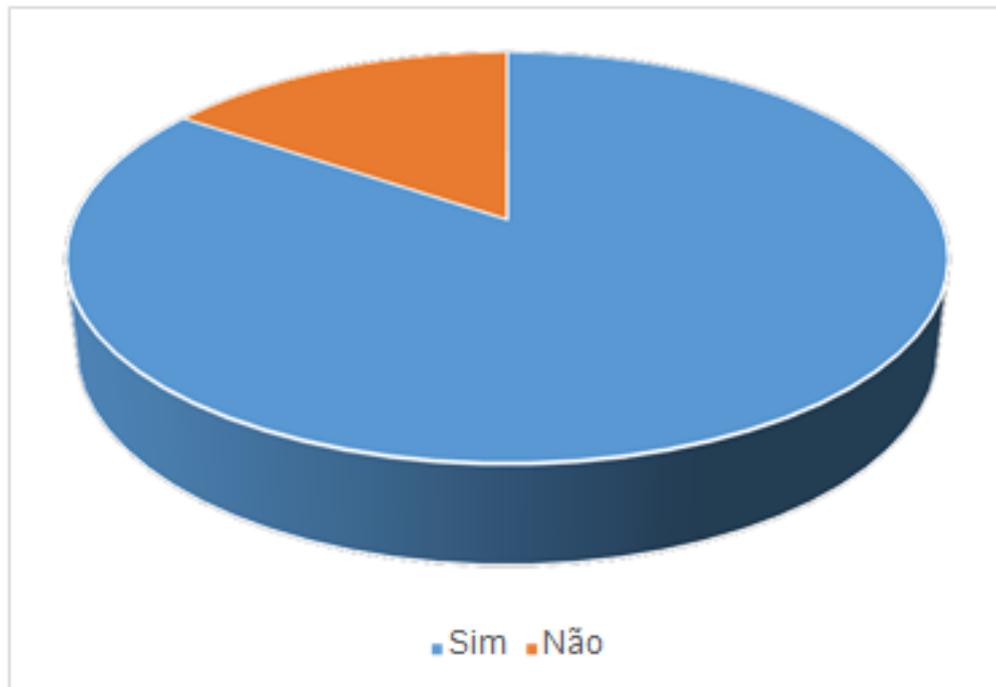
No questionário respondido por 231 alunos, a primeira questão foi em relação às quais meios de informação os alunos mais fazem uso diariamente. Entre as opções estavam: ler livros; assistir a séries; assistir a televisão; e assistir a filmes. Eles tinham a opção de assinalar sim e não para cada uma delas. Essa primeira questão era para sabermos a quais meios eles tinham mais acesso e preferência para fazer o uso diariamente.

Analisando as respostas podemos observar que o meio que os alunos mais assinalaram referente ao seu uso diário é de filmes, seguidos de séries, televisão e, por último, leitura. Nesta primeira questão fica perceptível que o meio informacional mais comum no dia a dia dos alunos são os filmes, o que faz essa pesquisa atraente

pela proposta de aproximação dos alunos com a disciplina de Geografia por meio da utilização de uma linguagem midiática tão consumida por eles.

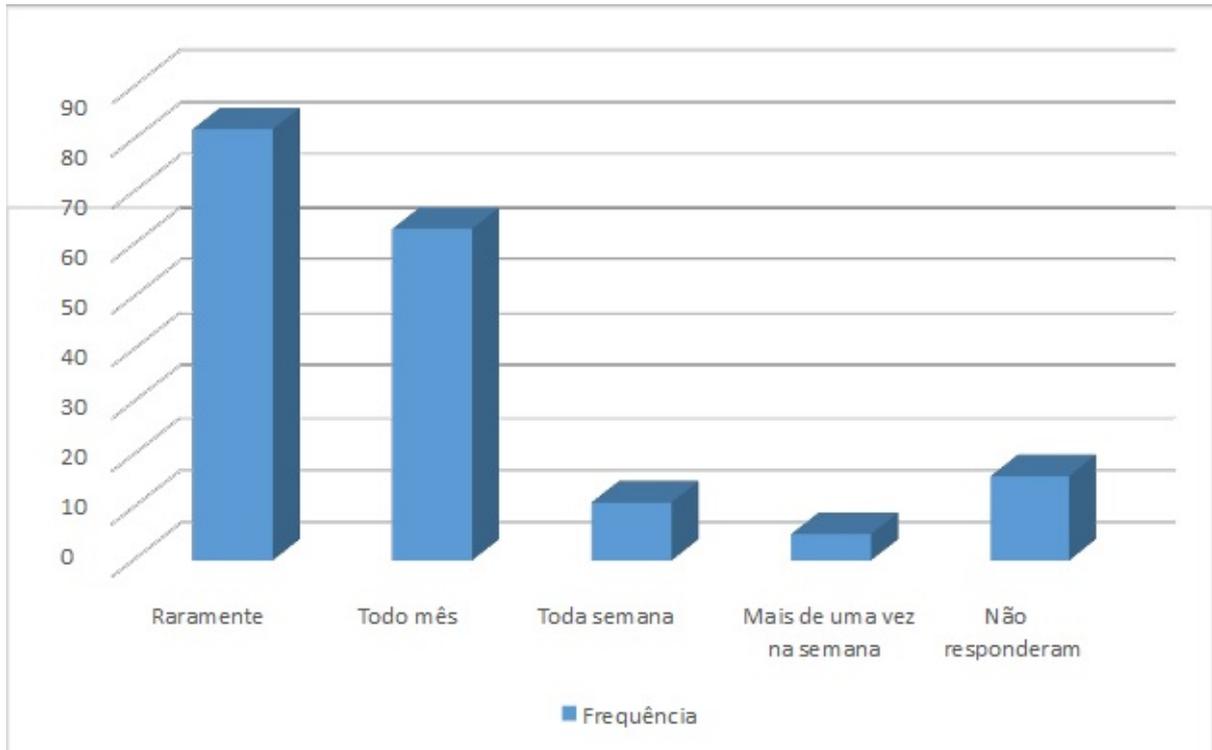
Na segunda questão, foi perguntado se os alunos costumavam ir ao cinema, seguida pela frequência dos que fazem o uso, sendo as opções: raramente; uma vez no mês; uma vez na semana; mais que uma vez na semana. Esta pergunta teve como objetivo saber se os filmes assistidos pelos alunos estavam relacionados com a frequência ao cinema, ou se o consumo era feito por outros meios, como a televisão, computador ou o próprio celular.

Figura 23 – Gráfico 1: Você costuma ir ao cinema?



Elaborado pela autora a partir de questionário

Figura 24 – Gráfico 2: Com qual frequência você vai ao cinema?



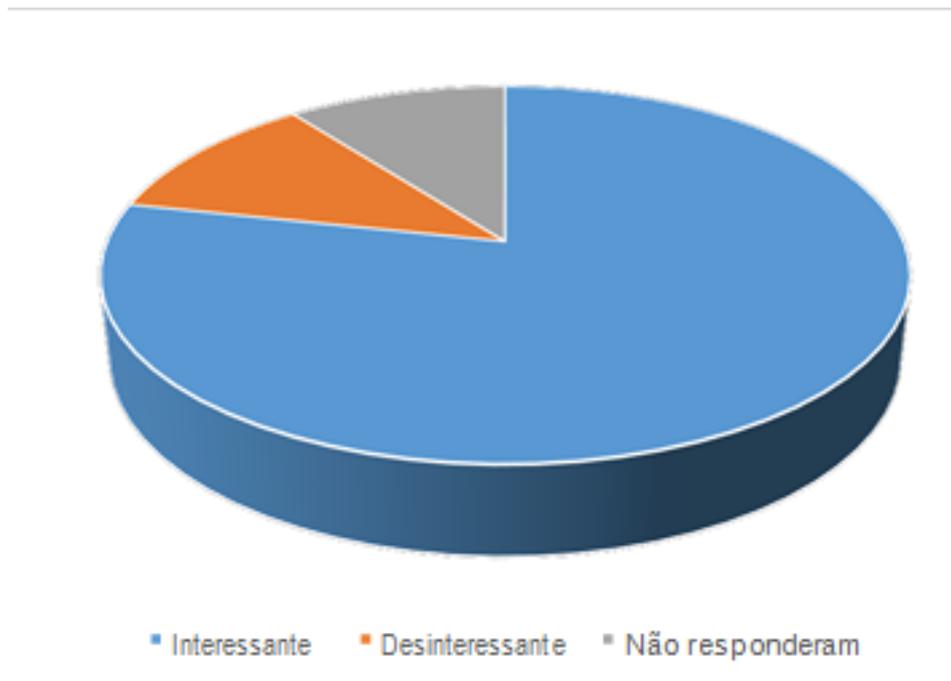
Elaborado pela autora a partir de questionário

Dentre todos os alunos que responderam os questionários, a maioria assinalou que costuma ir ao cinema (gráfico 1). Quando questionada sua frequência (gráfico 2), pode-se observar que quase a metade dos alunos que afirmaram ir ao cinema vão raramente, sendo que na primeira questão todos assinalaram assistir filmes diariamente. Podemos concluir com esses dados que a maioria dos alunos que assistem filmes raramente vão ao cinema, deixando claro que assistem em outros aparelhos como computadores ou celulares, assistidos online ou baixados via internet. O gráfico 2 retrata também a relação socioeconômica dos alunos, pois, menos de vinte alunos, dos mais de 200 que responderam, afirmaram ir semanalmente ao cinema, e menos ainda são os que vão mais de uma vez na semana. Comparando o preço do cinema em relação ao custo quase zero de assistir online, observa-se que sendo assíduos ao uso e interesse por esta linguagem, o valor gasto é um fator determinante na escolha da forma de acesso. O gráfico retrata também a opção pela facilidade no acesso de assistir a filmes em casa, sem preocupação ou gasto com meio de transporte, autorização e companhia, visto que tratamos de jovens adolescentes.

Posterior às perguntas sobre a relação do aluno com a linguagem cinematográfica e com o Cinema, as perguntas seguiram em relação à disciplina de Geografia. A primeira pergunta foi a respeito da opinião do aluno sobre a disciplina. Tinham a opção

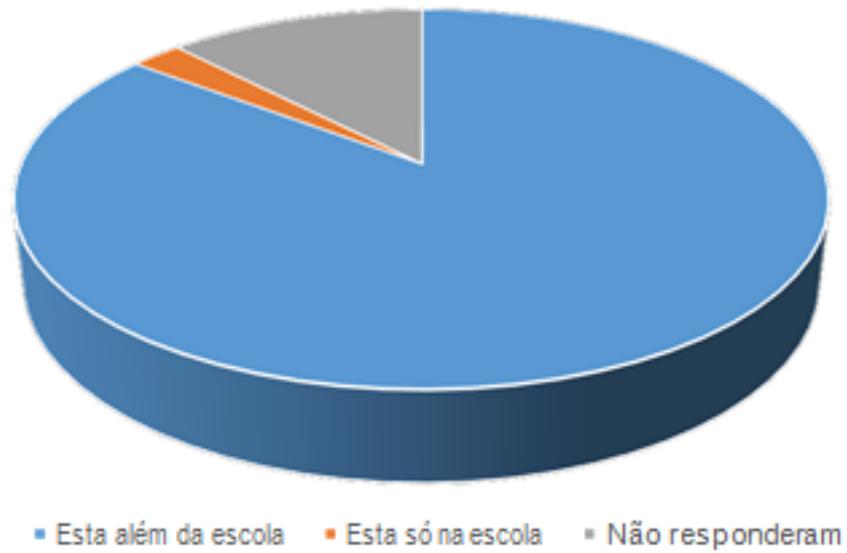
de escolherem entre interessante ou desinteressante; depois, se existe só na escola ou também além da escola; e, por último, se julgam um saber necessário ou um saber desnecessário. As respostas foram:

Figura 25 – Gráfico 3: Sobre a disciplina de Geografia, você a considera



Elaborado pela autora a partir de questionário

Figura 26 – Gráfico 4: Sobre a disciplina de Geografia, você acha que ela



Elaborado pela autora a partir de questionário

Figura 27 – Gráfico 5: Sobre a disciplina de Geografia, você a considera um saber



Elaborado pela autora a partir de questionário

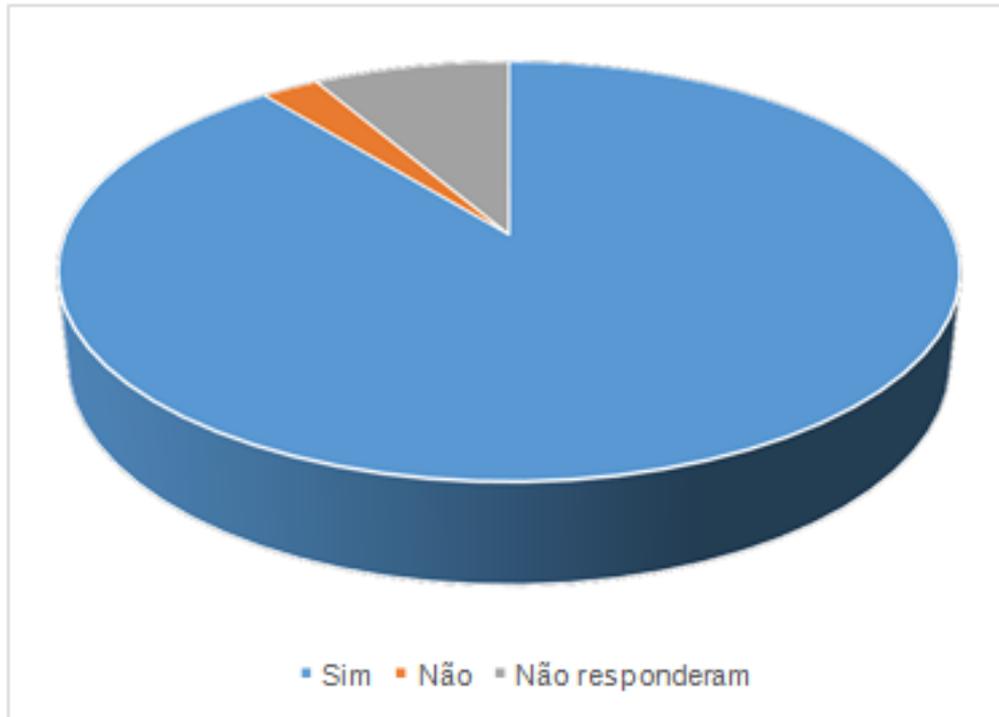
Observamos que mesmo a fatia de alunos que assinalaram a disciplina de Geografia como desinteressante sendo visivelmente baixa em relação à porção de alunos que a acham interessante (gráfico 3), quando comparamos com os outros dois gráficos 4 e 5, a disparidade entre as duas questões são bem menores. Quase todos os alunos questionados consideram a Geografia como um saber presente além da escola como também acreditam na ciência geográfica como um saber necessário. Porém 14% destes alunos consideram a Geografia dentro da escola uma disciplina desinteressante. Com esta análise podemos entender que os alunos enxergam o valor da Geografia e sua importância além da escola, mas, ao mesmo tempo, assumem o desinteresse pela forma como ela é apresentada dentro da escola.

Diante desta percepção encontramos um diálogo com Cavalcanti, quando diz: “os professores de Geografia relatam que estão frequentemente enfrentando dificuldades em ‘atrair’ seus alunos nas aulas, pois a maioria não se interessa pelos conteúdos que essa disciplina trabalha” (CAVALCANTI, 2008, p. 4). Ao mesmo tempo que a disciplina é considerada desinteressante, existe uma necessidade de criar a proximidade com a realidade dos alunos, e de principalmente, trazer novas linguagens para que a Geografia seja percebida fora da escola e que, a partir desses olhares e aproximações se faça interessante dentro da escola.

Diante dessa realidade, investe-se na produção de conhecimentos mais abertos, mais articulados e integrados aos diferentes campos científicos, incorporando interpretações menos racionais aos fenômenos e fatos vivenciados. (CAVALCANTI, 2008, p. 4).

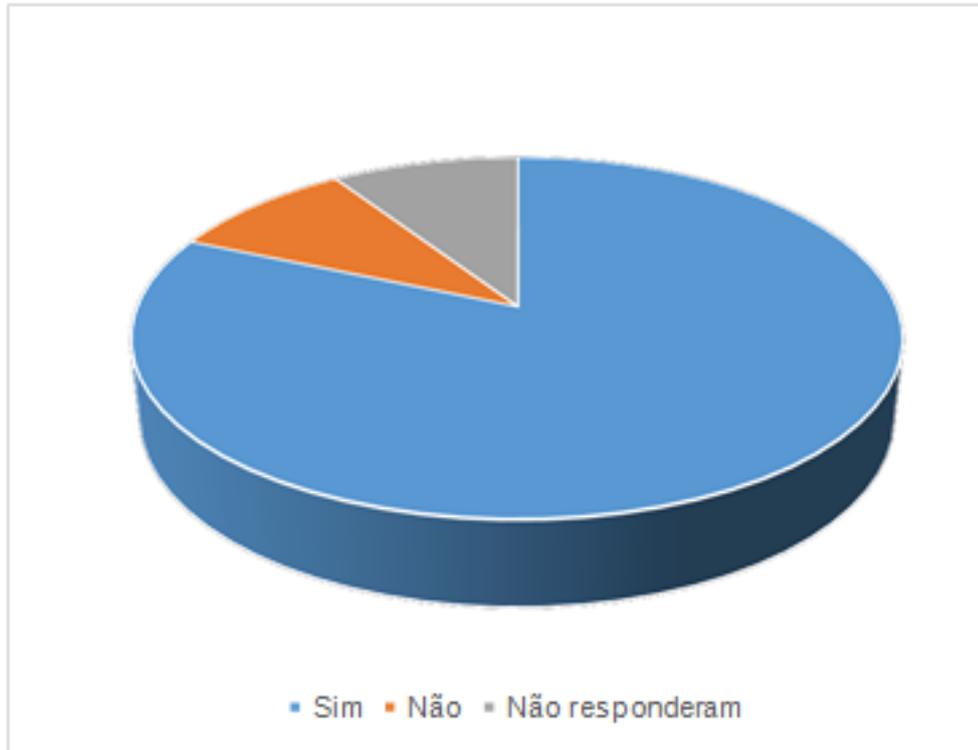
Concordando com a fala da autora com relação ao posicionamento a favor da abertura de diálogo entre a ciência geográfica e as linguagens artísticas, trazemos na sequência as questões que relacionam a disciplina e a linguagem cinematográfica. As perguntas foram criadas para saber se as atividades com a linguagem cinematográfica proporcionaram aproximação do conteúdo com a realidade, se despertou mais interesse na aula e se acham ou não que deveria ser usada mais vezes.

Figura 28 – Gráfico 6: Sobre usar o cinema no ensino de Geografia, proporcionou uma aproximação com a realidade?



Elaborado pela autora a partir de questionário

Figura 29 – Gráfico 7: Sobre usar cinema no ensino de Geografia, te despertou mais seu interesse na aula?



Elaborado pela autora a partir de questionário

Figura 30 – Gráfico 8: Sobre usar cinema no ensino de Geografia, você acha que deveria ser usado mais vezes?

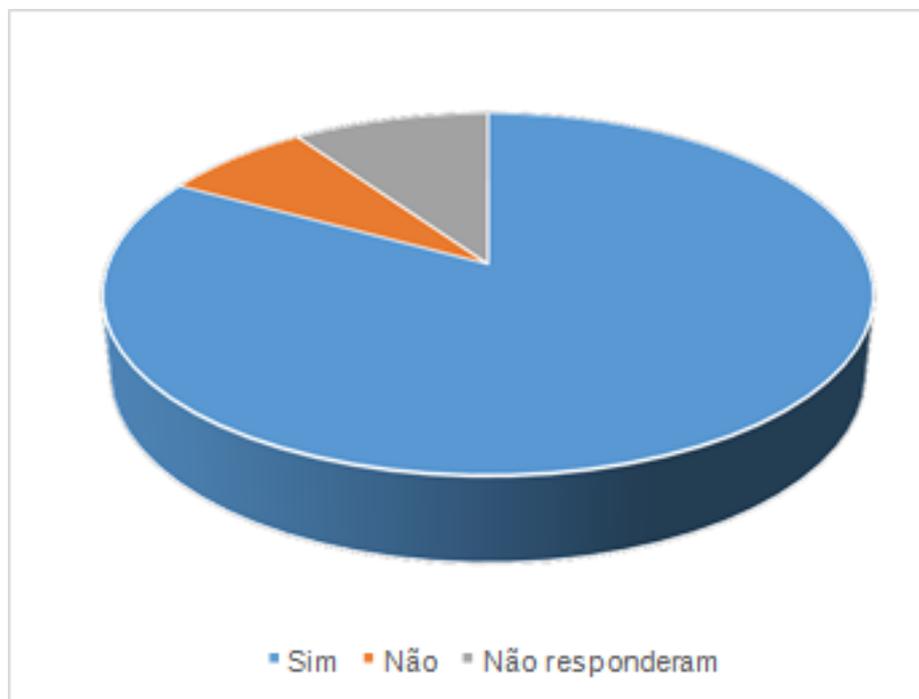


Elaborado pela autora a partir de questionário

Pode-se notar a grande diferença entre as respostas dos alunos. A maioria dos alunos afirmou ter criado uma aproximação maior entre os conteúdos geográficos e a realidade fora da escola pela utilização das cenas dentro das aulas, e concordam com a continuação destas atividades. A diferença entre as respostas só apareceu quando o tema era o aumento de interesse nas aulas de Geografia, sendo 9% das respostas negativas. Mesmo assim, 82% disseram estar mais interessados nas aulas a partir do trabalho com as cenas.

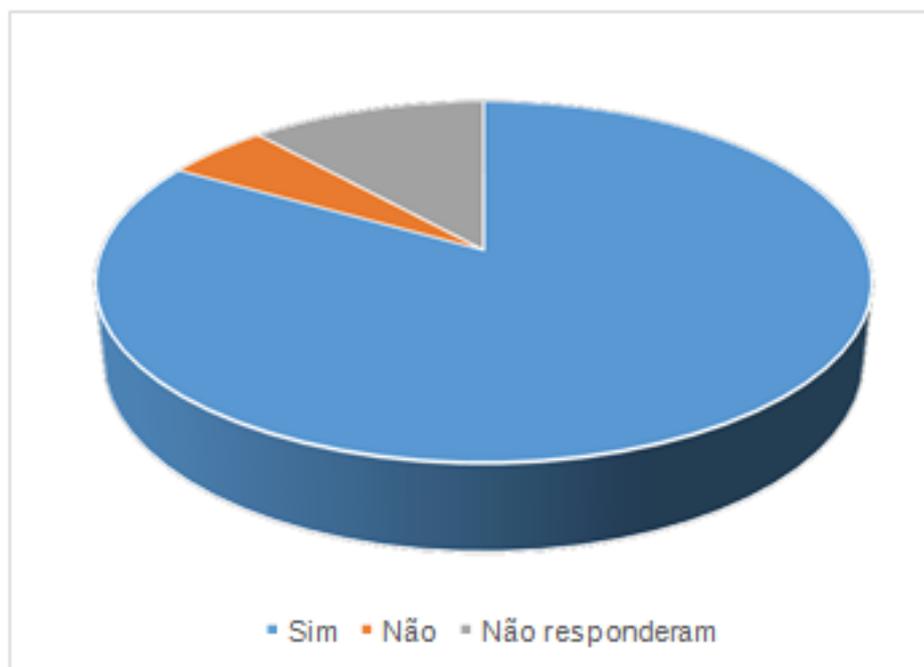
As últimas perguntas do questionário foram a respeito das cenas trabalhadas nas aulas. Estas perguntas foram feitas para registrar a opinião dos alunos em relação às escolhas das cenas e sua interação com os conteúdos tratados. As questões foram: se as cenas trabalhadas tiveram relação com os temas abordados; se despertaram entendimentos para além do texto; e se possibilitaram maior aproximação com a Geografia. Seguem as respostas:

Figura 31 – Gráfico 9: Sobre as cenas escolhidas e trabalhadas nas aulas, despertaram entendimento além do texto escrito?



Elaborado pela autora a partir de questionário

Figura 32 – Gráfico 10: Sobre as cenas escolhidas e trabalhadas nas aulas, te possibilitaram maior aproximação com a Geografia?



Elaborado pela autora a partir de questionário

Após analisar estas respostas podemos dizer que a pesquisa contemplou o objetivo referente às escolhas das cenas de acordo com os conteúdos e olhares geográficos abordados em cada aula. Sobre possibilitar o entendimento da Geografia para além do texto, ressaltamos que “cabe ao professor orientar o aluno no desenvolvimento da capacidade de leitura das diferentes linguagens e gêneros de texto, pois cada um tem suas especificidades” (CAVALCANTI, 2008). Neste momento, ressaltamos mais uma vez a extrema importância do papel do professor na prática das atividades, principalmente para expor as razões e objetivos que levaram à exploração desta linguagem, bem como quais leituras sobre quais aspectos serão desenvolvidas.

Devem-se trabalhar explicitando essas suas características, possibilitando com isso a construção e a desconstrução de representações espaciais, o desenvolvimento das habilidades de leitura do espaço por meio dos signos e códigos que nele são presentes. (CAVALCANTI, 2008, p. 10).

Massey (2008) também afirma que “o Cinema na Geografia permite abordar melhor a multiplicidade essencial do espaço” (MASSEY, 2008). Assim, é a partir dessas interações entre imagens e narrativas, singularidades e multiplicidades que encontramos o grande potencial da linguagem cinematográfica e a sua possível aproximação com as linhas de pensamento contidas na Geografia.

A segunda parte do questionário foi composta de três questões abertas. A primeira delas perguntando o que o aluno achou da experiência de usar cenas nas aulas de Geografia, as respostas foram diversas, e como foram mais de duzentos questionários para três séries diferentes procuramos selecionar os questionários com as respostas nas quais os alunos expressaram mais os seus pontos de vista, para que pudéssemos ter uma representação entre as diferentes opiniões contidas nas diferentes turmas e séries. Algumas das respostas obtidas dentre os questionários escolhidos presentes nos anexos dessa dissertação, foram:

“Importante e deveria ser aplicada em todas as escolas, tanto as com estrutura e as que não tem. A aula usando essa ferramenta faz com que o aluno interprete de uma maneira melhor a matéria.”

“Achei bem interessante, pois isso tornou a aula mais dinâmica, o que despertou mais o interesse dos alunos.”

“Gostei bastante, pois gosto bastante de geografia porém como meus amigos não gostam muito, acaba que não conseguimos conversar sobre esses assuntos, e como filme conseguimos mesmo que parece interessante.”

“Acho interessante, chamou mais a atenção para o tema que já estudamos, ajudou a cada aluno na sala a prestar atenção e perceber que nossos meios de diversão envolvem matérias da escola.”

“Eu gostei da experiência, pois com isso os alunos conseguiram despertar um interesse maior pela geografia, nos aproximando assim da realidade em que vivemos e o assunto abordado.”

“Acho boa, pois desperta mais o interesse dos alunos na aula. Por conta de todos terem uma relação boa com os filmes, também porque muda um pouco a rotina das aulas.”

“É muito interessante, pois agrega uma compreensão superior da geografia através de recursos visuais e proporcionando um debate que aproxima os alunos dos temas.”

“Achei muito bom, tenho total certeza que se tivesse tido uma experiência dessa no primeiro ano eu entenderia e amaria a geografia.”

“Foi algo que acrescentou e esclareceu a matéria da qual estamos estudando, já que visualmente, mesmo que encenado, é mais claro o entendimento, auxiliando até mesmo a fixação da informação.”

“Uma experiência muito boa, diferente e interessante, pois é uma aula diferenciada onde desperta mais a curiosidade e o interesse do aluno. E são meios em que pode mostrar como a geografia está em quase tudo que nós vemos em nosso cotidiano e como ela está de alguma forma, na maioria dos filmes em que assistimos e não percebemos, assim podemos aplicar ou aprender mais sobre essa disciplina.”

“Foi uma ótima experiência, durante as aulas os alunos ficaram mais atentos.”

“Muito interessante, nunca havia parado para pensar na geografia do filme; sempre focado mais na história que está sendo passada. Foi um trabalho que todos participaram, e sei que a maioria curtiu fazer. Além de ver a geografia, conhecemos diferentes filmes, e foi ótimo poder discutir sobre isso e aprender mais.”

“Gostei, para mostrar que a geografia não esta somente na escola ou em mapas e sim vai muito, além disso.”

“Bem mais interessante, pois deixa a aula mais bem explicada e mostra também o que cada um conhece e acha sobre a geografia.”

“Extremamente útil pois sai um pouco do contexto teórico.”

“Achei bom e nos ajudou muito a entender e perceber que a geografia está presente em tudo em nossa volta.”

“Achei muito válido e útil. Conseguimos ver a geografia no nosso cotidiano.”

“Muito mais interessante do que só texto, livro, apostila.”

“Uma ótima experiência. Poderíamos ter mais aulas assim, pois a maioria interage e acaba sendo mais fácil de entender e também é uma forma diversificada de aprender.”

“Eu achei bem legal, eu não gosto de geografia, mas com as cenas eu consegui prestar mais atenção nas aulas.”

“Eu achei interessante por que tem a ver com a realidade do dia a dia e é importante sabermos mais sobre isso.”

“Um pouco mais diferenciada, mas não despertou tanto o meu interesse, mas acho que é bom descontrair um pouco de vez em quando, não só com filme apenas porque deixa muitas pessoas com sono e desinteressadas pela impressão que esse tipo de aula dá que isso não seria importante e não é uma aula de verdade.”

“Interessante, pois faz o aluno ficar ligado na aula e não é cansativo.”

“Que com isso tem como você enxergar mais a geografia no seu dia a dia, e uma maneira muito mais fácil de aprender, e com isso mostra que estudar não é chato e está no nosso dia a dia.”

“As aulas ficam muito mais interessantes, pois desperta curiosidade que uma aula normal não teria.”

“Achei muito interessante e legal. Porque se a gente for olhar mais pelo lado sociológico e geográfico, tem muito haver a geografia com a maior parte dos filmes, mas não reparamos muito.”

Essas foram algumas das respostas analisadas. A maioria dos alunos disseram achar a proposta interessante, que esta despertou o interesse da turma e que essa metodologia deveria ser mais explorada nas aulas de Geografia e de outras disciplinas. Ao mesmo tempo, houve respostas que retrataram como o uso das cenas não despertou o interesse dos alunos, foi dito como não perceberam a atividade como uma aula de verdade, e sim uma forma de entretenimento. Percebo que essa diferença presente

nas opiniões dos alunos representa bem a realidade do contexto da utilização dessa linguagem no ensino, que acaba muitas vezes sendo usada para substituir a falta de um professor ou para ilustrar um conteúdo. Por outro lado, foi possível observar pelas respostas como muitos dos alunos acabaram por se aproximar da Geografia, por perceber ela no seu dia a dia, e passaram a observá-la não só nos filmes, mas fora da sala de aula. Outro aspecto interessante a ser percebido pelas respostas foi que muitos alunos ressaltaram como a turma pode participar da aula, como a prática abriu espaço para o diálogo e para a construção coletiva do conhecimento geográfico.

A segunda questão foi a respeito do trabalho bimestral de Geografia, que todas as turmas participaram. Este trabalho foi pensado e desenvolvido com os alunos como uma forma de perceber a construção do olhar geográfico entre eles depois das atividades realizadas. Pediu-se para que cada sala se dividisse em grupos com média de quatro ou cinco alunos, cada grupo poderia escolher um tema abordado na disciplina de Geografia em analogia com a disciplina de Sociologia. Posterior à escolha do tema, cada grupo deveria escolher uma cena, podendo ser de um filme, de uma novela, ou de uma série e exibi-la para a sala de aula seguida da apresentação do olhar geográfico, segundo os integrantes do grupo e a contextualização do filme em relação à disciplina de Geografia e Sociologia. A pergunta se referiu ao que os alunos acharam da experiência de fazer esse trabalho relacionando cenas com as disciplinas. Entre as respostas, tivemos:

“Achei uma ideia muito boa e desperta o interesse das matérias através dos filmes.”

“Eu achei uma experiência muito boa, pois a gente saiu um pouco daquela coisa da sala de aula para quem estuda em período integral. Goste bastante e espero que aconteça daqui para frente com a futura geração.”

“Achei necessário e deveria ter acontecido mais ao longo do ano, pois teria muito mais alunos para as duas disciplinas fazendo com que as aulas ficassem mais interessantes.”

“Ótimo, eu nunca havia reparado que é possível retirar tanta informação de um simples filme.”

“Legal, mas poderia ter mais participação dos alunos que não estão apresentando.”

“Eu achei uma boa experiência por termos mais conhecimento sobre.”

“Foi bem legal, deu um pouco de trabalho para achar um filme que se encaixasse nas duas matérias, mas as apresentações ajudam na compreensão.”

“Boa, pois vimos que tem coisas no nosso dia a dia que as duas disciplinas estão relacionadas.”

“Amei muito porque sociologia e geografia andam muito juntas e existem muitos filmes que abordam assuntos dessas matérias. Acho que deveria passar um filme e

nós produzirmos um trabalho a partir dele.”

“Amo as duas matérias então gostei muito e achei que despertou interesse e curiosidade nos outros alunos que não curtem leitura.”

“Ótimo, pois além de nós escolhermos o filme do nosso gosto, nós conhecemos mais por trás do filme, nós também sentimos à-vontades para fazer a apresentação.”

“Achei algo bem diferente, dinâmico.”

“Ótimos. Passei a enxergar a relação entre diversos filmes.”

“Geografia e sociologia andam juntas, compreender sobre elas além da história do filme foi muito interessante.”

“Com essa experiência conseguimos abranger uma vasta área relacionando a sociologia.”

“Mostrei meu potencial, segundo o tema abordado.”

“Achei muito boa, fez com que obtive mais interesse dos alunos em aplicar o que entenderam para aplicar.”

“Têm muitas semelhanças.”

“Uma experiência positiva, pois foi um meio em que tivemos total liberdade de escolher um filme, série, ou novela, em que gostasse e achasse interessante, onde pudéssemos trabalhar e abranger nosso conhecimento das matérias de uma forma diferente. Poder identificar em qual cena do filme retrata algo relacionado à disciplina.”

“Foi algo que me fez refletir sobre o âmbito em que diversas informações se encaixaram e convergem entre si e alguns pontos.”

“Acho que foi importante e muito bom, pois fica muito fácil relacionar um ao outro, eles se complementam muito, elas são complementares.”

“Muito interessante, pois permite identificar às habilidades de cada matéria e ao mesmo tempo em que aproxima as matérias, também as distingue.”

“Bem interessante, pois os temas abordados nos filmes são fáceis de compreender, e você consegue rapidamente fazer a relação com a geografia e sociologia, por ser algo presente no mundo todo.”

“Eu gostei porque muitas vezes não consegui relacionar ambos os assuntos sendo que eles se complementam, e são muito presentes em nosso dia a dia.”

“Muito bom, pensamos em tantos filmes que percebemos que relacionam com matéria já estudada. E relacionar a geografia e a sociologia com nossa vida.”

“Mostrar como ocorre a interdisciplinaridade consegui perceber melhor aspectos que ocorrem no nosso cotidiano.”

“Foi uma ótima experiência, porque esse trabalho interdisciplinar nos proporcionou relacionar essas matérias com a sociedade.”

“Todos nós sabemos que as duas têm e sempre teve uma relação, a geografia explica os territórios e a sociologia os direitos humanos, etc.”

Referente às respostas da segunda questão, é possível perceber como a ativi-

dade teve o caráter de fazer com que os alunos percebessem a Geografia nas cenas e por trás das cenas, o que nomeamos como a criação do olhar geográfico. Vários alunos mencionaram como gostaram da sensação de liberdade para escolher o tema e escolher a cena, essa abertura proporciona ao aluno uma certa independência para perceber sua própria geografia, além de impulsioná-los a criarem seus próprios olhares. Foi mencionado diversas vezes como a turma poderia ter se dedicado mais, aprofundado mais e participado mais. É interessante que a própria turma destaque esses aspectos, mostrando como se importam com um bom desenvolvimento coletivo da atividade. Para a terceira pergunta procurei uma forma dos alunos poderem expressar os pontos negativos da prática, ou melhor, os pontos a serem melhorados e lapidados. Na última pergunta dissertativa, questionamos quais pontos eles acharam positivos e negativos em trabalhar as cenas como potencial no ensino de Geografia e de outras disciplinas. Algumas respostas foram:

“Gostaria que em outras disciplinas também trabalhassem ou usassem esse meio de aprendizagem em algumas aulas, pois é uma proposta diferente e positiva, onde se pode trabalhar determinado tema que está aprendendo em determinada matéria. Negativo seria a colaboração que nem todo o aluno possui.”

“O ponto positivo é que se gera um maior interesse dos alunos pelo tema, justamente por ser um filme, já que o conteúdo é abordado de maneira mais despojado e livre, saindo de praxe do uso de palavras formais e “abstratas” que dificultam o entendimento. Não existem pontos negativos.”

“Positivo: É mais fácil compreender o que está sendo ensinado, fica cada vez mais fácil de retratar em forma visual o que está sendo tratado. Negativo: Muitas pessoas dispersam.”

“Positivos: Traz interação dos alunos pra aula; compreensão do tema que está sendo passado e sai um pouco do método arcaico de passar a apostila e os alunos responderem. Negativos: O único ponto negativo foi à relação que o som é baixo, mas isso é um problema da escola e não da didática.”

“Os pontos positivos é que muda um pouco da mesmice das aulas e também porque filmes é algo que a maioria gosta e tem muito acesso. Os pontos negativos seriam os alunos não dando muita importância em tentar entender e se aprofundar nos assuntos abordados nos filmes.”

“Positivo: A aula mais interessante e divertida. Negativo: O tempo é sempre um problema.”

“Positivo: É muito mais fácil entender alguns assuntos através de filmes. Negativo: Não acho que há.”

“Os pontos positivos é que há uma maior ligação com a realidade que não costumamos perceber, dessa forma nos aproximando da situação. Os pontos negativos muitas vezes são os alunos já que muitas demonstram desinteresse pelo assunto.”

“Positivo: Interesse dos alunos, filmes que já vimos envolvem nossa aula, envolve nossa vida social e a vida da escola. Negativos: Não foram todos que realmente se interessaram para escolher um bom filme e ver o que envolve na matéria, deveriam ser mais organizados.”

“O único ponto negativo é que tem gente que não participa e acaba atrapalhando quem quer aprender.”

“Como citado na questão um, o fato de relacionar o cinema presente em nosso dia a dia, torna o interesse dos alunos mais despertado.”

“Não tenho pontos negativos em minha opinião, pois deveria ter em outras disciplinas, para melhor entendimento dos alunos.”

“Os alunos ficaram mais atentos e conversaram menos. As aulas relacionaram sociologia com geografia e assim aprendemos mais.”

“Positivo: É uma boa forma para ajudar os alunos a aprender a disciplina de uma maneira que todos possam se interessar, sendo o cinema algo que todos gostamos.”

“Positivos: Os alunos mostraram o que sabem e o que entenderam. Negativos: Falta de respeito dos alunos.”

“Legal, interessante, divertido.”

“Positivo: Nós conhecemos mais nitidamente sobre a geografia e nos sentimos a vontade para trabalhar na escola. Negativo: Nós ficamos meio preguiçosos para procurar a geografia, por exemplo, em textos ou vídeo aula.”

“Acho positivo que despertou interesse na matéria, porém achei negativo o fato de não abordarmos a leitura e estimula-la, pois cada vez mais estamos deixando de ler e nos tornando analfabéticos funcionais.”

“Acho muito bom e não tem pontos negativos. E pode ter em mais disciplinas.”

“Os pontos negativos são as conversas, porque muitos alunos pensam “é um filme, não é importante”. Os pontos positivos são a maior facilidade de compreensão em alguns temas e a interação entre alunos e professores.”

“Os pontos positivos é que sabemos mais sobre e não tem pontos negativos.”

“Positivo é que pode despertar um interesse em alguém, e o negativo é que sem a participação dos alunos, acredito, muitos vão dormir ou ficar desinteressados caso o filme não seja de seu gosto.”

“Não há pontos negativos, pois eu acho que é uma aula diferente e inovadora.”

“Negativo: Nenhum. Positivo: Eu gostei bastante da ideia e iria ser muito bom se as escolas comessem a fazer isso nas aulas.”

Mesmo a maior parte dos pontos negativos tratados pelos alunos serem sobre a falta de participação ou comprometimento da turma, e não necessariamente sobre a prática ou a metodologia explorada pela atividade, foi possível perceber que os pontos positivos se repetiram e concordaram entre si. No final do projeto prático, percebi como as perguntas poderiam ter sido mais bem elaboradas ao redor do resultado da atividade

em relação à criação do olhar geográfico pelos alunos a decorrer do desenvolvimento da prática. Mesmo assim, as respostas dissertativas contemplaram o intuito de proporcionar a participação dos alunos nesse projeto de pesquisa e dissertação, como uma forma de compartilharem seus olhares geográficos sobre as práticas.

No ponto da análise dos resultados, vejo os questionários como uma parte fundamental da pesquisa, principalmente em relação à sensibilidade artística e fenomenológica de se trabalhar a linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. Com o final das atividades práticas e das avaliações foi possível fazer nossas análises sobre a experiência de realização do projeto em uma escola do ensino regular. Nossas análises foram pensadas de acordo com as definições conceituais esclarecidas no início da pesquisa. Para dar início, comparamos nossos princípios de Educação com os defendidos pela escola. Ao contrário da importância dada por nós a respeito dos mecanismos que educam os alunos fora da escola, dentro dela são pouco incorporados os saberes adquiridos informalmente. Ao não valorizar tais conhecimentos trazidos à escola por seus alunos, o ambiente faz com que os mesmos se sintam inferiores ao padrão preestabelecido da instituição. Esta lógica provoca um distanciamento e falta de interesse dos alunos. Nesse contexto, o projeto foi desenvolvido com o objetivo de valorizar os saberes externos à escola, incorporando-os, e de, por meio das reflexões e dos questionamentos coletivos realizados, construir saberes conscientes sobre a linguagem cinematográfica dentro do ambiente escolar. Mais que os saberes criados nestas atividades e também nos questionários, foram notáveis a aproximação dos alunos com a disciplina e a aproximação entre os alunos de uma mesma sala.

A respeito da Geografia, além da importância do posicionamento do professor como mediador da aula, e principalmente do seu olhar geográfico sobre a atividade, dentro do contexto geral ficou visível a falta de dinamismo com que a disciplina é disposta. A falta de linguagens alternativas para evidenciar suas amplitudes faz com que independente dos temas a serem tratados, os olhares geográficos correm o risco de não serem criados e articulados com diferentes realidades dos sujeitos participantes. Trabalhando a linguagem cinematográfica dentro do ensino de Geografia por meio da metodologia desenvolvida com as cenas, foi possível ver como os próprios alunos criaram aproximações de realidades próximas e distantes da sala de aula com a Geografia. Essas aproximações, junto com uma boa prática docente, resultaram no desenvolvimento do olhar geográfico por parte dos alunos. Durante o desenvolvimento do projeto, era diária a procura dos alunos para contar as geografias que os mesmos percebiam nos filmes, nas novelas que acompanhavam com a família, nas séries, e até mesmo nas propagandas televisivas. Essa demonstração fenomenológica, espontânea e não documentada pertencente à sala de aula caracteriza alguns aspectos da metodologia fenomenológica marcada pela pesquisa prática, ao mesmo tempo que serve como exemplo de materialização dos potenciais da linguagem cinematográfica no ensino de

Geografia.

Além dos potenciais, estar na sala de aula também deixa aparente os desafios, as dificuldades e os limites por trás da realização dessa prática. Os principais desafios se encontram na rigidez da programação já institucionalizada na escola e no ensino de Geografia, na dedicação necessária por parte dos docentes que, na maioria das vezes, já se encontram sobrecarregados, e no diálogo horizontal que necessariamente precisa ser criado com os alunos e que muitas vezes encontra-se enfraquecido. As dificuldades encontradas na efetivação do potencial da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia estão em não apresentá-la somente como uma forma de entretenimento ou de figuração dos conceitos escritos. Mas, ao contrário, fazer com que o olhar geográfico seja criado através das cenas é uma forma de ler geograficamente a frequência social atual que a população vive, massivamente imagética, emergida em construções simbólicas e visuais. Observou-se que essa realidade se traduz em um processo difícil de ser inserido simultaneamente no contexto educativo, principalmente pela rapidez que tem sido criada e transformada.

Entretanto, ao mesmo tempo que percebemos as dificuldades, existem as possibilidades. Tais possibilidades habitam a utilização dos potenciais presentes no cotidiano dos alunos e sua inserção no contexto do desempenho educativo geográfico. Os limites percebidos nessa pesquisa prática estão principalmente na estruturação da formação docente e seus impactos na carreira docente. Esses aspectos de formação e carreira docente, mesmo passando cotidianamente por transformações e renovações, ainda estão longe de ter as novas linguagens da comunicação global incorporadas de forma abrangente em um formato educacional comunicativo do ensino. Além da formação docente, a estruturação das escolas e das salas de aula sobre a disponibilidade de dispositivos midiáticos também são aspectos limitantes para o desenvolvimento das práticas. A falta de salas preparadas, equipamento multimídia, televisão, computadores e rede de internet – todos estes aspectos são realmente limitantes para o bom exercício da prática docente e incorporação das linguagens imagéticas e midiáticas dentro da escola.

Durante a realização do projeto e sobretudo depois da finalização da prática, foi possível criar uma nova perspectiva a partir dos conceitos sobre o Cinema como objeto e ação geográfica de Milton Santos para o ensino de Geografia. Entre várias aproximações, chamou-me a atenção uma primeira relação com a sala de aula, em um trecho em que o autor trata como os objetos estão cada vez mais tomando o lugar das coisas. A partir dessa reflexão é possível observar como cada vez mais as criações humanas, menos naturais e mais artificiais, os objetos, estão ocupando maior parte da vida dos estudantes do que as coisas, aspectos naturais que existem além da construção e transformação do meio. Logo, se os objetos como o cinema, o celular e o computador estão mais presentes na realidade dos alunos do que as coisas, e

a Geografia por ser uma ciência múltipla se faz presente em todas elas, a utilização dos objetos para ensinar a Geografia faz-se repleta de potenciais, principalmente pela relação de aproximação com a realidade do aluno.

Tratando o Cinema no ensino de Geografia através do conceito de objeto geográfico de Milton Santos, foi possível observar suas complexidades funcionais e estruturais de forma prática. Como já abordamos aqui, a função do Cinema é múltipla, e por isso sua complexidade. Dentro da sala de aula, pode ter função de informar, ilustrar, ou entreter, mas especificamente na prática da pesquisa, a função do Cinema é potencializar a criação do olhar geográfico. Na prática, essa função tem que ser esclarecida aos alunos e colocada em foco pelos professores para não haver um desvio de função ao decorrer das atividades.

Na sequência, em relação às complexidades estruturais no trabalho com o Cinema, percebemos como elas se diferem dependendo da escala a ser tratada. Essas escalas vão desde a sala de aula que exige uma estrutura midiática, como televisão, aparelho multimídia e acesso à internet, até escalas referentes à criação de políticas públicas para direcionar o suporte financeiro necessário às escolas, aos professores e aos gestores. Sobre o Cinema ser um objeto geográfico na prática, assim como Santos defendeu, qualquer objeto, mesmo os não geográficos, se tornam geográficos desde que seja criado um olhar sobre eles. É essa ideia que fundamenta toda a atividade, mostrar aos alunos como a Geografia é uma forma de olhar e está presente em todas as camadas e aspectos da sociedade, nos objetos, nas coisas e entre elas.

Agora, refletindo sobre o Cinema no ensino de Geografia como uma ação geográfica, segundo o conceito de Milton Santos, a ação é um todo, e a atividade específica de uma aula com certas cenas é um ato. Isso quer dizer que a ação para trabalhar o potencial da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia vai além da aula em que será realizada a atividade, é necessário um planejamento do docente e da gestão escolar, um diálogo horizontal com os alunos entre a associação do uso de outras linguagens e os porquês por trás delas, tal ação é uma forma de estruturação do conhecimento. Além do ato e da ação da prática com as cenas, diante do conceito do autor, também faz parte do olhar geográfico pensar a ação do fazer Cinema, como a ação de planejar e idealizar um filme é diferente do ato da realização de cada cena, e também como a escala de comando se difere da de execução. Pensar a existência de interesses, símbolos e simbologias por trás de cada escolha, e como estas escolhas, depois de pronto o projeto fílmico, divergem em funcionalidades e estruturações que repercutem em reproduções sociais e geográficas desses mesmos símbolos.

Fazendo uma reflexão de como os trabalhos presentes na revisão bibliográfica contribuiu para o avanço conceitual e prático dessa pesquisa, começo discutindo como os textos de Gomes me permitiram elevar meu olhar geográfico dentro do ensino para como existem diversas formas de se pensar geograficamente; como a Geografia,

segundo seus princípios, é uma ciência em contínua transformação que se reestrutura conforme o jogo de permanências se modifica cotidianamente. Estar dentro da sala aula com esses conceitos submersos nas camadas de compilação do conhecimento geográfico no exato momento de expô-las e alinhá-las com a turma é um processo único, e que me fez observar como os entendimentos dos fenômenos aparecem, relacionam-se e conectam-se. Durante as atividades, foi possível ver como as imagens possuem uma capacidade de mostrar aos olhos do observador a geografia que habitualmente ele olha mas não vê, como a cena é um quadro geográfico como um mapa, um gráfico ou uma paisagem. A Geografia é uma forma de se pensar, um caminho, e é possível pensar geograficamente sobre quadros, e o quadro por sua vez, fala diretamente ao espírito e à imaginação.

Com efeito, as leituras de Almeida, contribuíram diretamente para toda a construção filosófica por trás da ação de ensinar com o Cinema para pensar as ideologias deleuzianas de forma a serem aplicadas metodologicamente na sala de aula. Quando se trata de ensinar com imagens fora de um contexto ilustrativo, é extremamente necessário pensar como a imagem pensa, levar esses aspectos para o entendimento dos alunos para que eles próprios possam criar seus olhares geográficos sobre o que é visto. Já em relação às contribuições dos textos presentes na revisão de literatura, entre as temáticas do ensino de Geografia e a linguagem cinematográfica, no âmbito da pesquisa, pude perceber como poucos pesquisadores buscam respostas sobre o ensino dentro da sala de aula. Este fato ocorre devido à intensa dedicação de tempo para a realização de uma boa prática, não se tratando do tempo realmente dedicado a estar na escola, mas a toda a preparação metodológica necessária para realizar uma boa prática em relação às divergências encontradas no meio do caminho. São caminhos distintos entre preparação, desenvolvimento e resultado de uma pesquisa teórica quando comparado a uma pesquisa prática, assim, essas leituras me fizeram perceber como uma pesquisa teórica se torna mais aprofundada conceitualmente e talvez mais reconhecida no meio acadêmico, enquanto a pesquisa prática é a abertura por onde o conhecimento acadêmico encontra o sistema escolar e se depara com suas dificuldades de estruturação e aplicação. Percebo, ao fim, que ambas se completam. Da mesma forma que são necessários os estudos teóricos para fazer pensar, refletir e reconstruir o pensamento crítico, também é importante que esses saberes saiam da teoria e encontrem os obstáculos da prática, e que, ao mesmo tempo, possam encontrar as possibilidades e os potenciais desse acúmulo de conhecimento para que a rede se multiplique em diversos caminhos a cada ato que compõe uma grande ação.

4 Considerações finais

Sobre as vivências na Universidade de São Paulo como aluna, na escola como professora e pesquisadora, e como indivíduo permeando as geografias que o próprio viver representa, posso dizer que vivemos em tempos de mudanças. A proximidade com a escola me fez ver, a partir de um olhar crítico e sensível, as tantas dificuldades que atravessam o processo de ensinar e aprender Geografia. Entre eles destaca-se o desafio de educar e compreender os alunos – nascidos em uma época em que as imagens falam mais que as próprias falas – e de elaborar processos didáticos que façam sentido para estes estudantes. Neste contexto, desenvolver propostas de ensino de Geografia em diálogo com o Cinema foi um dos caminhos que escolhemos no intuito de compreender as possibilidades de diálogo com os estudantes e suas realidades, no sentido de produzir olhares geográficos nos termos propostos por Gomes (2017).

Ao apresentar os conceitos norteadores desta pesquisa, agrupados na primeira parte deste trabalho, pude perceber como o próprio discurso geográfico está, aos poucos, se transformando. É evidente que a transformação está sempre acontecendo, continuamente, tanto na Geografia quanto em todas as camadas de objetos e coisas que se encontram e se distanciam a todo o momento. Mas ao falar que a Geografia está se transformando, me refiro a como essas novas linguagens, surgidas e intensificadas nas últimas décadas, cada vez mais estão sendo incorporadas nas nossas vivências e, por consequência, nos discursos geográficos ao redor do mundo. Desde os autores cânones da Geografia como Humboldt, Kant e Vidal de La Blache, as imagens aparecem como criadoras de geografias, não só como ferramentas para entender as geografias já existentes, mas como elas mesmas podem ser lidas como criadoras de novas geografias. As imagens e, neste caso, a linguagem cinematográfica, fazem pensar, sentir, olhar as geografias e a própria vida humana. O Cinema pulsa, provoca sensações com as situações visuais e sonoras das narrativas que explora. Faz-nos exercitar nosso olhar humano e, como percebido pelos geógrafos, também faz exercitar o olhar geográfico. Como disse Milton Santos, citado no corpo desta pesquisa, qualquer objeto se torna um objeto geográfico a partir do momento em que é pensado geograficamente. Assim, qualquer olhar pode se tornar geográfico a partir do momento em que a Geografia seja colocada como uma lente entre o olho e o que é visto.

De forma geral, os dois projetos desenvolvidos nessa pesquisa apontaram para as potencialidades do uso do Cinema no ensino de Geografia. Apesar da tentativa de construir instrumentos de avaliação objetivos que pudessem trazer elementos para a compreensão das atividades desenvolvidas, percebi que o principal potencial não pode ser mensurado, pois habita na fruição coletiva. No momento em que os sujeitos são afetados pelas imagens, dispara-se o exercício da criação a partir do ato de assistir às

cenar, quando os alunos são pegos pensando nas alternativas para aquela mesma história, outros personagens ou outros elementos, na tentativa de adivinhar o que virá a seguir e o que não foi mostrado nos cortes, eles se tornam analistas, intérpretes e atores daquela experiência artística e geográfica. O potencial em usar a linguagem cinematográfica está ligado à ação, ao tempo de assistência e às analogias sequenciais que reúnem os participantes presentes, abrindo diálogos e permitindo a convergência de ideias e de geografias.

Para a sensibilidade de lidar com o Cinema e a prática docente, ficou claro que o papel do professor é criteriosamente importante, ao mesmo tempo que comprovou-se que o professor não precisa ser especialista, mas ter uma abertura a sensibilidade de permitir que os próprios alunos descubram suas geografias. A proposta educacional com o propósito de refletir sobre a sensibilidade de criação do olhar geográfico se concretiza pelo próprio exercício de assistir ao filme. Cabe ao professor o papel de acompanhar e, acima de tudo, direcionar a apresentação e as analogias das representações. Não se trata de refletir somente sobre o que acontece no filme, mas sim sobre o que acontece com os sujeitos ao assistirem ao filme. Enfatizo essas questões pela razão de que, ao contrário da maioria das investigações com o Cinema no ensino de Geografia, que têm como objetivo análises teóricas ou quantitativas, aqui, o objetivo também foi sensível, como a própria relação da construção do olhar que une a Geografia e o Cinema.

Não é possível concluir essa dissertação com um olhar sensível sem também perceber que muitos obstáculos apareceram no caminho. Mas aqui, entre as barreiras estruturais e orçamentárias das escolas, as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos professores na carreira docente e as questões da própria formação docente envolvida, destaco as possibilidades. Mesmo com todas as limitações, existem as aberturas. Destaco a vontade de querer e principalmente de acreditar. Entre as coisas que aprendi com o desenvolver deste projeto, foi que as ações ganham sentido quando são feitas, que o aperfeiçoamento é um caminho longo e contínuo e que as potencialidades se criam pelas possibilidades. Imaginando um cenário promissor, não há como dizer que em uma sala bem equipada, com um projeto bem desenvolvido pelos professores, gestão e alunos em conjunto, a exibição, discussão e principalmente um diálogo através da linguagem cinematográfica não seriam potenciais para o ensino de Geografia, assim como para a educação em sua totalidade.

Sei que o tema dessa investigação, como também o desenvolvimento dela própria, estão longe de um final. As possibilidades e caminhos sobre novas perspectivas são inesgotáveis, e isso me alegra. Findo esta dissertação com as metodologias, instrumentos e reflexões criadas conclusas para mim, pelo menos provisoriamente, já que o trabalho de uma pesquisadora estará sempre em continuidade e nunca acabado. Vale dizer que a presente dissertação só foi possível porque ela foi vivida e sentida, sem

grandes predeterminações sobre aonde eu a levaria (de certa forma, acredito que ao final foi ela que me levou). Por fim, espero poder contribuir para os caminhos que serão trilhados pelos futuros professores e pesquisadores de Geografia. O movimento será sempre contínuo entre todos nós que, de certa forma, somos sujeitos telespectadores e atores de tantas geografias. De minha parte, ofereço o resultado do meu movimento, que será completo desde o momento em que encontrar o seu movimento na criação coletiva de tantos outros.

Referências

- ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2004.
- ALMEIDA, R. de. Cinema e educação: Fundamentos e perspectivas. **Educação em Revista**, v. 33, 2017a. ISSN 0102-4698.
- ALMEIDA, R. de. Cinema e educação: Fundamentos e perspectivas. **Educação em revista**, v. 33, 2017b.
- APPLE, M. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CACETE, N. H. Breve história do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 1061 – 1076, 2014.
- CAMPOS, R. R. de. Cinema, Geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, Unesp, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1 – 22, junho 2006. ISSN 1678—698X.
- CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008. v. 1.
- CAZETTA, V.; OLIVEIRA JR., W. M. **Grafias do Espaço - imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas: Editorial Alínea, 2013.
- CHARARA, F. M. N. *et al.* A Linguagem e o ensino de Geografia: O Cinema como ferramenta para construir o conhecimento geográfico. In: **V Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea**. Campina Grande: UFCG, 24 a 27/out, 2016.
- CLAVAL, P. **Terra dos Homens**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORAZZA, S. M. **Artistagens - . Belo Horizonte: Autêntica, 2006.**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DANEY, S. **O aterrorizado (pedagogia godardiana)**. In: DANEY, S. A rampa. Cahiers du Cinéma, 1970-1982. São Paulo: Cosac Naify 2007. [S.l.: s.n.].
- DELEUZE, G. **Imagem-Tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DUBOIS, P. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FERRAZ, C. B. O. Cinema e Geografia: A Imagem e a Paisagem na Construção de uma Mitologia Moderna A Literatura, a Pintura e o filme de western (artigo inédito). Presidente Prudente, 2006.
- FERRAZ, C. B. O. Imagem e Geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Espaço & Geografia**, UnB, Brasília, v. 15, n. 2, p. 357 – 384, 2012. ISSN 1516-9375.
- FERRAZ, C. B. O. Linguagens Geográficas: multiplicidade e tensões (texto inédito). Presidente Prudente, 2015.

- FIORAVANTE, K. E.; FERREIRA, L. F. G. Ensino de Geografia e Cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 209 – 233, jul/dez 2016. ISSN 2236-3904.
- GALLO, S. **Educação e Deleuze**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: RS: Artes Médicas, 1997 [1988].
- GOMES, P. C. da C. **O lugar do Olhar - Elementos Para Uma Geografia da Visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- GOMES, P. C. da C. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- GOMES, P. C. da C. *et al.* **Olhares Geográficos**: Modos de Ver e Viver o Espaço. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- KNOPP, L. On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 47 – 55, 2007.
- LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1993.
- LOPES, S. R. C. **O Cinema no processo de ensino-aprendizagem da História e Geografia**. Setembro de 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MEDEIROS, S. A. L. de *et al.* **Imagens educativas do cinema/possibilidades cinematográficas da educação**. 2012. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1755>.
- MOREIRA, T. de A. Geografia e Cinema no Brasil: Estado da Arte. **Revista Eletrônica: Tempo - Terra - Território**, UnB, Brasília, v. 2, n. 1, p. 95 – 118, 2011. ISSN 2177-4366.
- MOREIRA, T. de A. Ensino de Geografia com o uso de filmes no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia - USP**, USP, São Paulo, v. 23, p. 55 – 82, fevereiro 2012. ISSN 0102-4582.
- MOREIRA, T. de A. Geografia e Cinema: Uma Revisão de Literatura. **Revista GeoPantanal**, UFMS/AGB, Corumbá, n. 19, p. 131 – 140, jul/dez 2015. ISSN 24468681.
- OLIVEIRA JR., W. M. **Combates e Experimentações**: singularidades do comum. In: FERRAZ, Cláudio B. O.; NUNES, Flaviana G. (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados: UFGD, 2013.
- PIMENTA, J. R. *et al.* (org.). **Geografias Pós-Coloniais**: ensaios de geografia cultural. Porto (PT): Editora Figueirinhas, 2007.
- ROCHA, H. *et al.* Assistindo a Geografia - O uso de filmes como recurso didático para o ensino geográfico. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Universidade Federal de Santa Maria, v. 21, n. 1, p. 157 – 166, 2017. ISSN 2236-4994.

SÁ, I. T. de. **Cinema e educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Anexos

Figura 33 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Nome: _____ Turma: _____

01. No seu dia-a-dia você frequentemente:

Lê livros: sim [] não []

Assiste séries: sim [] não []

Assiste televisão: sim [] não []

Assiste filmes: sim [] não []

02. Você assiste mais:

Televisão [] Filmes e Séries []

03. Você costuma ir no cinema: sim [] não []

Se sim, com qual frequência:

Raramente [] Todo mês [] Todo semana [] Mais vezes []

04. Sobre a disciplina de Geografia, você acha:

Interessante [] ou Desinteressante []

Existe só na escola [] ou Existe além da escola []

Um saber necessário [] ou Desnecessário []

05. Sobre a relação entre usar Cinema no ensino de Geografia, você acha:

Contribuiu na aproximação com a realidade? sim [] não []

Despertou mais seu interesse na aula? sim [] não []

Deveria ser usado mais vezes? sim [] não []

06. Sobre as cenas escolhidas e trabalhadas nas aulas de Geografia:

Tinham relação com os temas abordados: sim [] não []

Despertaram entendimentos além do texto sim [] não []

Possibilitaram uma aproximação com a Geografia sim [] não []

Figura 34 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

01_ O que você achou da experiência em usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Questionário elaborado pela autora

Figura 35 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Escola: _____ Ano: 1^o TB Data: 13-06-18

01. Com base nos temas abordados em cada disciplina (matemática financeira, sexualidade e a importância da educação), você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, Porquê?

sexualidade e em educação Para os
país e a escola Para Sociedade Sem
preconceito do família a foto

02. Se houve uma reflexão a partir deste trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)?

eu acho

03. Você considera que seria interessante se este trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, Porquê?

Figura 36 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Escola: Keyzo Ano: 2018 Data: 13/06/2018

01. Com base nos temas abordados em cada disciplina (matemática financeira, sexualidade e a importância da educação), você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, Porquê?

Sim.

02. Se houve uma reflexão a partir deste trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)?

Sim.
mas depende do contexto.
Um contexto que todos tenham
um conhecimento melhor pra todos.

03. Você considera que seria interessante se este trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, Porquê?

Sim.

Figura 37 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Escola: E.E. Keyzo Ishihara Ano: 1º TB Data: 13/06/18.

01. Com base nos temas abordados em cada disciplina (matemática financeira, sexualidade e a importância da educação), você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, Porquê?

Sim, eles mostram a nossa realidade.

02. Se houve uma reflexão a partir deste trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)?

Com certeza sim.

03. Você considera que seria interessante se este trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, Porquê?

Sim, isso nos faz refletir sobre muita coisa.

Figura 38 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Escola: Escola Municipal Américo Ano: _____ Data: 15/06/18

01. Com base nos temas abordados em cada disciplina (matemática financeira, sexualidade e a importância da educação), você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, Porquê?

Sim porque não importa se
é todo sexual ou se é Homem
sexual o importante é que temas
que res, certo e próximo

02. Se houve uma reflexão a partir deste trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)?

Sim

03. Você considera que seria interessante se este trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, Porquê?

Sim porque é uma forma de
temas reflexões

Figura 39 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Escola: _____ Ano: 1º Data: 13/06/17

01. Com base nos temas abordados em cada disciplina (matemática financeira, sexualidade e a importância da educação), você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, Porquê?

Sim porque fazem nos refletir

02. Se houve uma reflexão a partir deste trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)?

sim pelo cinema ^{via} e mais claro

03. Você considera que seria interessante se este trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, Porquê?

sim

Figura 40 – Questionário alunos EJA – Escola Keyzo Ishihara

Escola: _____ Ano: 12 TB Data: 13/10/18

01. Com base nos temas abordados em cada disciplina (matemática financeira, sexualidade e a importância da educação), você considera que os filmes trabalhados possibilitaram reflexões que não seriam possíveis sem eles? Se sim ou não, Porquê?

Sim acho que esses e importantes

02. Se houve uma reflexão a partir deste trabalho com os filmes, acha que seria possível tais reflexões com outras linguagens sem ser o cinema? (ex: poesia, música, teatro, etc.)?

sim acho que seria diferente

03. Você considera que seria interessante se este trabalho interdisciplinar com novas linguagens artísticas, como o cinema, fosse mais presente na escola? Se sim ou não, Porquê?

Figura 41 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Uma experiência muito boa, diferente e interessante, pois é uma aula diferenciada onde desperta mais a curiosidade e o interesse do aluno. É só um meio em que pode mostrar como a geografia está quase em tudo em que nós vemos, em nosso cotidiano e como ela está, de alguma forma, na maioria dos filmes em que assistimos e não percebemos, assim podemos aplicar ou aprender mais sobre essa disciplina.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Uma experiência positiva, pois foi um meio em que tivemos a total liberdade de escolher um filme, só se quiser em que gostasse e achasse interessante, onde poderíamos trabalhar e alcançar mais conhecimento das matérias de uma forma diferente. Poder identificar em qual cena do filme retrata algo relacionado a essas disciplinas.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Gostaria que em outras disciplinas também trabalhasse ou usasse esse meio de aprendizagem em algumas aulas, pois é uma proposta diferente e positiva, onde pode-se trabalhar determinada tema que está aprendendo em determinada matéria. Negativo seria a colaboração que nem todos os alunos possuem.

Figura 42 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Foi algo que acrescentou e esclareceu a matéria da qual estamos estudando, já que visualmente, mesmo que excerto, é mais claro e entendimento, auxiliando até mesmo a fixação da informação

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Foi algo que me fez refletir sobre o ambiente em que diversos informações se encaixam e convergem entre si em alguns pontos

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

O ponto positivo é que se gera um maior interesse dos alunos pelo tema, justamente por ser um filme, já que o conteúdo é abordado de maneira mais despojada e livre, saindo de praxe do uso de palavras formais e "abstratas" que dificultam o entendimento.
Não existem pontos negativos

Figura 43 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

É muito interessante pois agrega uma compreensão superior da geografia através de recursos visuais e proporcionando um debate que aproxima os alunos aos temas.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Muito (muito) interessante pois permitiu identificar as habilidades de cada matéria e ao mesmo tempo aproximar (também) que aproxima as (matr) matérias também as distingue.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

positivos: traz interação dos alunos para aula; compreensão do tema que está sendo passado e cria um processo de método avançado de passar a matéria e os alunos respondem.

negativos: O único ponto negativo foi a relação do tema que trouxe, mas isso é um problema da escola e não da didática.

Figura 44 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Acho boa, pois desperta mais o interesse dos alunos na aula, por conta de todos ter uma relação boa com filmes, e também porque muda um pouco a rotina das aulas.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Bem interessante, pois ao temas abordados nos filmes são fáceis de compreender, e assim consegue rapidamente fazer relação com a geografia e sociologia, por ser algo presente no mundo todo.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Os pontos positivos é que muda um pouco da "monotonia" das aulas e também porque filmes ~~é~~ é algo que a maioria gosta e tem muito acesso. Os pontos negativos seriam os alunos não dando muita importância em tentar entender e se aprofundar nos assuntos abordados nos filmes.

Figura 45 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

As aulas ficam muito mais interessantes, pois desperta
 mais muitas curiosidades que uma aula normal
 não teria.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Percebi memorias e ~~isso~~ deveria ter acontecido mais ao
 longo do ano, pois traria muito mais alunos para as
 duas ~~distintas~~ disciplinas fazendo com que as aulas
 fiquem mais interessantes.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Positivos: Aulas mais interessantes e divertidas.

Negativos: O tempo (demora pouco) é sempre o problema.

Figura 46 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Achei muito interessante, e legal. Porque se a gente for olhar mais pelo lado sociológico e geográfico, tem muito haver a geografia com a maior parte dos filmes, mas não reparamos muito.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Achei uma ideia muito boa e despertou o interesse nas matérias através dos filmes.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Positivos: É muito mais fácil entender alguns assuntos através de filmes.

Negativos: não acho que há

Figura 47 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Eu gostei da importância, pois com isso os alunos conseguiram despertar um interesse maior pela Geografia, nos aproximando assim da realidade em que vivemos e o assunto abordado.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Eu gostei, porque muitas vezes não conseguimos relacionar ambos os assuntos, sendo o que eles se complementam, e não muito presentes em nosso dia a dia.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Os pontos positivos é que há uma maior ligação com uma realidade que não costumamos perceber, dessa forma nos aproximando da situação. Os pontos negativos muitas vezes vem dos alunos, já que muitos demonstram desinteresse pelo assunto.

Figura 48 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Gostei bastante, pois gosto bastante de Geografia, porém como meus amigos não gostam muito, acaba que não conseguimos conversar sobre esses assuntos, e com o filme conseguimos mesmo que pareça inadvertidamente

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Mostrou como ocorre a interdisciplinar, consegui perceber melhor aspectos que ocorrem no nosso (do) cotidiano

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

O único ponto negativo, é que tem gente que não participa e acaba atrapalhar quem ~~está~~ quer aprender?

Figura 49 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Achei bem interessante pois isso tornou a aula mais dinâmica, o que despertou mais o interesse de nós, alunos.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Sei uma ótima experiência, porque esse trabalho interdisciplinar nos proporciona relacionar essas matérias com a sociedade.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Como citado na questão 1, o fato de relacionar o cinema presente em nossa vida a vida torna o interesse dos alunos mais despertado.

Figura 50 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Achei interessante abordar filmes durante a aula, mostra mais a realidade e uma perspectiva melhor do tema

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Achei muito boa, fez com que obtivesse mais interesse dos alunos em aplicar o que estudaram para gerenciar.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

positivo: nenhuma abordagem negativa tendo mais ampliação da geografia usando filme
negativo: de que tem

Negativo: nenhuma

Figura 51 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

· Foi uma ótima experiência, durante as aulas os alunos ficaram mais atentos

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Com esta experiência conseguimos abranger uma vasta área relacionada a sociologia

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Os alunos ficam mais atentos e conversam menos. As aulas relacionam sociologia com geografia e assim aprende-se mais.

Figura 52 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Muito interessante, nunca havia parado para pensar na Geografia do filme; sempre focando mais na história que está sendo passada. Foi um trabalho que todos participaram, e sei que a maioria curtiu fazer. Além de ver a Geografia, conhecemos diferentes filmes, e foi ótimo poder discutir sobre isso e aprender mais.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Geografia e Sociologia andam juntas, compreender sobre elas além da história do filme, foi muito interessante.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Positivo: - é uma boa forma para ajudar os alunos a aprender a disciplina de uma maneira que todos podem se interessar, sendo o cinema algo que todos gostamos.

Figura 53 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Para mostrar que a geografia não é somente em escola ou em mapas e sim vai muito além disso.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

tem muitas semelhanças.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

O cinema mostra a realidade por um lado.

Figura 54 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Bem mais interessante, pois deixa a aula mais bem explicada, e mostra também o que cada um conhece e acha sobre a geografia;

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

mostrei meu potencial, seguindo o tema abordado;

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Positivos - os alunos mostram o que sabem e o que entenderam.

negativo - falta de respeito dos alunos (sala mais dispersada).

Figura 55 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Extremamente útil pois sai um pouco do contexto teórico

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

ótimo Passou a enxergar relação em diversos filmes

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

- legal
- interessante
- divertido

Figura 56 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Achei bom e nos ajudou muito a entender e perceber que a geografia está presente em tudo em nossa volta.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Achei algo bem diferente, dinâmica.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Figura 57 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Achei bom e nos ajudou muito a entender e perceber que a geografia está presente em tudo em nossa volta.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Achei algo bem diferente, dinâmica.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Figura 58 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Que com isso (filme) tem como você entender mais a geografia no seu dia a dia, e uma maneira muito mais fácil de se aprender, e com isso mostra que estudar não é chato e que está no nosso dia a dia

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Eu acho uma experiência muito boa pois ~~at~~ ~~so~~ a gente saiu um pouco daquela coisa da sala de aula, que para quem estuda em período integral, gostei bastante e espero que aconteça da qui para frente com a futura geração

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Negativo → Nenhum

Positivo → Eu gostei bastante da ideia e iria ser muito bom se as escolas comesçassem a fazer isso nas aulas.

Figura 59 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

interessante, pois faz o aluno ficar ligado na aula e não é cansativo.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

ótimo, eu nunca soucia separado que é possível retirar tanta informação de um simples filme.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Não há pontos negativos, pois eu acho que é uma aula diferente e inovada.

Figura 60 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Um pouco mais diferenciada, mas não despertou tanto o meu interesse, mas acho que é bom de contrair um pouco de vez em quando, não só com filmes apenas pois ~~isso~~ deixa muitas pessoas com sono e desinteressadas pelo "impressão que esse tipo de aula dá, que não seria importante que não é uma aula de verdade.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Legal, mas poderia ter mais participação dos alunos que não estão apresentando.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

O positivo é que pode despertar com interesse em alguém e negativo é que sem a participação dos alunos, acredito eu, muitos vão dormir ou ficar se distraindo com o filme não se dá seu gosto.

Figura 61 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Eu achei interessante por que tem a ver com a realidade do dia dia e é importante falarmos mais sobre isso.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Eu achei uma boa experiência por temas mais conhecidos sobre

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Os pontos positivos e que sabemos mais sobre e não tem pontos negativos

Figura 62 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Eu achei bem legal, eu não gosto de geografia mas com os filmes eu consegui prestar mais atenção nas aulas.
(cenas)

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

É bem legal, deu um pouco de trabalho para achar um filme que se iniciasse nas duas matérias, mas as apresentações ajudam na compreensão.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Os pontos negativos são as conversas, porque muitas alunos pensam "é filme, não é importante".
Os pontos positivos são a maior facilidade de compreensão em alguns temas e a ~~interação~~ interação entre os alunos e professores.

Figura 63 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Uma ótima experiência. Poderíamos ter mais aulas assim, pois a maioria interage e acaba sendo mais "fácil" de entender e também é uma forma diversificada de aprender.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Boa, pois vemos que tem coisas no mesmo dia-a-dia que as duas disciplinas estão relacionadas.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Figura 64 – Questionário alunos Ensino Regular Integral – Escola Alberto Torres

01_ O que você achou da experiência de usar cenas de filmes nas aulas de Geografia?

Achei muito fácil e útil. Conseguimos ter a geografia no nosso cotidiano.

02_ O que você achou da experiência de fazer esse trabalho relacionando a Geografia e a Sociologia com as cenas dos filmes?

Como as duas matérias luto gostei muito e achei que despertou interesse e curiosidade nos outros alunos que não costumam ler e etc.

03_ Quais pontos você acha positivos e negativos de se trabalhar o cinema na Geografia como também em outras disciplinas na Escola?

Acho positivo que despertou interesse no materia, porém achei negativo a falta de não alcançarmos a leitura e estimular a pois cada vez mais estamos deixando de ler e nos tornando de analfabetos funcionais.

